

NO. 1 LUI LUI

ERE

86 lid

RIPCO

**! CAUTION**  
ORIGINAL LUI LUI CO.







Jesse  
Mendes  
HAWAII

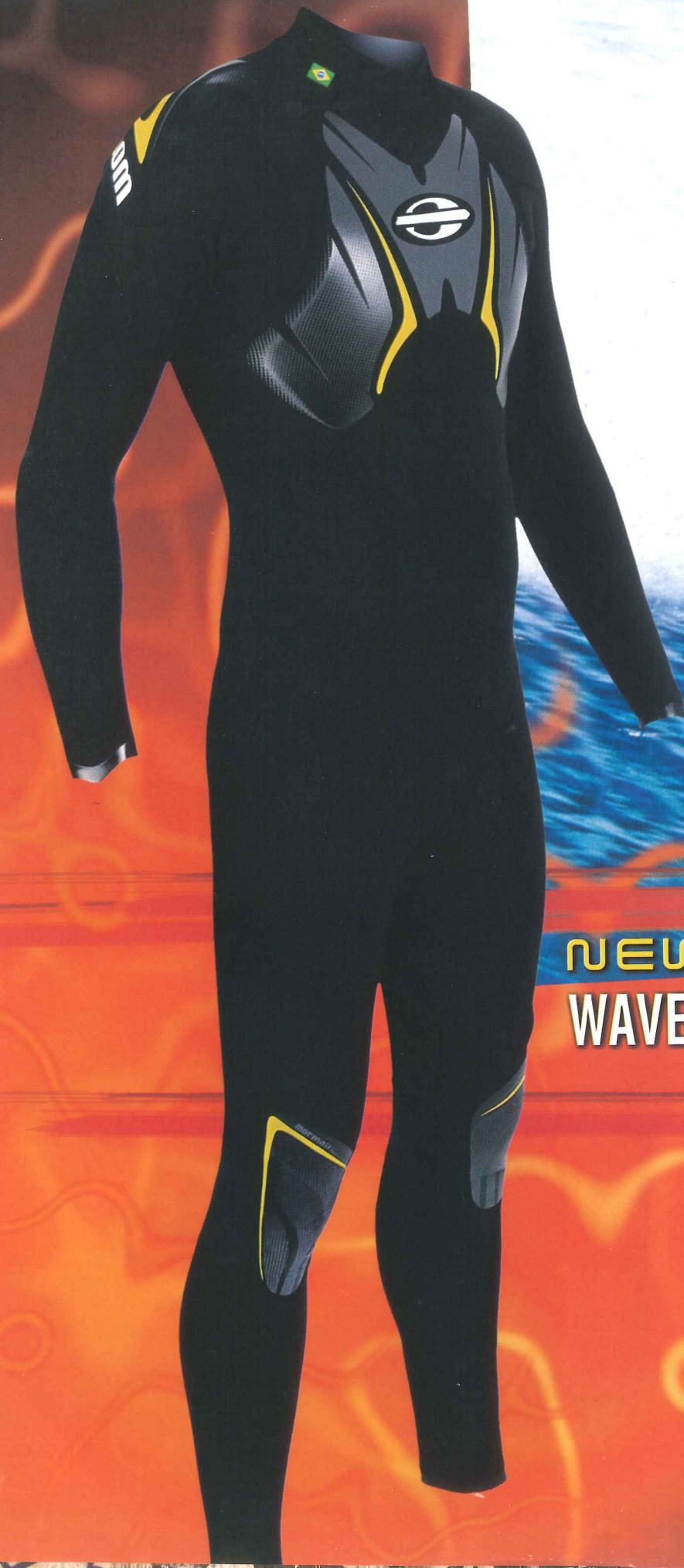


www.luilui.com.br



www.be-errredesign.com.br

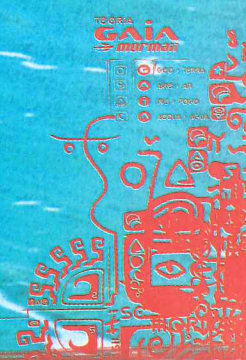




**NEW**  
**WAVE FLYER**



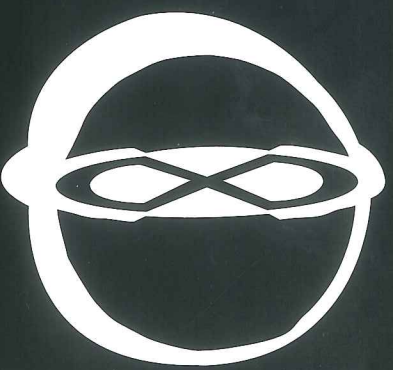
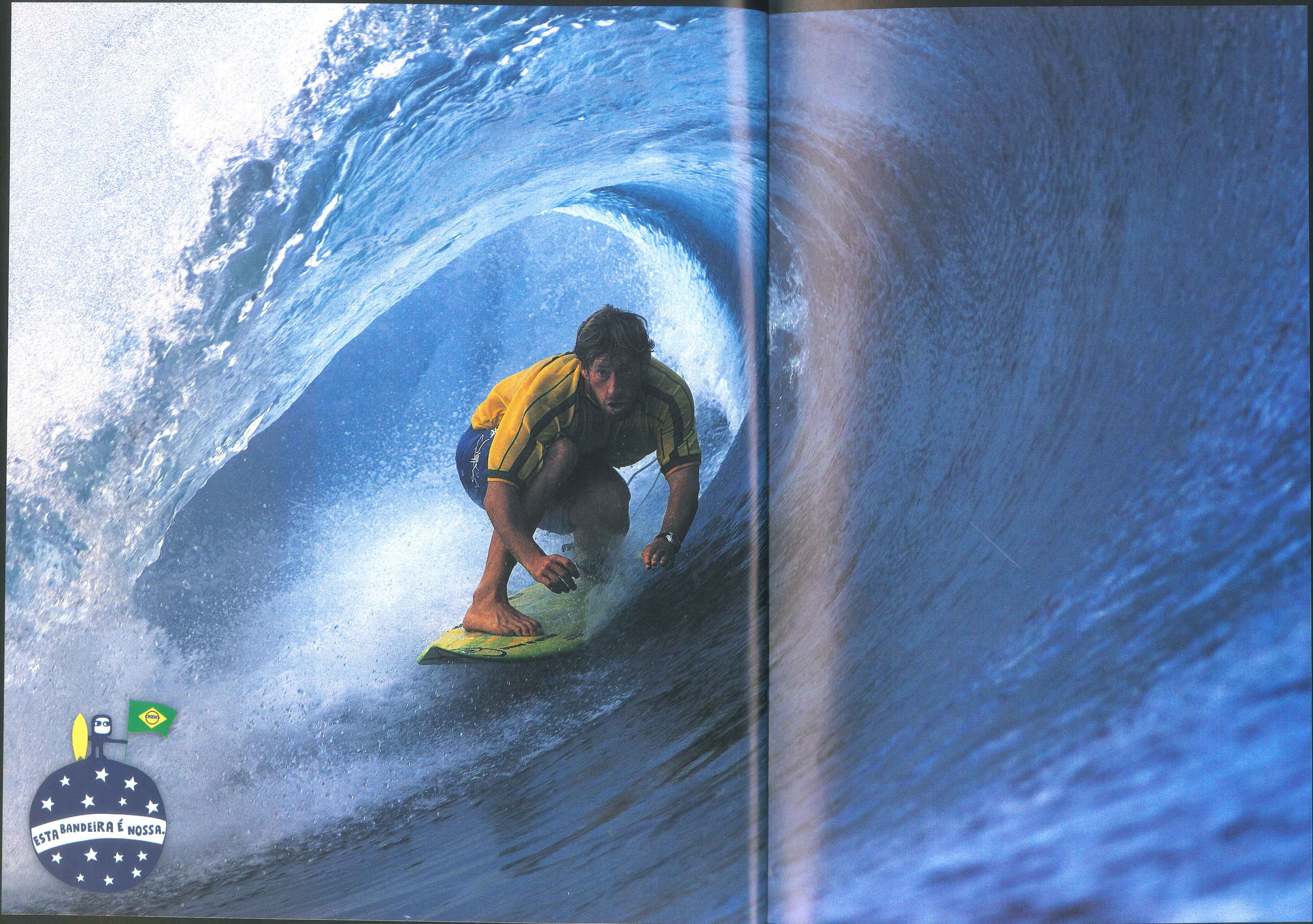
**NECO PADARATZ**  
foto: Marcio David



- Design anatómico
- 100% Stretch
- Costura a prova d'água
- Acqua Block Surface nas costas e peito
- Reforço P-VC nos joelhos
- T-PU nos punhos e tornozelos
- Zipper YKK metal com trava automática
- Espessura: 3/2mm
- E o mais importante... a qualidade Marmati



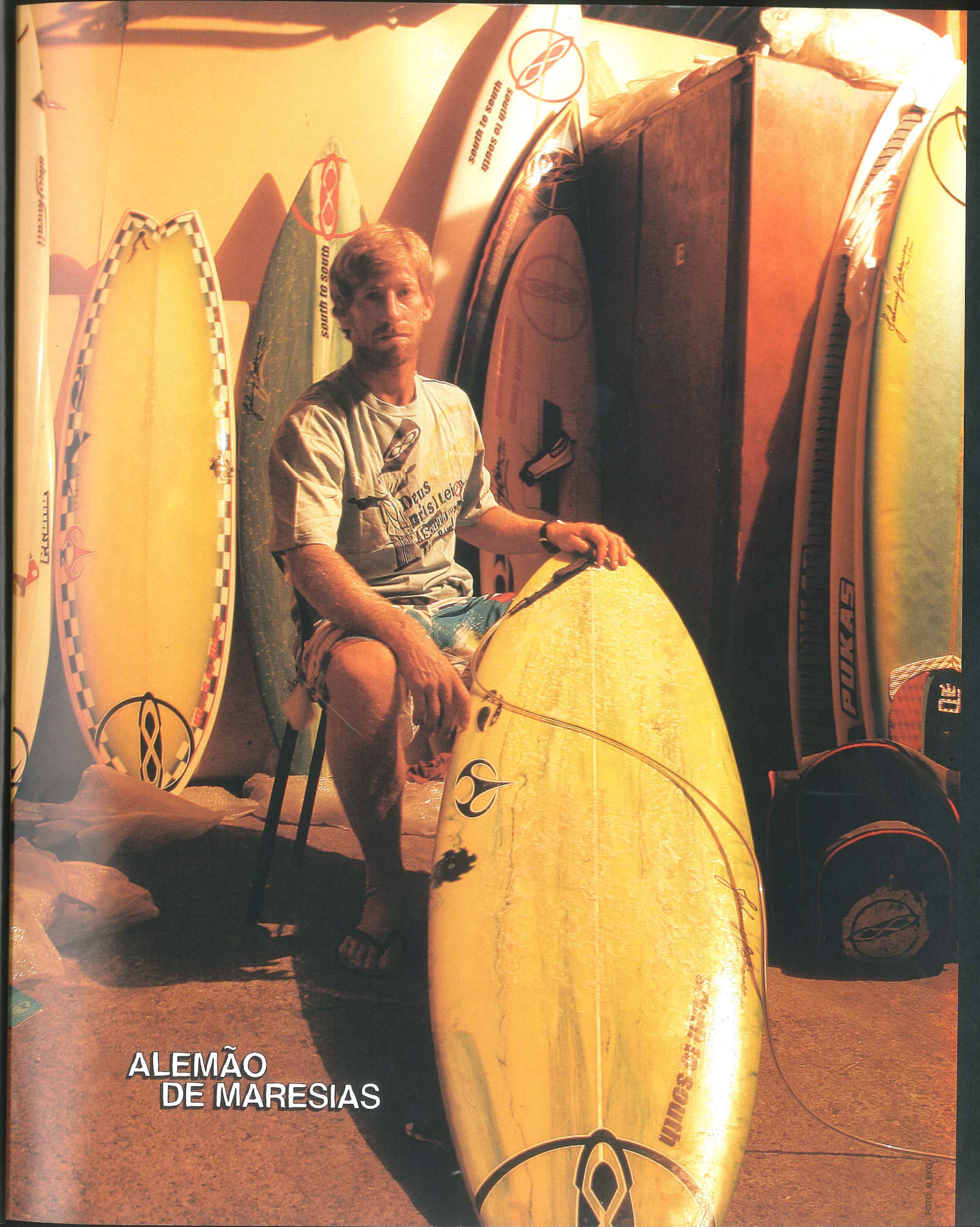






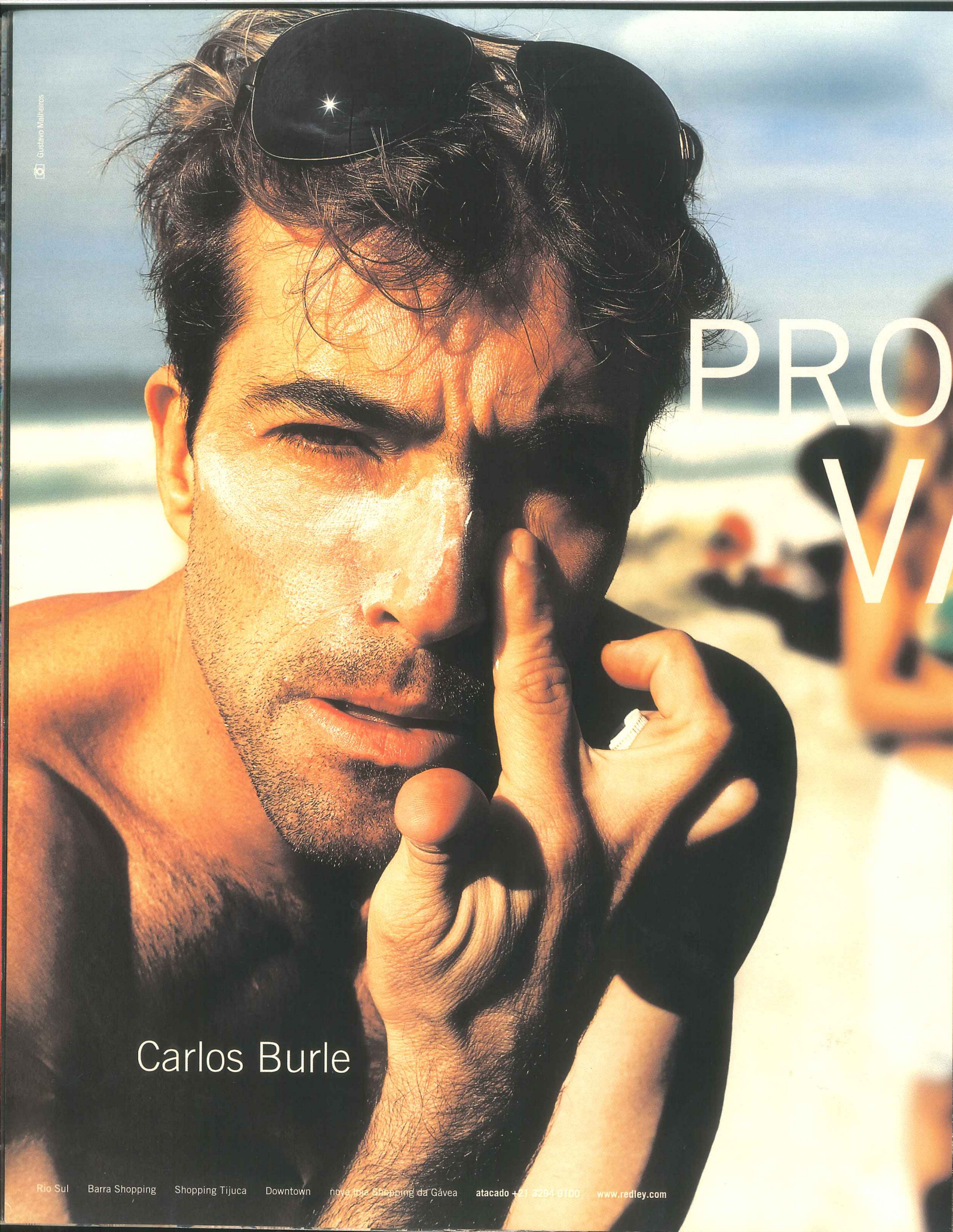


**SOUTH TO SOUTH**



**ALEMÃO  
DE MARESIAS**





Carlos Burle

# PROFESSIONAL VAGABOND



# REDLEY

JORNADA DE SOL A SOL

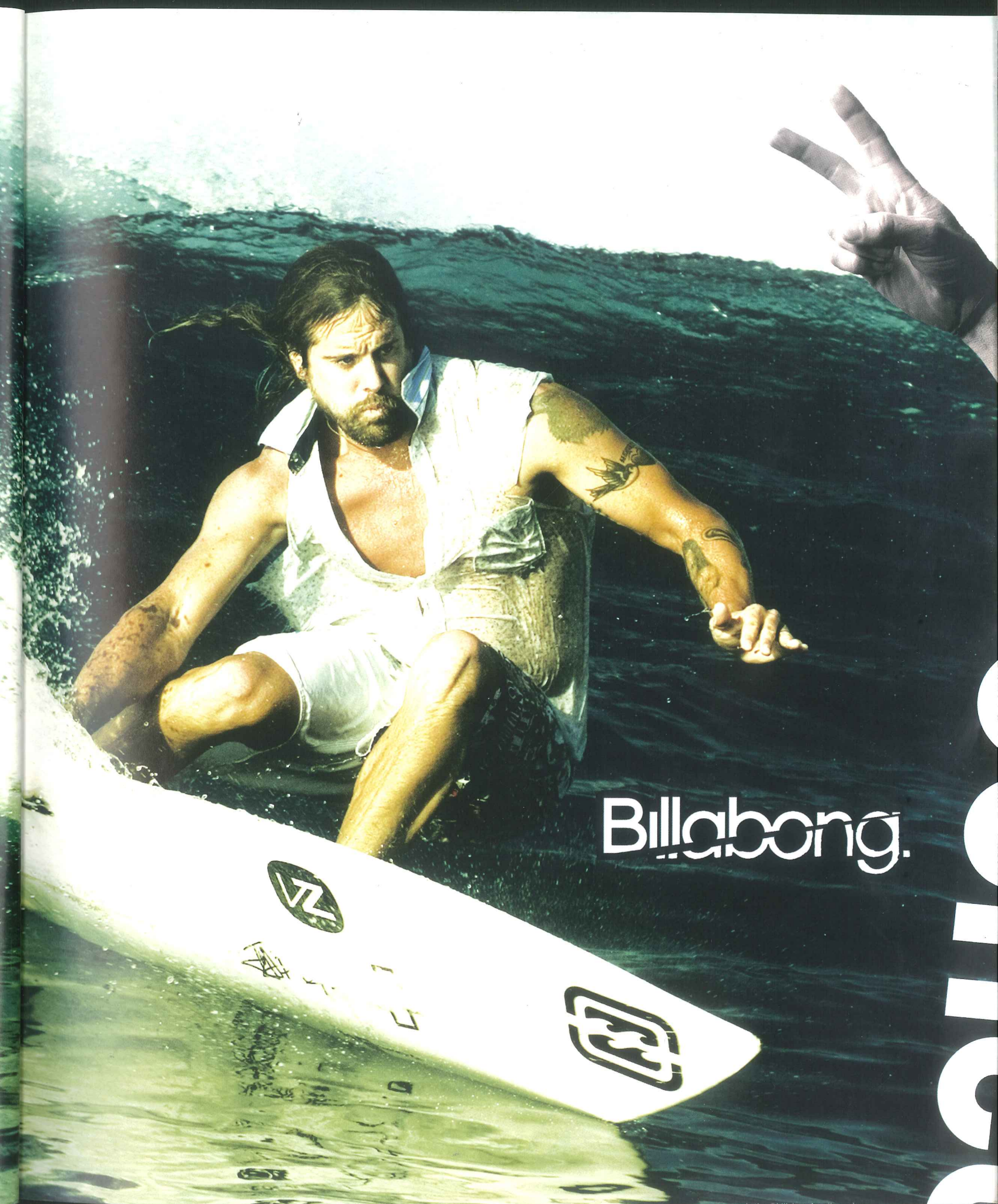




Billabong



 Donavon  
Frankenreiter  
[www.billabong.com](http://www.billabong.com)



Billabong.

Billabong





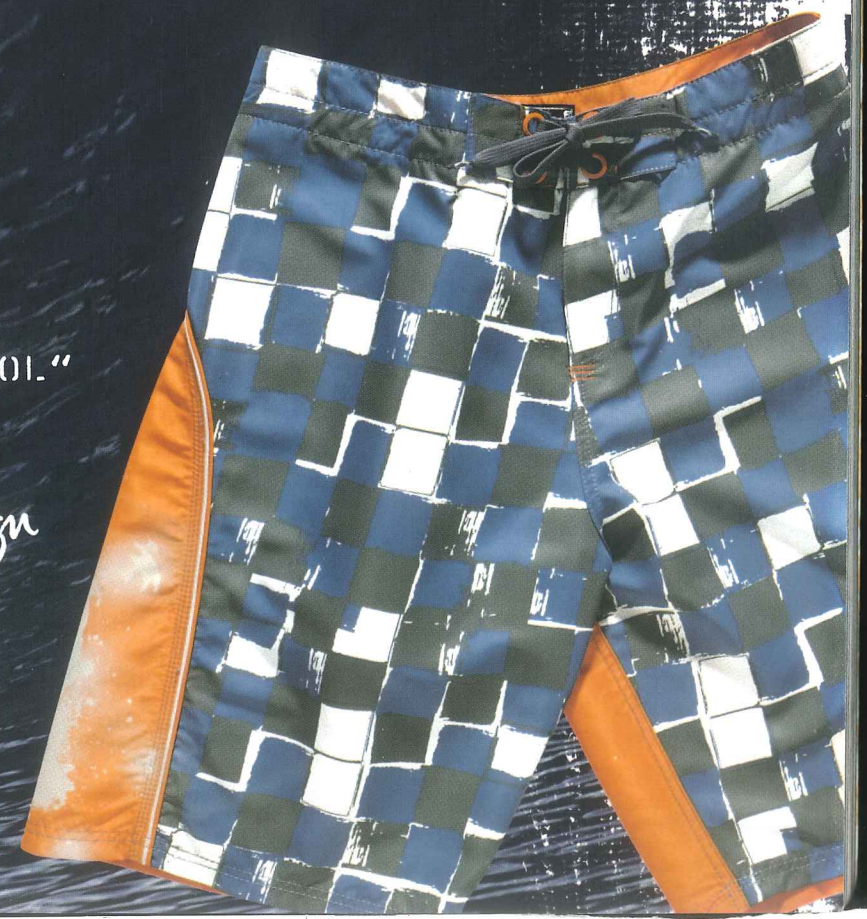
OAKLEY®



Adriano De Souza



"11001."  
quide-dry fabric  
progressive design





# editorial

## O melhor dos tempos

Um swell atrás do outro vem consolidando o recorde para 2006 em tamanho e frequência das ondas.

Em leilão feito por amigos para amigos arrecadou cerca de R\$ 30.000,00 para o Taiu, nosso maior professor da vida.

O fotógrafo Aleko Stergiou se juntou aos melhores surfistas brasileiros e a Deus e, juntos, transformaram o Tahiti em um estúdio natural. Os nossos surfistas, em modelos. Quem diria, isso mesmo, uma maravilhosa produção surfística, jamais alcançada; vejam e confirmem.

O maior player do mercado mundial recebe a mim e a meu eterno parceiro Rosaldo Cavalcanti para uma tarde de elaboração e conversa sobre o surf em todos os níveis. Bob McKnight responde o que você quer saber e aposta tudo em legitimidade, paixão e verdade para o segmento arriscar. Alemão de Maresias fabrica o 'puromana' em Páscoa, até então mitificada e temida, agora domada e amada. Rapa Nui ganhou sua primeira abordagem maravilhosa; acompanhe mais este iluminado trabalho do fotógrafo Aleko.

Movimentos culturais explodindo pelo mundo, Kokua Festival, Against the Grain, e o lançamento da III Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf, com o Festival de Cinema Surf, este ano com a música no Alma Surf Festival.

No Oriente, a yoga e os lugares mais altos e místicos do mundo dropados. O Himalaya foi surfado pelos irmãos Oskar e Leonardo Metsavaht, de snow, de moto e por meio da meditação. Aproveite, medite com eles.

O free tow-in surf é apresentado por um empresário paulista de 48 anos, que surfou ondas de 20 pés em Pico Alto; ou seja, que tempos são estes, maravilhosos... que garotos cinqüentões descubram novos limites!

Com tanta coisa boa, celebre, grite, comemore; temos milhões de pessoas vivendo de surf, neste que é o melhor dos tempos...

Surfe, seja como for, na música, na moto, na cama, no surf.

Arrisque-se, medite, ganhe consciência, aqui e agora.

Aloha

Romeu Andreatta

**COSMMOS DO BRASIL  
PRODUÇÃO EDITORIAL**  
Maria Dias Carvalho

**ALMA SURF**

**Publisher**  
Romeu Andreatta Filho

**Editor Assistente**  
Adriano Vasconcelos  
vasconcelos@almasurf.com.br

**Direção de Arte**  
André Brugioni Poli

**Design Gráfico e Arte Finalista**  
André Chiodo Silva

**Revisão**  
Francisco José M. Couto

**Colaboraram nesta Edição:**

**Textos**  
Alceu Toledo Junior, Aleko Stergiou,  
Juliana Sana Moraes, Rosaldo  
Cavalcanti, Taiu Bueno, Terras de  
Aventura Produções

**Fotos**  
Aleko Stergiou, Ju Moraes, Terras de  
Aventura Produções, Weston Boyles

**Publicidade**  
Camila Curi  
camila@almasurf.com.br

**Departamento Financeiro**  
Fabio Augusto Pilch  
fabio@almasurf.com.br

**Distribuição**  
Dinap S.A. Distribuidora Nacional de  
Publicações

**Estúdio**  
Augusto Associados

**Impressão**  
Padilla

**Jornalista Responsável**  
Adriano Vasconcelos  
MTB 45720

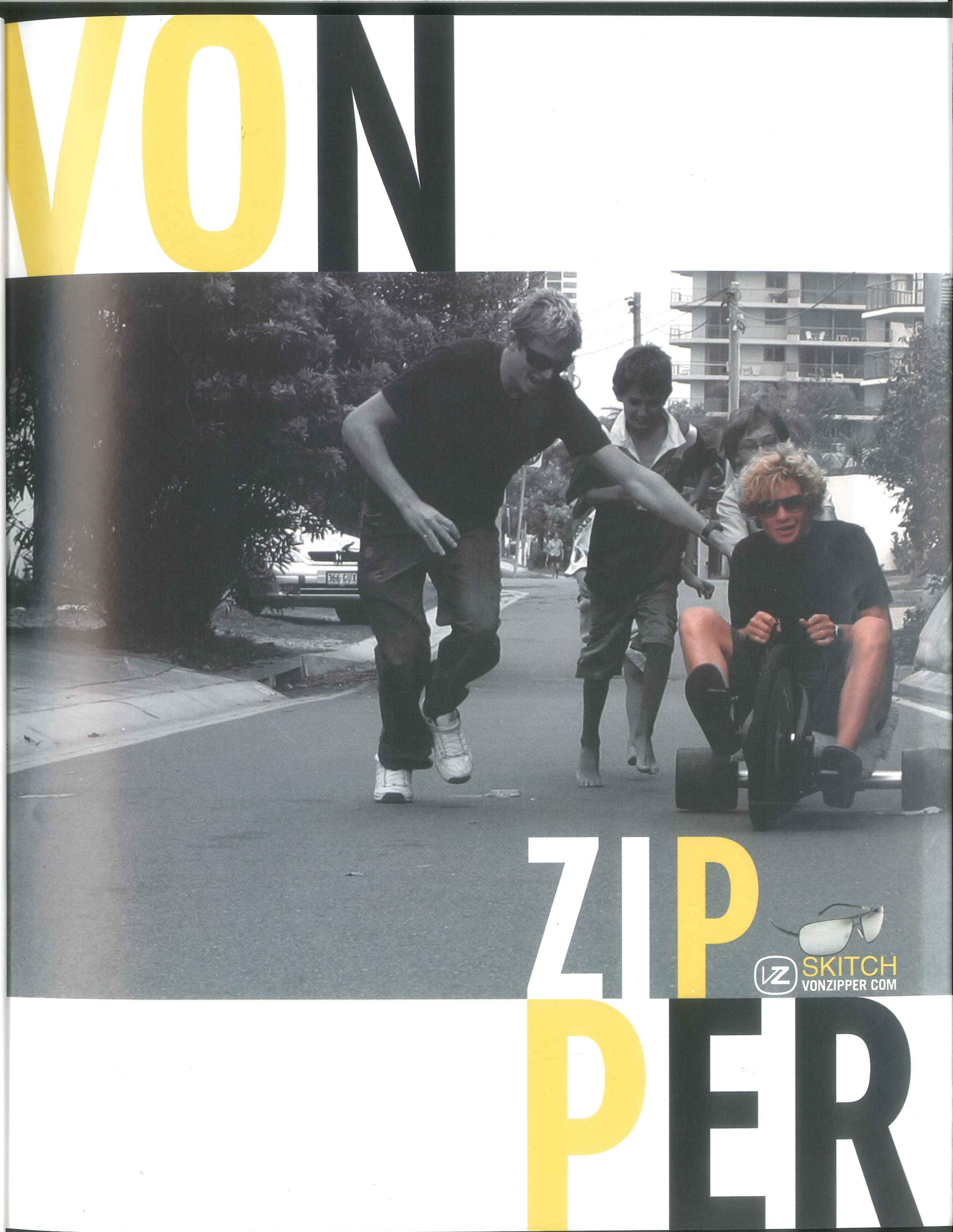
A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

**Alma Cultural**  
Fabio Augusto Pilch  
fabio@almasurf.com.br

**Correspondência**  
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295  
Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060  
Telefone: (11) 3744-3711

e-mail: [almasurf@almasurf.com.br](mailto:almasurf@almasurf.com.br)  
[www.almasurf.com.br](http://www.almasurf.com.br)  
Para assinar: (11) 3744-3711  
[assinatura@almasurf.com.br](mailto:assinatura@almasurf.com.br)

Tiragem desta edição: 25.000 exemplares







www.775brasil.com.br

*espírito havaiano  
sonho brasileiro*



*Brasil* 

© seandavey.com



# índice

22

Notícias da alma, por Rosaldo Cavalcanti

26

Ondas Curtas, por Alceu Toledo Junior

30

INTERVIEW BOB MCKNIGHT

40

KOKUA FESTIVAL

48

STUDIO TAHITI

74

AGAINST THE GRAIN, ART SHOW

80

ILHA DE PÁSCOA E A BUSCA RAPA NUI

94

ALMAQUATICA

100

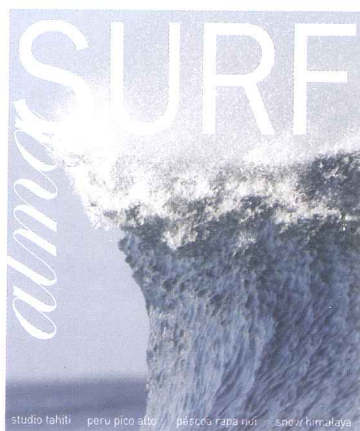
FREE TOW-IN SURF PICO ALTO

110

HIMALAYA

126

Surf Cósmico, por Taiu Bueno



capa:  
Studio Tahiti  
foto:  
Aleko Stergiou

**Kenner**<sup>®</sup>  
ORIGINAL



**KIVAH**<sup>®</sup>

[www.sandaliaskenner.com.br](http://www.sandaliaskenner.com.br)



# notícias da alma

Por Rosaldo Cavalcanti

## FRASE

"Surfei as melhores e as maiores ondas nos mais famosos e perigosos picos do planeta."

Damick Doerner, que começou a surfar em Malibu, na Califórnia, mas que passou boa parte da vida trabalhando como salva-vidas e big rider, enquanto pegava onda no North Shore de Oahu, no Hawaii.

## ASP NEWS

Ainda faltam alguns meses para o término da temporada 2006, mas a ASP (Association of Surfing Professionals) já decidiu realizar pelo menos uma mudança no calendário de 2007 do circuito mundial feminino: o cancelamento da etapa de Teahupoo. Além do perigo de colocar as meninas para competir numa onda tão perigosa, a ASP alegou falta de tempo suficiente para realizar a prova em condições adequadas, uma vez que a etapa feminina é disputada simultaneamente com a categoria dos homens, que sempre tem a preferência quando as ondas estão boas.

## CASAMENTO PERFEITO

A surfista australiana Chelsea Georgeson, campeã mundial em 2005, gostou tanto das pranchas que o shaper Jason Hedges andou fazendo pra ela que, acabou se casando com ele. Isso é o que eu chamo de um bom "entrosamento" entre surfista e shaper. Imaginem se a moda pega...

## ESTUDO CONFIRMA: AQUECIMENTO CRIA FURACÕES MAIS FORTES

Um novo estudo aponta que o aumento da temperatura dos oceanos é a principal causa para a formação de furacões cada vez mais poderosos. O estudo foi publicado na revista *Science*, edição de março de 2006.

Enquanto na década de 70, a média de furacões nas categorias 4 e 5 (dentro de uma escala chamada Saffir-Simpson, que considera a pressão medida no centro do fenômeno, velocidade dos ventos e tempestades provocadas pelo furacão, sendo que a categoria 5 é a mais forte) era de 10 por ano, desde os anos 90 o

número praticamente dobrou, chegando à marca anual de 18. O Katrina, por exemplo, foi considerado de categoria 5, registrando ventos superiores a 250 km/h. O Wilma, em 2005, muito mais intenso, estabeleceu um novo recorde, com ventos alcançando 280 km/h, destruindo tudo o que estava em seu caminho.

Para chegar a esses resultados, os pesquisadores usaram modelos estatísticos e técnicas baseadas em matemática para apontar as causas do aumento da força dos furacões entre 1970 e 2004, isso em seis oceanos, inclusive o Atlântico norte, o Pacífico e o Índico.

## MAIS SECA NA ÁFRICA, E MENOS GELO NA ANTÁRTICA

Outras duas pesquisas realizadas recentemente revelam novos sinais de que o aquecimento global também influencia de forma significativa o clima do planeta. Imagens de satélites mostraram alterações na cobertura da camada de gelo da Antártida e do crescimento da área dos desertos da África. Segundo os resultados dos estudos, enquanto a calota polar está diminuindo, os desertos vêm aumentando de tamanho. Os resultados da pesquisa também foram publicados na revista *Science*. De acordo com um deles, a Antártida já perdeu boa parte de sua área gelada, onde está cerca de 90% da água doce do planeta. O degelo do pólo sul deve causar um aumento significativo no nível dos oceanos nos próximos anos. O estudo analisou dados coletados entre 2002 a 2005.

## RECORDE NA EMISSÃO DE GASES DO EFEITO ESTUFA EM 2004

Segundo a Organização Mundial de Meteorologia (OMM), os gases produzidos pelo efeito estufa alcançaram níveis recordes em 2004. Os cientistas garantem que uma maior concentração desses gases na atmosfera é responsável pelo aquecimento global e pelas mudanças climáticas no planeta.

O gás carbônico é lançado em larga escala na atmosfera pela queima de combustíveis fósseis, que inclui atividades como indústria e transporte. Segundo a OMM, a emissão desse gás é responsável por 90% do aquecimento na última década. Caso essa tendência não seja modificada, ondas de calor, secas, enchentes e o aumento do nível dos oceanos podem vir a ocorrer nos próximos anos. O Protocolo de Kyoto, de 1992, obriga os

países industrializados a reduzir as emissões de gás carbônico para reduzir o efeito estufa. No entanto, o tratado perdeu força depois de 2001, quando os Estados Unidos se descomprometeram com suas metas.

## SAVE THE WAVES

*The Lost Jewel of the Atlantic* é o nome do filme que mostra como foi descoberta pelos surfistas, e posteriormente destruída pelo governo português, uma das melhores ondas da ilha da Madeira. O filme, produzido com o apoio da Surf Industry Manufacturers Association (SIMA), da Newman's Own e da Patagônia, e foi lançado este ano durante o Santa Cruz Film Festival, realizado no mês de maio.

## TSUNAMIS E TERREMOTOS NA INDONÉSIA

Nos últimos dois anos a Indonésia vem sofrendo com os efeitos de uma série de terremotos e tsunamis. O motivo de tantos tremores de terra é a localização geográfica do arquipélago indonésio, onde o encontro de placas continentais causa uma alta atividade sísmica e vulcânica, em uma região chamada 'Anel de Fogo' do Pacífico.

Em dezembro de 2004, um tsunami provocado pelo maior sismo das últimas quatro décadas, após o de 9,5 graus produzido em 1960 no Chile, arrasou o litoral de 11 nações do oceano Índico e causou a morte de mais de 220 mil pessoas. Muitos cientistas vêm afirmando que é apenas uma questão de tempo até que um terremoto de proporções ainda mais catastróficas atinja a Indonésia.

## NOVA ESPÉCIE DE TUBARÃO É DESCOBERTA NO MÉXICO

Uma nova espécie de tubarão foi identificada no mar de Cortez, na costa mexicana – a primeira descoberta na região em 34 anos. O animal é delgado, tem 1,5 metro de comprimento, coloração marrom-escura e manchas claras. A nova espécie foi chamada de *Mustelus hacat* ("hacat", é a palavra usada no dialeto indígena local para designar tubarão). A nova espécie de hacat tem como principais características sua cor escura como café forte, e marcas claras nas extremidades e nas nadadeiras.

## ENTREVISTA BEN HARPER

Eu estava no saguão do aeroporto de LA (Los Angeles, na Califórnia), esperando o check-in do meu vôo para Sydney, quando vi um sujeito com uma fisionomia conhecida, carregando um violão e vindo em minha direção. O cara parou bem atrás de mim e me perguntou se aquela era mesmo a fila do check-in para a Austrália. Respondi que sim, antes de emendar a seguinte pergunta: "Você é o Ben Harper?"

Ben deu uma risadinha antes de balançar a cabeça afirmativamente e perguntar se aquelas pranchas eram minhas. Graças a uma feliz coincidência e ao meu instinto de jornalista, consegui a seguinte entrevista:

**Rosaldo:** O que você está indo fazer na Austrália?

**Ben Harper:** Quatro shows. E você, está indo surfar?

**R:** Vou surfar e trabalhar um pouco. Você surfa?

**BH:** Claro! Gosto de surfar pelo menos uma vez por semana. Meu surf está melhorando. Já peguei altas ondas na Austrália. Byron Bay é meu pico favorito.

**R:** É mesmo verdade que o Jack Johnson já te deu umas aulas de surf?

**BH:** O Jack é o cara. Ele surfa muito. Me amarro no estilo dele. Surf para ele é algo natural. Assim como respirar. Aprendi muito vendo o Jack surfar.

**R:** O que te levou a surfar? Qual é a sua ligação com o surf?

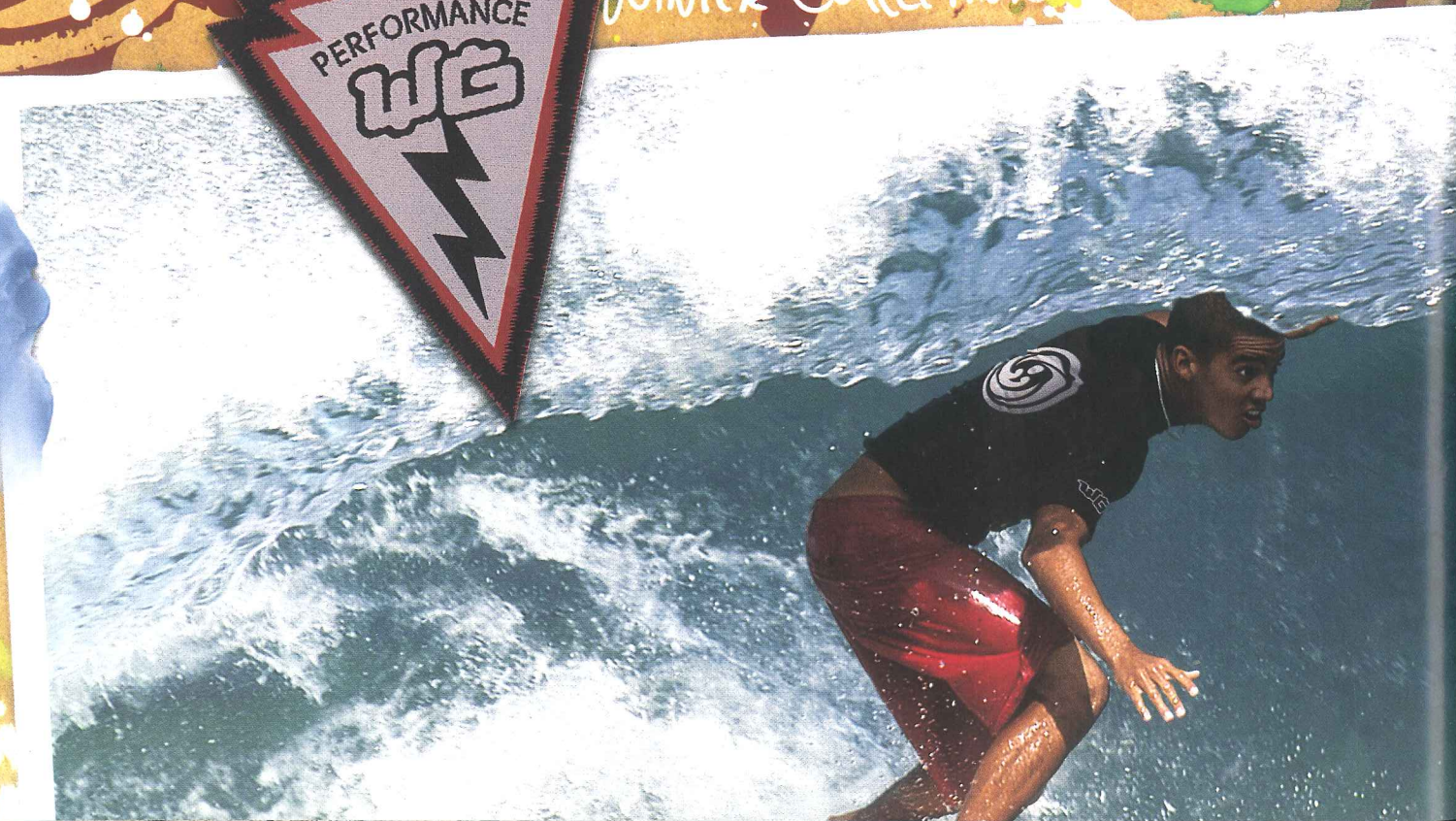
**BH:** O que eu mais gosto no surf é que ele nos ajuda a relaxar... a desligar a mente. Quando estamos surfando não pensamos em mais nada. É uma maneira que tenho de me desligar da minha rotina diária.

Antes de nos separarmos, Ben viaja de primeira classe, ainda teve tempo de lhe entregar uma edição da ALMA SURF e convidá-lo para dar um show em São Paulo durante o ALMA SURF FESTIVAL. Ben se amarrô na revista e gostou da idéia de voltar ao Brasil em 2006. As negociações estão em andamento.





Winter Collection  
Winter Collection  
Winter Collection  
Winter Collection  
Winter Collection



Franklin Seixas  
Vice-Campeão Brasileiro Mirim 2005  
Campeão Baiano Mirim 2005  
Vice-Campeão Baiano Sênior 2005

Atleta WIG  
& BACK DOOR BAHIA



Tel 11 3226 2233



# ondas curtas

Por Alceu Toledo Junior

**Slater dá um alô.** O tempo surfa, e já não causa espanto ver Kelly Slater dropar rapidamente até o Brasil para gravar cenas de campanha publicitária.

As imagens subaquáticas de Slater percorrendo tubos perfeitos em horário nobre representam as ondas da indústria causando forte impacto no quebra-coco do mercado.

Enquanto narra calmamente seu lifestyle de sonho durante o anúncio da TIM, Slater, um ídolo máximo, é o ponto alto de uma estratégia de marketing que inclui investimentos na imagem do surf e no grupo de brasileiros do WCT.

O envolvimento de grandes grupos econômicos massifica cada vez mais o surf. Aumenta o número de praticantes, amplia a visibilidade do esporte e gera novos empregos. Isso é muito bom para um país emergente no cenário do esporte. Mas também aumenta o crowd, argumenta o surfista mais soul.

**Missão tubular.** Enquanto a grande indústria enxerga na imagem do surf mais que um vestígio do que seria uma miragem vigorosa do universo jovem, o segmento busca novas fórmulas e alternativas ao esquema já clássico do homem-a-homem e cinco juízes de olho no outside.

Campeonatos de aéreos, de equipes, surf-treino, tow-in, enfim, não faltam novidades. Um evento recente sinaliza uma tendência bastante sedutora e ao mesmo tempo muito radical.

A bordo de um iate irado, oito surfistas foram selecionados para um incrível campeonato nos tubos do Tahiti, inclusive o pernambucano Bernardo Pigmeu.

Os integrantes da barca O'Neill The Mission – The Ultimate Freesurf Challenge, foram protagonistas de um formato altamente inovador.

Além de competir, os próprios surfistas julgaram as performances depois de conferir as filmagens coletadas ao longo do dia. O objetivo era selecionar os quatro melhores para a avaliação dos internautas.

Depois de uma semana de altas ondas em Teahupoo e arredores, o australiano Ian Walsh foi declarado campeão e levou US\$ 25 mil de prêmio. Detalhe, praticamente a mesma premiação oferecida ao campeão de etapas do WCT.

Pigmeu costuma se agigantar em grandes condições tubulares, e terminou em quarto lugar, embolsando US\$ 3 mil.

**Bastidores em conflito.** Com a expansão dos negócios no mundo do surf, é natural haver disputa por fatias do bolo. E em abril chegou ao noticiário a crise envolvendo a Confederação Brasileira de Surf, entidade reconhecida pelo Ministério do Esporte, e a ASP South America, legítima representante do circuito mundial de surf profissional.

A entidade nacional decidiu em assembléia cobrar um repasse entre 10% e 30% nas taxas de inscrição às afiliadas sediadas nos locais onde acontecem eventos do WQS e do WCT.

Por outro lado, o escritório regional da ASP, dirigido por Roberto Perdigão, não concordava com a medida.

Segundo Juca de Barros, presidente da CBS, a crise foi encerrada, e, durante etapa do WQS na Costa do Sauípe, a Federação Baiana de Surf foi contemplada com o repasse.

**Brasil estaciona no WCT.** Não vão bem os brasileiros no circuito mundial. Depois de bons resultados na etapa de abertura, quando Adriano Mineirinho foi terceiro e Raoni Monteiro terminou em quinto, os resultados rarearam. Na etapa mexicana, os três melhores, Peterson Rosa, Adriano Mineirinho e Jihad Khodr, foram eliminados na terceira fase.

Não entro na onda do "temos que ter um campeão mundial do WCT". Seria ótimo, claro, mas qualquer campanha obsessiva não leva a nada. Além disso, os brasileiros do WCT já estão bastante pressionados. Mas chega a ser frustrante a campanha tímida desta temporada, já pela metade.

Temos os talentos, mas não temos as ondas, poderíamos justificar. Mas seria o caso? Afinal, as boas ondas do mundo estão inteiramente disponíveis aos tops. Erros de julgamento, erros de estratégia, falta de infra-estrutura ou qualquer outro argumento pode servir para explicar maus resultados individuais.

Mas uma má campanha coletiva deixa a impressão de que ainda há muito para remar, para então, em condições de igualdade, haver superação dessas adversidades e aí surgir um nome brasileiro no topo da hierarquia do circuito mundial.

Ainda há todo o segundo semestre pra gente recuperar o otimismo. Mas bons resultados, com urgência, seriam um bom estímulo.

\*Alceu Toledo Junior é editor do site Waves.Terra

# SPY

eyewear

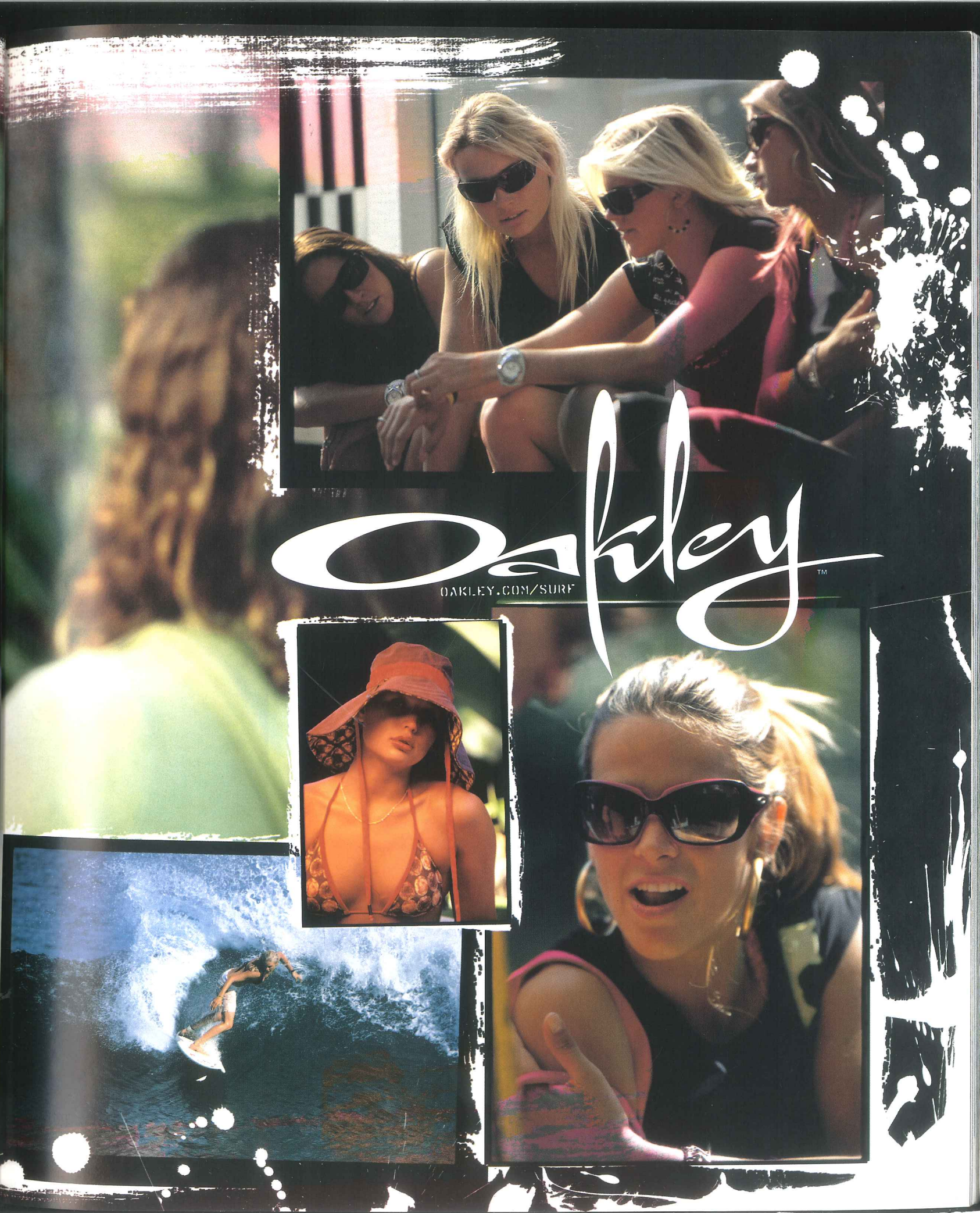


WWW.SPY.COM.BR

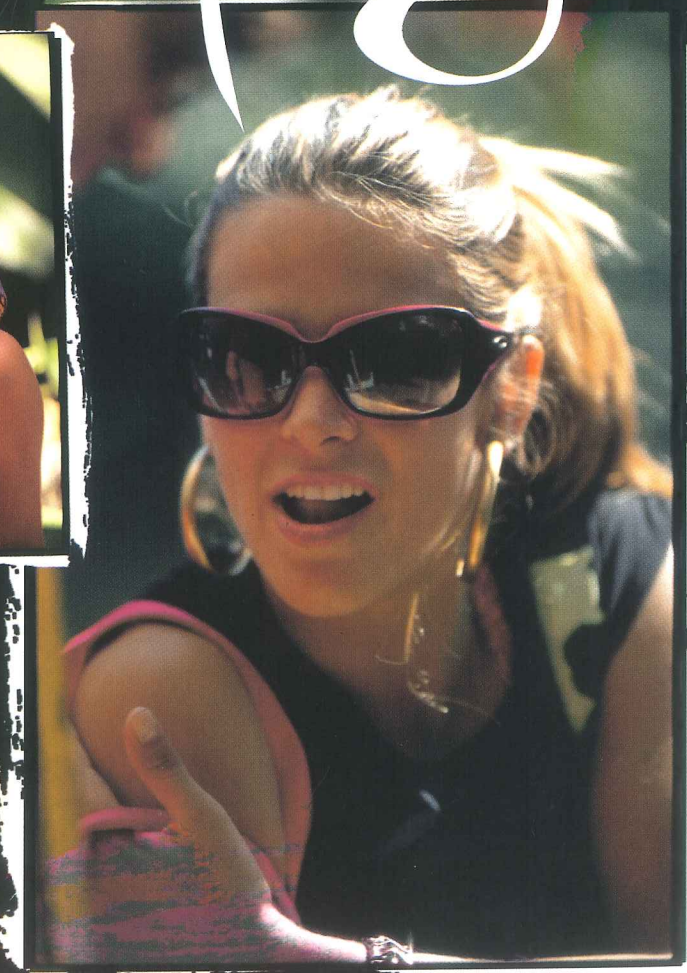
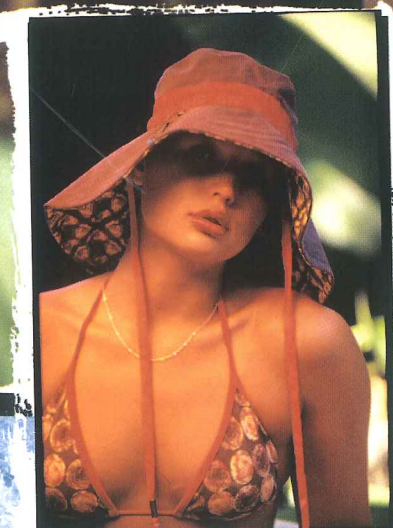




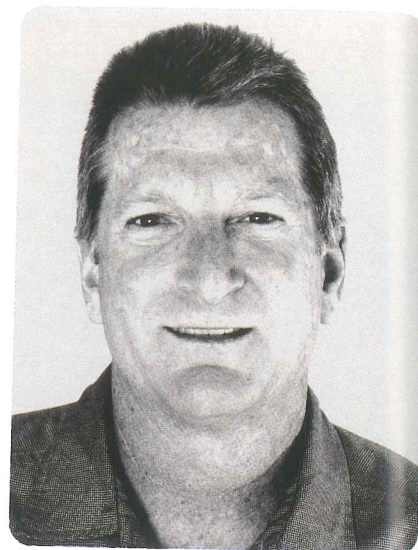
Claudia / Kira / Lei Lani / Roxy — BRAZIL



Oakley™  
OAKLEY.COM/SURF







# INTERVIEW

# BOB MCKNIGHT

Por Romeu Andreatta e Rosaldo Cavalcanti  
Edição Rosaldo Cavalcanti

Bob McKnight surfa há mais de 35 anos; é um dos fundadores e principal executivo (CEO) da Quiksilver, a maior empresa do nosso segmento. Bob é o principal responsável e mentor das decisões que garantiram à Quiksilver a liderança do seu mercado. Durante as quase duas horas de entrevista gravada no escritório central da empresa, em Huntington Beach, na Califórnia, Bob revelou que nunca teve outro negócio na vida.



*"Surfar é como pintar um quadro numa tela em movimento."* Bob McKnight



"Não tenho MBA, e quando criamos a Quiksilver não tínhamos nenhum 'business plan'." Há alguns anos atrás, McKnight deu início a uma revolução na indústria do surf ao listar a Quiksilver na Bolsa de Nova York. Uma decisão que gerou muita especulação e polêmica, mas que acabou levando outras empresas da indústria a seguir o caminho aberto por McKnight. "Na época falou-se muita besteira sobre o que estava acontecendo com a Quiksilver." Empresário de sucesso e uma das maiores referências da nossa indústria, Bob faz questão de reafirmar sua condição de surfista apaixonado "pela aventura, diversão e camaradagem que vêm transformando o estilo de vida dos surfistas num dos mais populares do planeta." Nesta entrevista ele conta um pouco da história da sua empresa, garante que "a liderança da Quiksilver é consequência de muito trabalho duro" e afirma que o surf não é apenas competição. "Surf é arte, é rebeldia, é aventura, é comportamento, é satisfação pessoal, física e espiritual". Quando não está dirigindo a Quiksilver, McKnight surfa sempre que pode. "Um dos meus hobbies é procurar ondas perfeitas. Faz parte do meu DNA de surfista."

**ROSALDO: O que te levou a se envolver com o surf?**

**BOB:** A praia. A liberdade que sempre senti perto do mar. Cresci vendo o mundo através de uma perspectiva de quem estava ali... na beira do mar... na fronteira entre a areia e as ondas.

**ROSALDO: E aí, anos mais tarde, certo dia na Indonésia, você conheceu o Jeff Hakman, e aquele encontro acabaria mudando os rumos da sua vida...**

**BOB:** É verdade. Em 1972 eu estava dando a volta ao mundo num barco de estudantes, e uma das paradas foi em Bali. Eu me apaixonei pelo lugar, pelas ondas, pela cultura e pelo povo balinês. Acabei passando momentos mágicos em Bali... que mudaram a minha vida. Então, no verão seguinte, eu estava de volta à Indonésia. O pico de Uluwatu tinha acabado de ser descoberto, e eu ia todo dia pra lá. Foi numa dessas idas para Ulu's que conheci Dick Hoole, até hoje um grande amigo meu. Uma das minhas paixões sempre foi produzir filmes, e foi o Dick que me avisou que o Jeff (Hakman) estava chegando. Me lembro dele falando: "Economize o seu filme e suas pranchas. O Hakman está chegando e vamos ter muito surf pela frente em Uluwatu". O Jeff era o melhor surfista do mundo no começo dos anos 70, e sempre teve muito carisma e um senso de humor apurado. Durante cerca de um mês surfamos todos os dias juntos em Uluwatu. Naquela época a gente tinha que pegar uma condução em Kuta e depois caminhar mais uma

hora até a caverna de Uluwatu. Uma viagem que costumava levar umas duas horas. No final de um mês eu e o Jeff nos tornamos grandes amigos. O Jeff me convidou para passar o inverno seguinte com ele no Hawaii, e não pude dizer não. Imagine você sendo convidado para passar o inverno ao lado de um dos seus ídolos... Depois de Bali, voltei para a Califórnia para acabar meus estudos, mas acabei indo pro Hawaii antes de completar meu último ano. No ano seguinte, o Jeff me pediu pra ficar tomando conta da sua casa em Pupukea enquanto competia em Bell's Beach, na Austrália. Eu disse: "Sem problemas, Jeff". Fiquei no Hawaii surfando com as pranchas dele, cuidando da casa e dirigindo seu carro. Acabei passando praticamente dois invernos seguidos no Hawaii por conta do Jeff... Valeu, Jeff!



Bob McKnight

**Como você e o Jeff se tornaram sócios na Quiksilver?**

O Jeff queria licença para distribuir nos EUA os calções de surf que a Quiksilver estava produzindo na Austrália. Eu não entendia nada desse negócio, mas o Jeff tinha um plano. Ele era o campeão de surf, conhecido e idolatrado por todos, enquanto eu, na minha formação de estudante, seria o cara que iria estabelecer e criar as engrenagens para que o negócio funcionasse. Jeff acabou vencendo o campeonato em Bell's, passando um bom tempo com o Alan Green, o fundador original da Quiksilver, e conseguindo a licença para abrir a Quiksilver nos EUA. Me lembro claramente da noite em que ele me ligou da Austrália:

"Buzz, adivinha o que consegui?". Buzz é o meu apelido. E falei: "O que você quer me ligando a esta hora, Jeff? Aqui já é tarde da noite...". E ele não parava de berrar: "Nós conseguimos! Conseguimos!". "Conseguimos o quê, Jeff?". "Conseguimos a licença da Quiksilver nos EUA." Sinceramente eu estava mais curioso para saber como ele tinha ido no campeonato em Bell's... "Ah, o campeonato? Eu ganhei." Ele respondeu como se o fato de ter se tornado o primeiro não australiano a vencer um dos mais importantes campeonatos da Austrália não fosse importante. Quando ele voltou pro Hawaii, passamos uns dias juntos antes de eu voltar pra Califórnia com a missão de preparar o terreno para dar início à Quiksilver nos EUA. No início, tudo o que nós tínhamos era o meu carro, a minha casa e um pouquinho de dinheiro que meus pais nos emprestaram. Nós dois estávamos esperando que o Alan (Green) enviasse alguém da Austrália com todas as direções. A idéia inicial era importar os calções da Austrália e vender nos EUA... quando descobrimos que o Alan (Green) não tinha condições de sequer atender a demanda do mercado australiano... Bem, aí o Jeff teve que se mudar do Hawaii pra Califórnia, e nós dois tivemos que

descobrir como produzir nossos próprios calções sem depender da produção dos australianos. Comprávamos e cortávamos os tecidos, implementamos o sistema de fechamento com velcro, criamos nossos logotipos e viabilizamos a distribuição dos produtos nas surf shops. Quando os calções ficavam prontos, eu pregava os logotipos e o Jeff passava o ferro em todos antes de entregarmos para as surf shops. Imagine o campeão mundial da época gastando parte do seu dia passando a ferro os calções. Quando tudo ficava pronto, a gente enchia o porta-mala do meu carro e saía pra vender nas lojas. Com o dinheiro das vendas, comprávamos mais tecido e fazíamos tudo de novo. Nada foi fácil. Nunca tive experiência nenhuma em finanças, em administração ou em qualquer outra coisa do gênero. Nosso objetivo era ter um negócio que nos possibilitasse sustentar nosso estilo de vida e continuar surfando. A Quiksilver deu certo porque seus produtos têm qualidade e os surfistas se identificam com a filosofia que havia atrás deles.

**Qual era o cenário da indústria do surf quando a Quiksilver foi fundada?**

A Quiksilver foi fundada em 1970, na Austrália. Aqui, nos EUA, só começamos em 1976. Naquela época havia apenas algumas surf shops que vendiam pranchas, roupas de borracha, parafina e algumas camisetas. Ainda não existia o profissionalismo, e nenhum surfista era pago para surfar. Nada de feiras, circuito mundial... nada! Quando começamos não tínhamos a mínima idéia de onde podíamos chegar. Não tínhamos nenhum business plan, muito menos alguma outra empresa, ou marca, para nos guiar ou inspirar. A OP era a mais famosa na época, mas já estava dando os primeiros sinais de decadência. Tivemos que aprender com nossos próprios erros. Nosso objetivo era fazer calções para surfistas como nós, que passavam muito tempo na água e que precisavam de um calção que agüentasse o tranco, e que tivesse a ver com o estilo de vida dos surfistas que iam vesti-los. Nestes últimos 30 anos, criamos um mercado mundial que está presente em países como a Austrália, os Estados Unidos, o Japão, alguns da Europa e o Brasil. Até mesmo em lugares como a Rússia e a China, que aparentemente não têm muita identidade com o surf, estamos crescendo e ocupando um espaço cada vez maior. Hoje em dia estamos em quase todas as regiões do planeta onde existem pessoas que se identificam com os esportes de prancha, como o surf, o snowboard e o skate. O mesmo acontece com a O'Neill, Rip Curl, Billabong... Acredito que nosso estilo de vida e nossos produtos têm uma enorme influência na moda, na arte, na música, no cinema e no comportamento de muitos jovens em volta

do mundo. Nos últimos anos, um número cada vez maior de mulheres está surfando, e esse fato vem aumentando consideravelmente nossa base de consumidores. Nossa operação com a Roxy é um sucesso, e nós a tratamos com muito carinho. Se você andar em volta do nosso prédio vai encontrar pranchas de surf e roupas de borracha por todos os cantos. Aqui todo mundo surfa, anda de skate ou faz snowboard. E é com esse tipo de pessoas que gosto de trabalhar. Esse é o segredo da Quiksilver.

**Por que o Jeff Hakman saiu da sociedade?**

As pessoas têm diferentes objetivos na vida. Numa determinada época o Jeff achou melhor se afastar da operação e acabou vendendo a maioria de suas ações. Mas ele continua ligado à Quiksilver, e somos amigos até hoje.

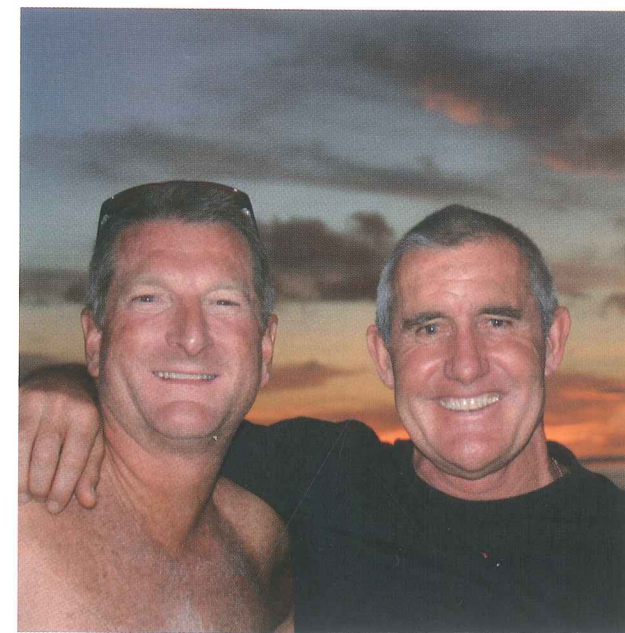
**Você foi quem transformou a Quiksilver numa empresa pública e a levou para a Bolsa de Nova York. Qual foi a sua estratégia, por trás dessa decisão inédita, que influenciou outras empresas do mercado, como a Billabong, a seguir o exemplo da Quiksilver?**

Quando a Quiksilver atingiu a marca de 20 milhões de dólares em vendas anuais nos EUA, decidi que era o momento de buscar recursos financeiros para garantir a continuidade do seu crescimento. Nossa entrada na Bolsa foi a melhor maneira que encontrei para viabilizar um crescimento seguro. Conheço algumas empresas que, quan-

do atingem a marca de 10-20 milhões de dólares em vendas anuais, passam a enfrentar problemas diversos: os sócios se separam, o dinheiro começa a faltar... Na época, por se tratar de algo ainda inédito no nosso mercado, falou-se muita besteira sobre o que estava acontecendo com a Quiksilver. Teve gente que espalhou o boato de que estávamos quebrados, ou então de que havíamos vendido a empresa.

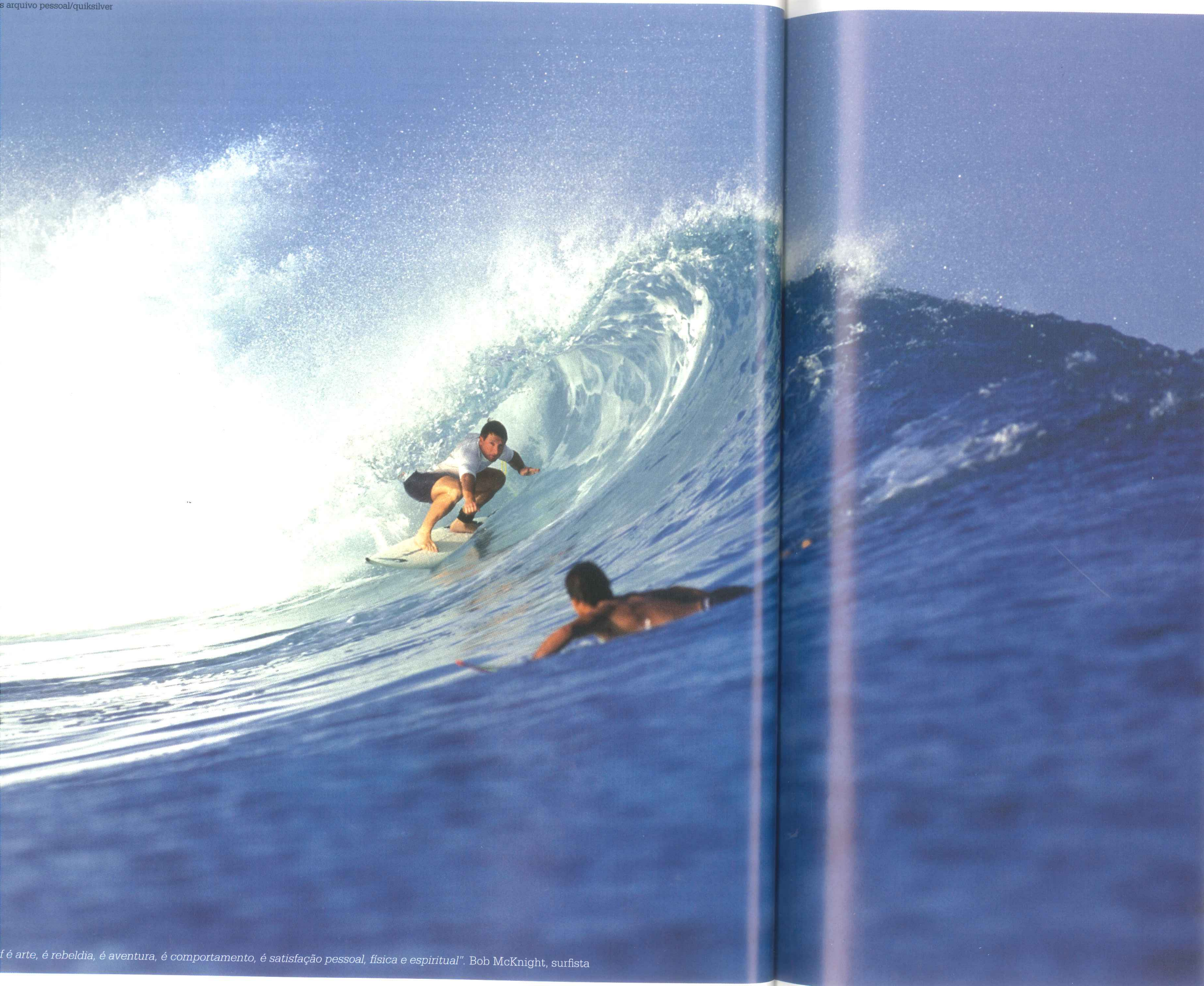
**E como a empresa está indo na Bolsa?**

Muito bem. Nossos acionistas podem checar o valor das suas ações todos os dias no jornal e na internet. Um investimento que pode representar para eles uma aposentadoria tranquila no futuro, uma casa própria, ou até mesmo a educação de seus filhos. Hoje em dia outras empresas da nossa indústria também se tornaram públicas: Billabong, Volcom, Globe, Oakley... Parece que nosso mercado entendeu que essa é uma boa maneira de financiar o seu crescimento. Mas no começo tivemos que combater o preconceito e a desconfiança do mercado com relação às consequências de nossa decisão.



Bob McKnight e Jeff Hakman





**O marketing da Quiksilver parece estar sempre à frente do resto do mercado. Qual o segredo?**

Existem alguns princípios de marketing que procuramos seguir, mas na verdade nosso instinto e as peculiaridades do nosso mercado sempre ditaram nossas decisões. A consistência e a continuidade na aplicação das ações que desenvolvemos também é muito importante. Antes de mais nada, a qualidade de nossos produtos tem que ser a melhor. Temos equipes de desenvolvimento aqui nos EUA, na Austrália, na Europa... gente que passa o tempo todo pesquisando novos produtos. Nossos consumidores são muito exigentes. Se produzimos algo que não lhes agrada, ou que não funciona, eles são os primeiros a criticar e a não consumir. Não dá pra fazer marketing em cima de um produto malfeito. Ter um bom logotipo, boas combinações de cores, anunciar nas principais revistas, patrocinar os melhores atletas e os eventos mais incríveis explica parte do sucesso da Quiksilver. Nossa equipe de surf é a melhor. Temos o Kelly, a Chelsea, que é a atual campeã mundial... Nossa filosofia é patrocinar campeões para ter nossos produtos testados e avaliados pelos melhores atletas. Temos que estar sempre o mais perto possível do nosso centro nervoso. Das nossas raízes. Da praia. Não existe uma fórmula secreta para o marketing perfeito. Você tem que estar sempre atento às novas tendências. O skate, o snowboard, o surf... todos esses esportes têm algo em comum com nossa filosofia. Com nossa identidade. Usamos várias ferramentas de marketing para nos comunicar com o mercado. Nosso site na internet e a forma como exibimos nossos produtos nos pontos-de-vendas são apenas alguns exemplos. É fundamental conferir originalidade aos produtos, ter uma boa comunicação com o mercado e estar nas melhores lojas.

**Os surfistas já forma confundidos com os hippies e taxados de drogados no início dos anos 70. Hoje em dia, a imagem dos surfistas tem a ver com saúde e liberdade. Qual é a real?**

Os surfistas mantêm vivo o espírito nômade que existe dentro deles, viajando atrás de ondas perfeitas e não se enquadrando num esquema conservador. O universo do surf é regido por regras e valores próprios. A rebeldia e o inconformismo continuam presentes nas novas gerações. Algumas coisas não mudam. Hoje em dia os surfistas têm a oportunidade de trabalhar para alguma marca, escrever para uma revista ou para um site na internet, produzir um filme, fabricar pranchas ou então abrir uma escola de surf. Conheço surfistas que abriram hotéis e pousadas em picos de surf, sustentam suas famílias com o dinheiro que ganham e têm um estilo de vida de fazer inveja. Veja o sucesso mundial do Jack Johnson. Isso só prova a influência que a nossa cultura exerce sobre o resto do mundo. Todo mundo quer se sentir como um surfista porque nós parecemos pessoas felizes e saudáveis num mundo cada dia mais caótico. Existem garotos, na China e no Brasil, que cresceram a milhares de quilômetros de distância, mas que mesmo assim se identificam uns com os outros. Apesar da produção de roupas ser nosso principal negócio, entendemos a importância de entreter nossos consumidores



com as performances dos nossos atletas, com os eventos que patrocinamos e com os filmes que produzimos. É assim que vamos potencializar a venda de nossos produtos. A internet, os iPods, o cinema, a televisão, a música... Vejo todas estas mídias como plataformas para promover nosso estilo de vida e lançar nossos produtos. Por isso, há cerca de uns cinco anos atrás, criei uma divisão de entretenimento dentro da Quiksilver. Temos que saber usar a tecnologia moderna para divulgar nosso estilo de vida e aumentar a influência da nossa cultura num mundo cada vez menor e sem fronteiras.

**Enquanto o surf se aproxima de outros esportes em termos de popularidade e empresas como a Quiksilver são casos de sucesso mundial, a premiação no circuito mundial ainda está longe de um valor que faça justiça ao nível de talento que a gente vê no circuito.**

Acredito que a situação melhorou nos últimos 10-20 anos. Hoje em dia, a maioria dos top 44 é patrocinada por empresas da nossa indústria. Marcas de roupas, de óculos, de calçados, de acessórios... É lógico que, se compararmos com o tênis, com o golfe ou com o futebol... bem, ao lado desses outros esportes o surf profissional ainda está engatinhando. Na minha opinião, o surf não tem muito a ver com a competição. É mais arte e comportamento. É o único esporte praticado num meio, no caso o oceano, que também está se movimentando. Surfar é como pintar um quadro numa tela em movimento. E cada surfista tem seu próprio estilo de desenhar suas linhas nas paredes das ondas. Ao contrário de outros esportes, o surf não pode marcar a data e o horário de suas finais. Sua dependência em relação à natureza e a sua atração por lugares exóticos explicam parte de sua magia, mas ao mesmo tempo limitam as possibilidades de transmissão ao vivo de alguns eventos. Por essas e outras, a ASP ainda não foi capaz de estabelecer uma relação mais profunda com a televisão. A competição é importante, mas não representa o espírito do surf. Surf é arte, é rebeldia, é aventura, é comportamento, é satisfação pessoal, física e espiritual. Empresas como a Quiksilver, a Billabong, a Rip Curl e a O'Neill são as principais patrocinadoras da ASP, e se não fosse por essas empresas talvez o surf profissional ainda não tivesse surgido. Encorajamos as demais empresas da indústria a patrocinar eventos e surfistas para que a roda continue girando. É verdade que alguns eventos estão atraindo a participação das corporações, mas isso ainda é algo que acontece esporadicamente. As grandes corporações não investem pesado nos eventos da ASP simplesmente porque não têm compromisso com o surf.

**Qual o futuro do surf? como ele pode se tornar ainda mais popular no resto do mundo?**

Acredito que será por meio das piscinas de ondas artificiais. É a única forma que temos de levar a nossa cultura para lugares longe mar. O Kelly Slater está à frente de uma tecnologia para desenvolver ondas artificiais, e nós o estamos ajudando a angariar fundos e a formar parcerias com outras empresas. O projeto tem uma tecnologia revolucionária e vai utilizar água salgada. Estamos montando um simulador aqui na Quiksilver que vai nos dar uma boa idéia do tipo de ondas que vamos conseguir produzir. Dentro de um ano estaremos aptos a

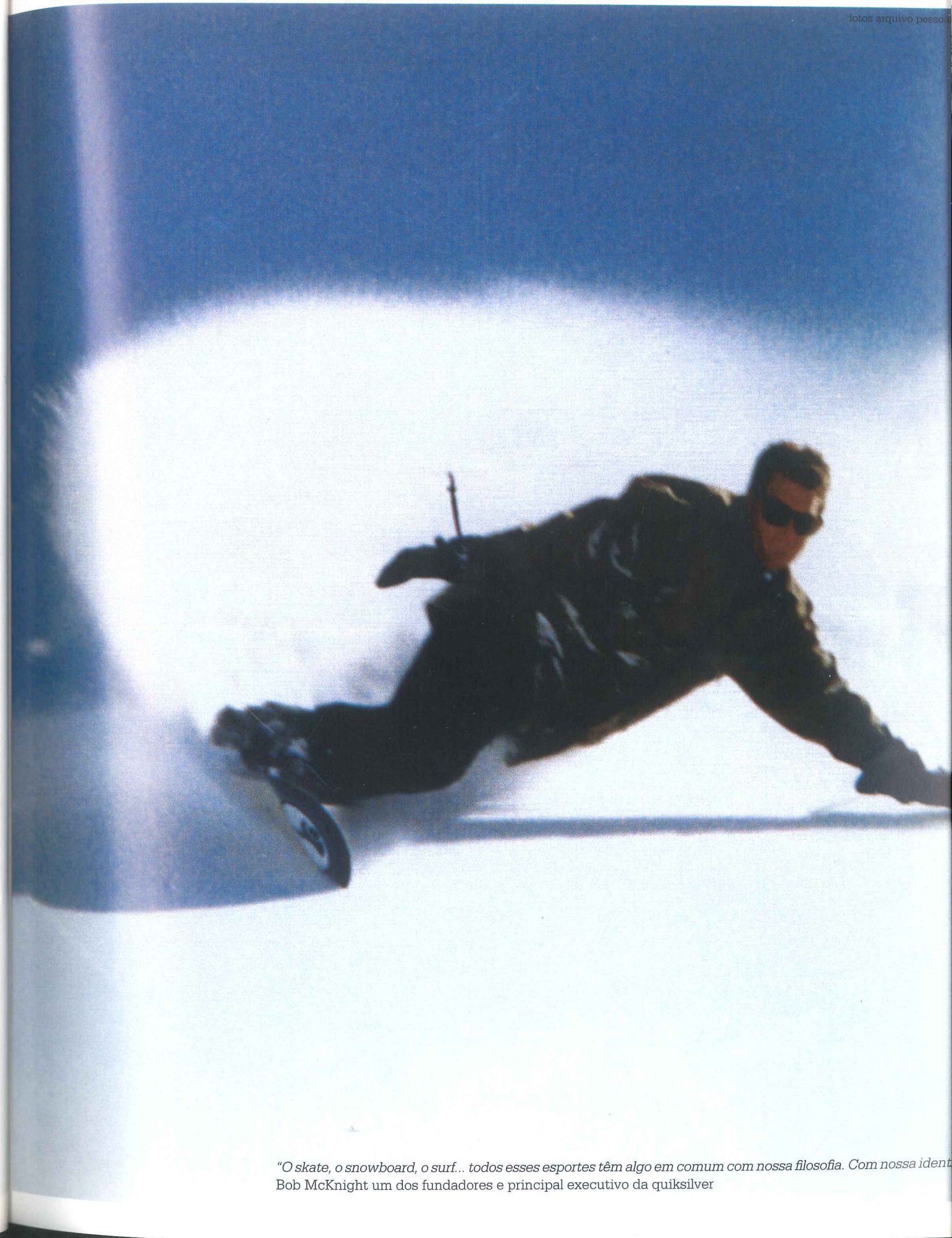
construir a primeira piscina, e com ela funcionando vamos ter em mãos uma excelente ferramenta para expandir a fronteira do surf e a influência de nossa cultura. Vender mais produtos será apenas uma consequência disso. A idéia é construir uma série de outros negócios em volta das piscinas de ondas: hotéis, cassinos, bares, restaurantes, lojas, skate parks... É imenso o potencial de crescimento de um negócio desses. Além de representar uma maneira de viabilizar o surf no meio do deserto e estimular o desenvolvimento de novas regiões baseadas no negócio de entretenimento e nos empregos que vão surgir em volta dele. Essa nova tecnologia vai nos permitir sair definitivamente do gueto e transformar o surf numa atividade ao alcance das massas que moram no interior dos continentes.

**Como uma piscina de ondas artificiais será capaz de reproduzir a sensação que se tem ao surfar uma onda no oceano?**

É impossível recriar a sensação de surfar uma onda no oceano. É algo único e que jamais será possível reproduzir. Por outro lado, a onda que estamos tentando criar pode chegar bem perto disso. Ela vai ser tubular, como Teahupoo, variando entre os 3 pés e os 15 pés, com séries a cada de 3 minutos.

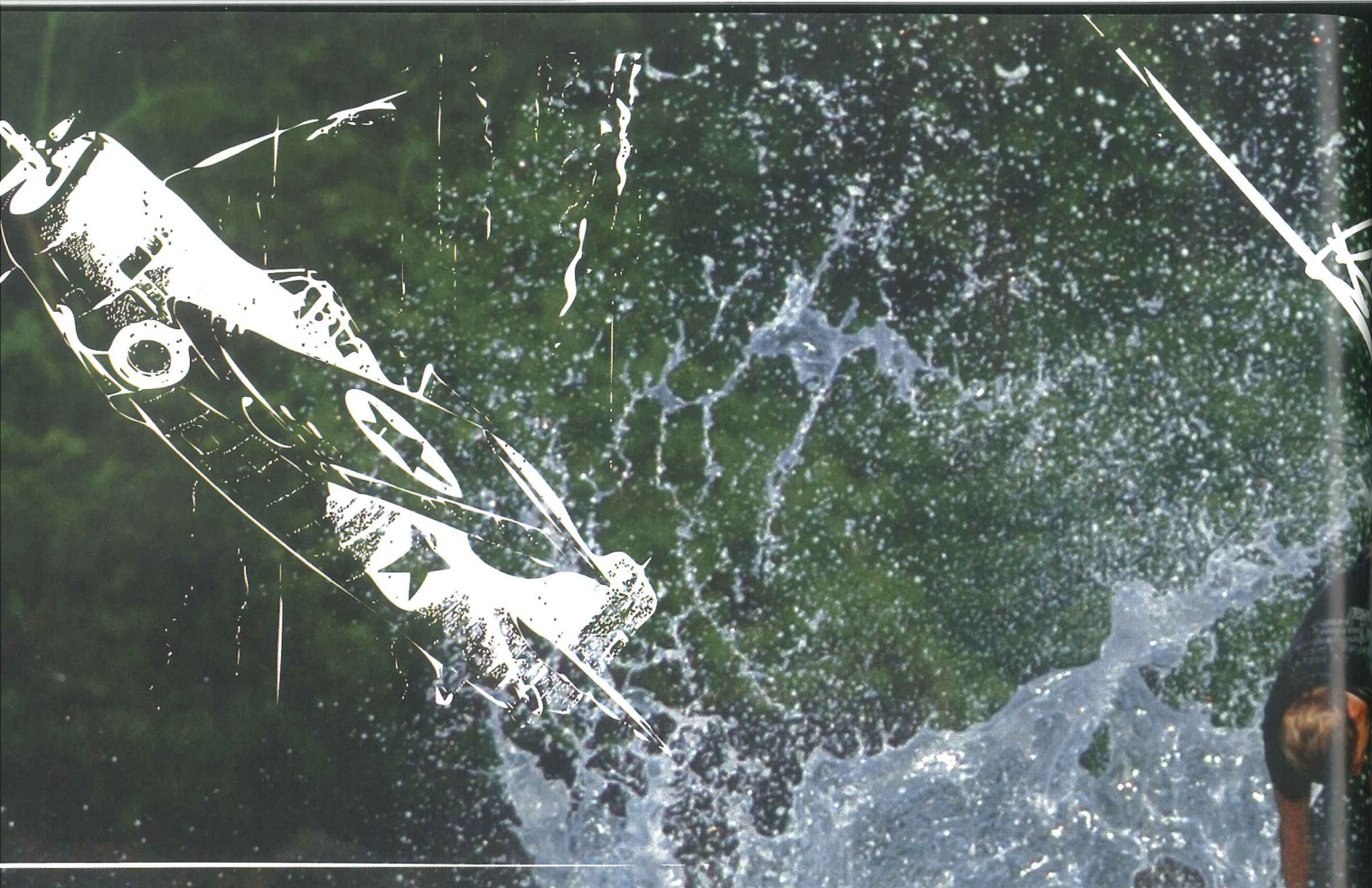
**Quando não está trabalhando, como você leva a sua vida?**

Adoro surfar. Adoro viajar atrás de ondas boas. Seja pro México, pra Indonésia, pra Austrália ou pra Fidji... ou então pro Brasil. Viajar e conhecer outras culturas ainda me seduz. Quando estou surfando ondas perfeitas, ainda sinto a mesma emoção de 35 anos atrás. Poucas coisas se comparam a sensação que a gente tem ao surfar uma onda perfeita. O barulho do tubo quebrando em volta e a força do oceano ainda me fazem sentir um prazer supremo. É essa magia que torna o surf diferente dos demais esportes. Hoje em dia eu poderia simplesmente me aposentar e viver tranqüilo com o que já conquistei, mas adoro o meu trabalho na Quiksilver. Gosto de participar das escolhas das fotos para os novos anúncios, de dar palpites na próxima coleção, de estar por dentro dos projetos... Ainda estou muito motivado com tudo isso. Gosto de bater um papo com nossos representantes e saber o que está se passando na linha de frente do nosso mercado. De viajar pro Hawaii pra assistir ao Eddie Aikau e depois sentar a uma mesa pra trocar idéias e dar risadas com meus amigos havaianos. A paixão ainda corre nas minhas veias. O fato de você precisar surfar por pelo menos uns dez anos antes de se sentir capaz de dominar algumas ondas faz do surf um esporte especial e muito difícil de aprender. Cheio de desafios diários. Diferentemente do snowboard, que você aprende rápido, o surf é um compromisso para o resto da vida. Passar a arrebentação e pegar uma onda não é pra qualquer um. Pegue um cara de 50 anos que nunca surfou e diga para ele deitar numa prancha e sair remando pro outside. Provavelmente ele não vai conseguir. No surf, as dificuldades e os desafios começam na remada. E mesmo assim você acaba ficando viciado em surfar pelo resto da vida. Veja os caras mais velhos, como o George Downing e o Flippy Hoffman. Eles têm mais de 60 anos e continuam surfando... como se fossem garotos que nunca enjoaram de seu brinquedo favorito.



*"O skate, o snowboard, o surf... todos esses esportes têm algo em comum com nossa filosofia. Com nossa identidade..."*  
Bob McKnight um dos fundadores e principal executivo da quiksilver





Cardo  
Ferreira

NA

[www.naturalart.com.br](http://www.naturalart.com.br)



Foto: Ivan Short



# KOKUA

FESTIVAL 2006

Texto e fotos Juliana Sana Morais

**Jack Johnson, Ben Harper e Willie Nelson embalam Honolulu no melhor show do ano.**

Se esse não foi o melhor show do ano, foi com certeza um evento com o maior número de sorrisos por metro quadrado. Em seu terceiro ano, o Kokua Festival provou ser não apenas um show, mas um significativo movimento de artistas que dedicam seu talento para fazer um mundo melhor por meio da música, do aloha e da educação.

O festival, realizado em abril nas ilhas de Maui e Oahu, entrou este ano para o calendário cultural havaiano como um dos eventos mais influentes das ilhas. Reunindo não somente músicos excepcionais, mas artistas preocupados em usar sua fama em prol de uma causa, o Kokua consegue unir diversão, ação social e cultura em um só evento. Todos os anos, o fundo arrecadado – em ambos os shows os ingressos se esgotaram – é revertido para a Kokua Hawai'i Foundation, uma organização não governamental que realiza projetos sociais nas escolas públicas havaianas, educando crianças a preservar e melhorar o North Shore havaiano.

A versão do Festival em Honolulu (ilha de Oahu), foi bem maior se comparada ao show produzido em Maui – que teve a primeira edição este ano. Em um sábado de sol, cerca de 10 mil pessoas de todas as gerações e de diversos lugares dos Estados Unidos lotaram o Waikiki Shell para ver Jack Johnson tocando e cantando em casa, acompanhado de Ben Harper, Willie Nelson e outras atrações escolhidas pelo surfista, músico e criador do evento, que foi realizado em uma linda arena ao ar livre – localizada em frente à Beach Park, uma das principais praias de Waikiki –, e contou com um cenário incrível, que incluiu o famoso vulcão Diamond Head como pano de fundo, a mais perfeita luz do entardecer, e milhares de sorrisos vibrantes. Definitivamente, o Kokua Festival não poderia ser realizado em outro lugar a não ser no Havaí.

No backstage, nada de celebridades ou produtores estressados. Crianças, familiares e amigos dos artistas se reúnem anualmente para celebrar mais uma edição do Kokua, que este ano teve como tema "Reduza, reuse e recicle", incentivando os projetos de reciclagem nas escolas e nas ilhas. Para reforçar essa proposta, o festival de música e entretenimento também abriu espaço para empresas, grupos e ONGs realmente preocupados na preservação ambiental do paraíso.

Ben Harper e Jack Johnson embalam os instrumentos e os sorrisos no Kokua Festival



O show começou no início da tarde com o ícone local Henry Kapon, seguido pela banda californiana ALO (Animal Liberation Orchestra) e pelo pianista e cantor Zach Gill, músico que atualmente acompanha Jack Johnson em suas turnês. Depois disso, subiu ao palco a cantora havaiana Paula Fuga e a One Love Ohana Band, deixando o espírito aloha tomar conta do Waikiki Shell. Isso sem falar na legítima presença de Damien Marley, filho do mestre do reggae Bob Marley, que subiu ao palco de mansinho e surpreendeu o público, que rapidamente levantou em plena chuva de verão para cair no reggae.

Mas foi na hora do pôr-do-sol, embalado pelo embaixador da surf music Jack Johnson, que o público sentiu a força e a vibração do Kokua Festival. Tocando seus melhores hits e canções do seu álbum *Curious George*, o músico fez com que o show virasse uma grande festa. Depois de dois anos de espera, Johnson conseguiu finalmente trazer ao palco seu amigo de violão, Ben Harper. Com um toque gospel, Harper chegou quietinho, fazendo uma apresentação acústica, tirando algumas baladas novas do CD *Both Sides of the Gun*, para depois dividir o palco com Jack, onde cantaram juntos alguns sucessos, como "With My Two Hands", levando literalmente o público ao delírio. Qualquer um naquele momento se sentia privilegiado de fazer parte de tamanha energia. Jack Johnson, livre e solto, tocava seu ukulele (instrumento típico da música havaiana também chamado de guitarra havaiana) como se estivesse no quintal de sua casa assistindo a seus amigos surfarem a mítica Pipeline. A fama que o badalado músico despropositalmente conquistou o manteve ocupado ao redor ao mundo, mas, em contrapartida, longe do Hawaii.

Espírito Aloha! Paula Fuga, legítima representante da cultura havaiana, transpira emoção em Honolulu



foto ação: Gennari

estamos contratando representantes

11 3688 1488

# LONG ISLAND NEW GENERATIONS NEW CULTURE



Era claro perceber a felicidade de Jack por estar de volta a sua cidade natal, em meio a tantos amigos e cercado do verdadeiro espírito aloha! E ele, que não é um músico de muitas palavras no palco, decidiu soltar o verbo e declarar seu amor pelo Hawaii. "Este é um momento muito feliz para mim, em que posso tocar em casa, no meio dos meus amigos, da minha família e por uma causa tão importante", falou emocionado o criador do evento.

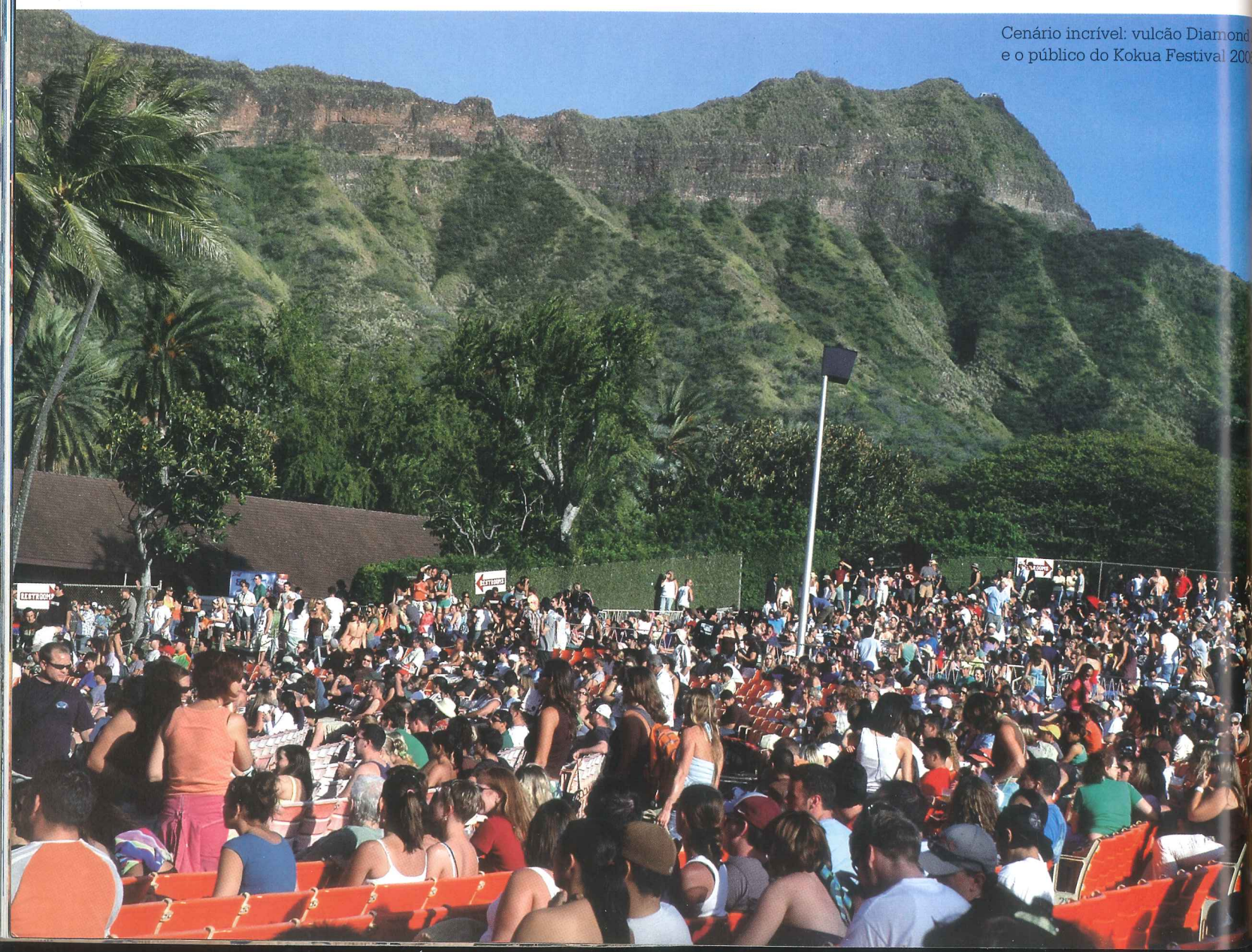
Como se não bastasse o sol caindo e a lua subindo em um fim de tarde quente de primavera havaiana, sobe ao palco a lenda Willie Nelson e sua banda The Planetary Bandits para completar a iluminada noite. Neste momento, crianças, adolescentes, adultos e "senhores" da velha geração do surf, dançavam e cantavam as "clássicas" do ídolo. E quando o Kokua parecia chegar ao fim, vem a tona o trio que marcaria a edição 2006 do festival. Jack Johnson, Ben Harper e Willie Nelson dividindo o palco e tocando canções que emocionaram as milhares de pessoas que estavam no gramado do Waikiki Shell, foram, sem dúvida, o ápice do evento.

No final do espetáculo musical, podia se perceber a felicidade do público e dos organizadores, que não mediram esforços para transformar um show de música em uma grande festa em benefício da educação dos seres mais queridos do mundo – as crianças. "Mais do que um show sensacional, conseguimos arrecadar fundos e mostrar o quanto é importante a influência da música, do esporte e da união para a educação de uma geração mais consciente e atuante", declarou Kim Johnson, esposa do ídolo, professora e grande cabeça do projeto Kokua.

Depois de um dia maravilhoso de música, dança e comemoração, uma "after hour party" da organização celebrou e brindou o sucesso do evento, agradecendo pela presença a todos aqueles que sempre acreditaram no surf como uma forma de expressão de arte e de inclusão social.

Para mais informações sobre a Kokua Foundation, acesse [www.kokuahawaii.org](http://www.kokuahawaii.org)

Cenário incrível: vulcão Diamond e o público do Kokua Festival 2006



[www.smsantamaria.com.br](http://www.smsantamaria.com.br)  
+55 11 3815.5093

SANTAMARIA



# III Mostra Internacional da Arte Cultura Surf

A arte e a cultura surf como ícones de **modernidade social** e comportamental, apoiadas em uma curadoria profunda e criteriosa, em busca dos melhores trabalhos no Brasil e no mundo.

## II Festival Internacional **Osklen** de Cinema Surf

Este ano o festival entra no calendário mundial de produtores e distribuidores de filmes de surf. Teremos **grandes lançamentos** e estréias, e um corpo de jurados internacional.

## Alma Surf Festival

Debutamos com a mais forte expressão artística do segmento: **a música**. Aguarde as confirmações.

09 a 23 de novembro  
MIS - Museu da Imagem e do Som  
São Paulo - SP  
Av. Europa, 158  
Horário: das 14:00 às 22:00

Artes Plásticas Fotografias Artes Gráficas

Inscrições de 15.07.2006 até 30.08.2006

Cinema Vídeos

Inscrições de 15.07.2006 até 30.09.2006

Música

Confirmações até 30.07.2006

Envie o portfolio para o endereço:  
III Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf  
II Festival Internacional Osklen de Cinema Surf  
Alma Surf Festival  
rua Dr. Fonseca Brasil, 295 - Morumbi  
São Paulo - SP - Brasil  
cep 05716-060

entre em contato e veja o regulamento através do e-mail:

info@mostradosurf.com.br

[www.mostradosurf.com.br](http://www.mostradosurf.com.br)



ALMA  
SURF  
FESTIVAL

MIS

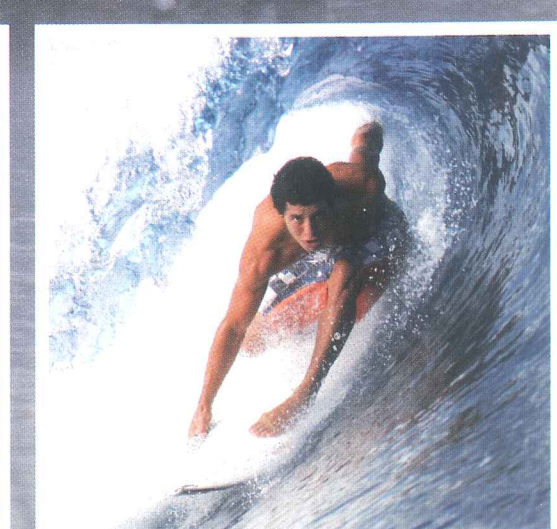
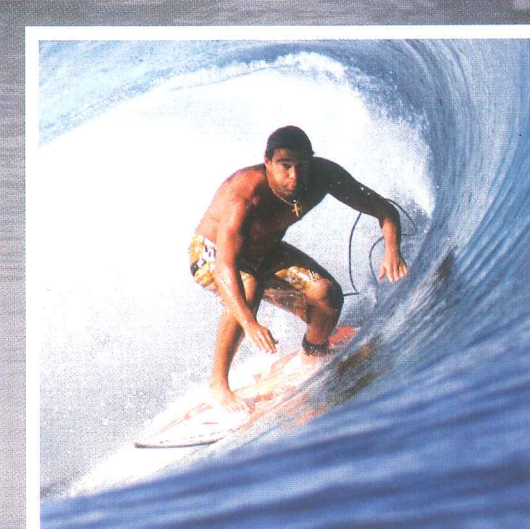
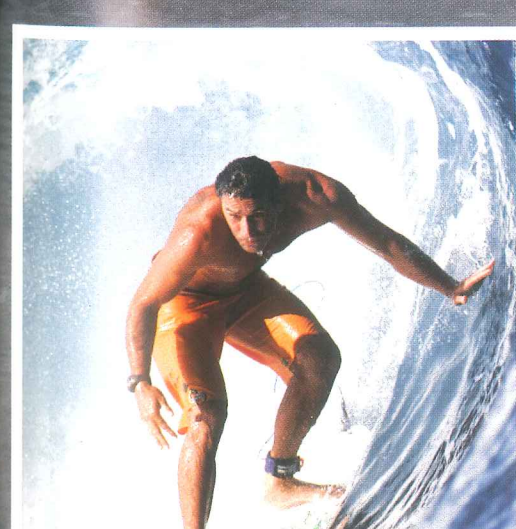
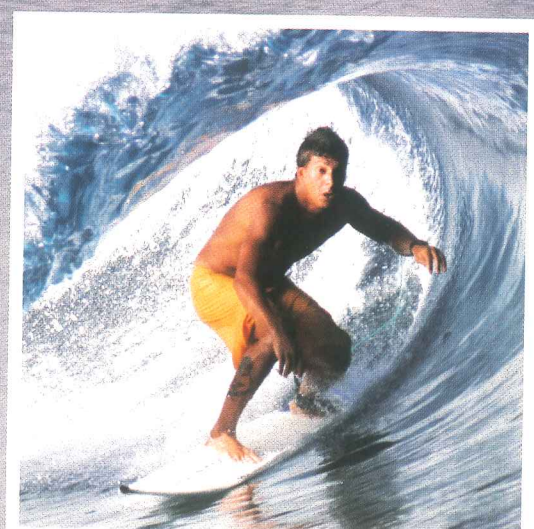
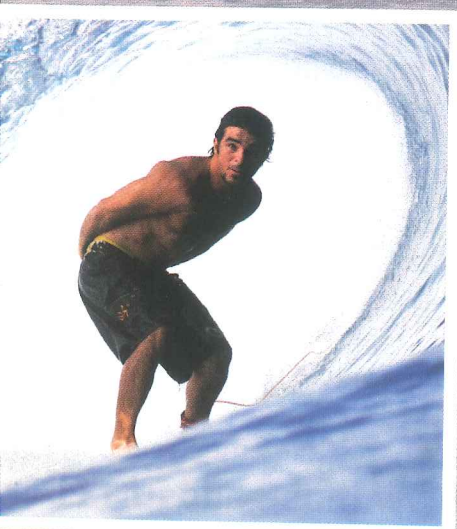




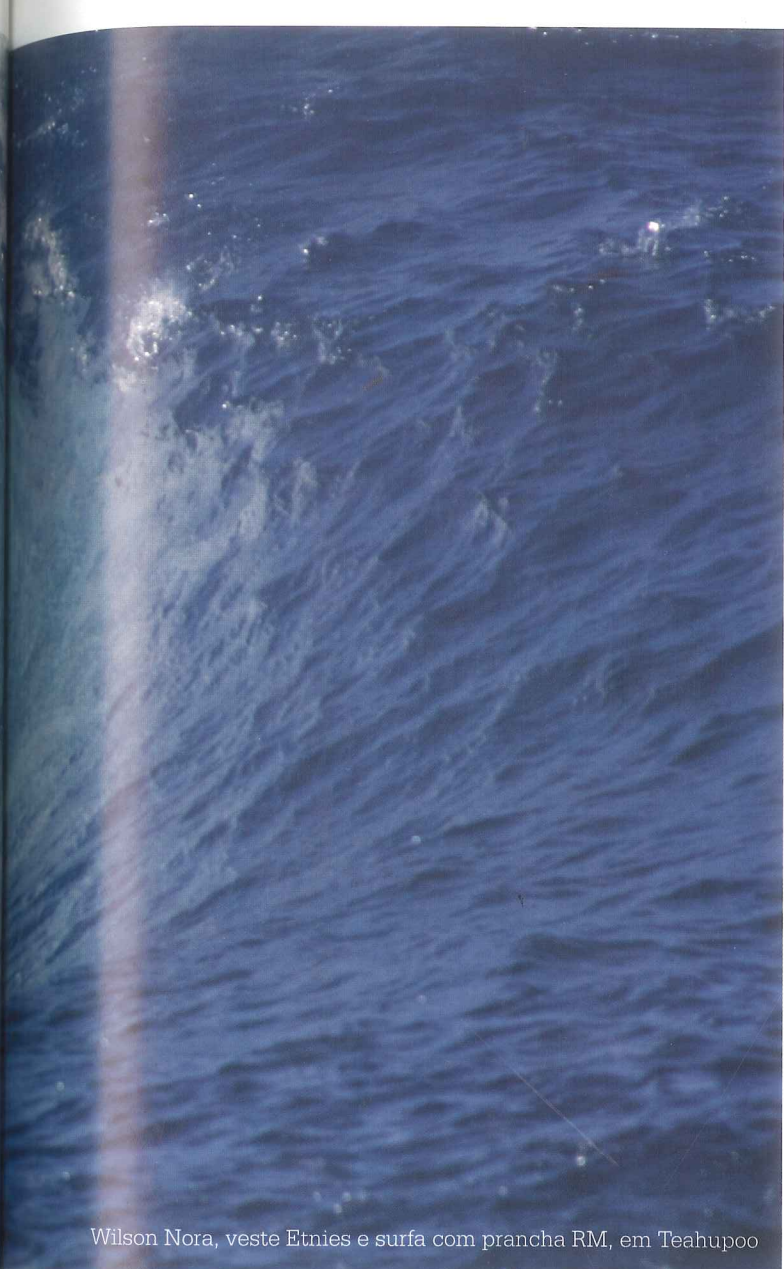


# STUDIO TAHITI

Fotografia: **Aleko** Make up: Sol Produção: Swell e bancadas taitianas Modelos: Adriano de Souza, Alemão de Maresias, Alexandre Dadazinho, Claudinha Gonçalves, Danilo Costa, Danilo Grillo, Jessé Mendes, Marcelo Nunes, Paulo Moura, Renan Rocha, Rodrigo Resende, Rodrigo Koxa, Teco Padaratz, Victor Ribas, Vitor Faria e Wilson Nora.







Wilson Nora, veste Etnies e surfa com prancha RM, em Teahupoo



Por Aleko Stergiou

**O Tahiti é azul.** Azul transparente como o caso de amor dos corais com as ondas polinésias.

A magia cristalina repleta de muita claridade e alto-astral faz do hábitat taitiano um sagrado estúdio natural. A luz, a localização, os componentes, as linhas, os canudos perfeitos... o surf, estrelas da vida.

Nesta temporada de surf, trabalho e fotos, vivi uma trilogia amorosa com o triângulo polinésio, e dentre seus muitos arquipélagos e atóis, pude desfrutar da límpida aura dos místicos berços Hawaii, Tahiti e Rapa Nui.

O sol brilhou, a energia acalorou, e a intuição aflorou os sentidos. No Tahiti conquistei a oportunidade de desfrutar do close ideal para executar meu prazeroso trabalho. Fotografar amigos, surfistas que não desistem nunca, me conduziu ao êxtase profissional. Cada turbilhão, esquerdas e clicks preencheram o porquê de minha singela existência e elevaram o meu espírito.

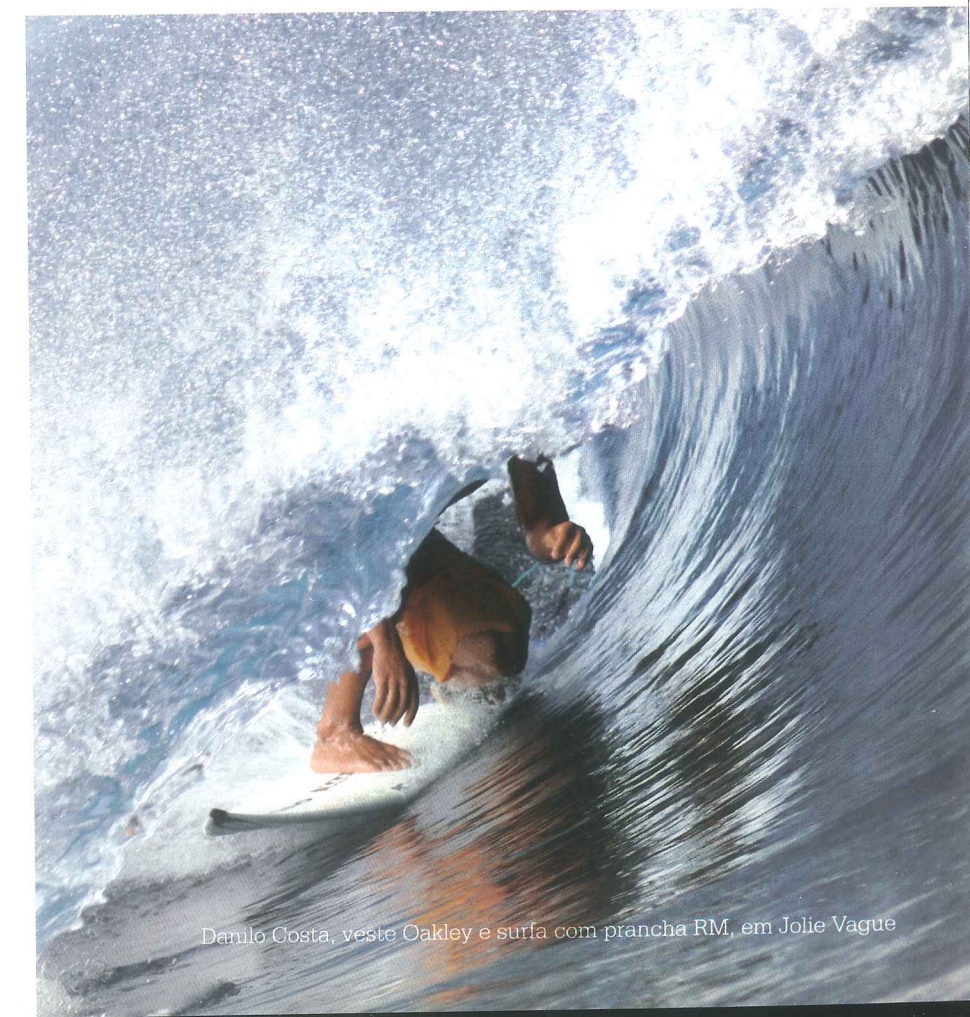
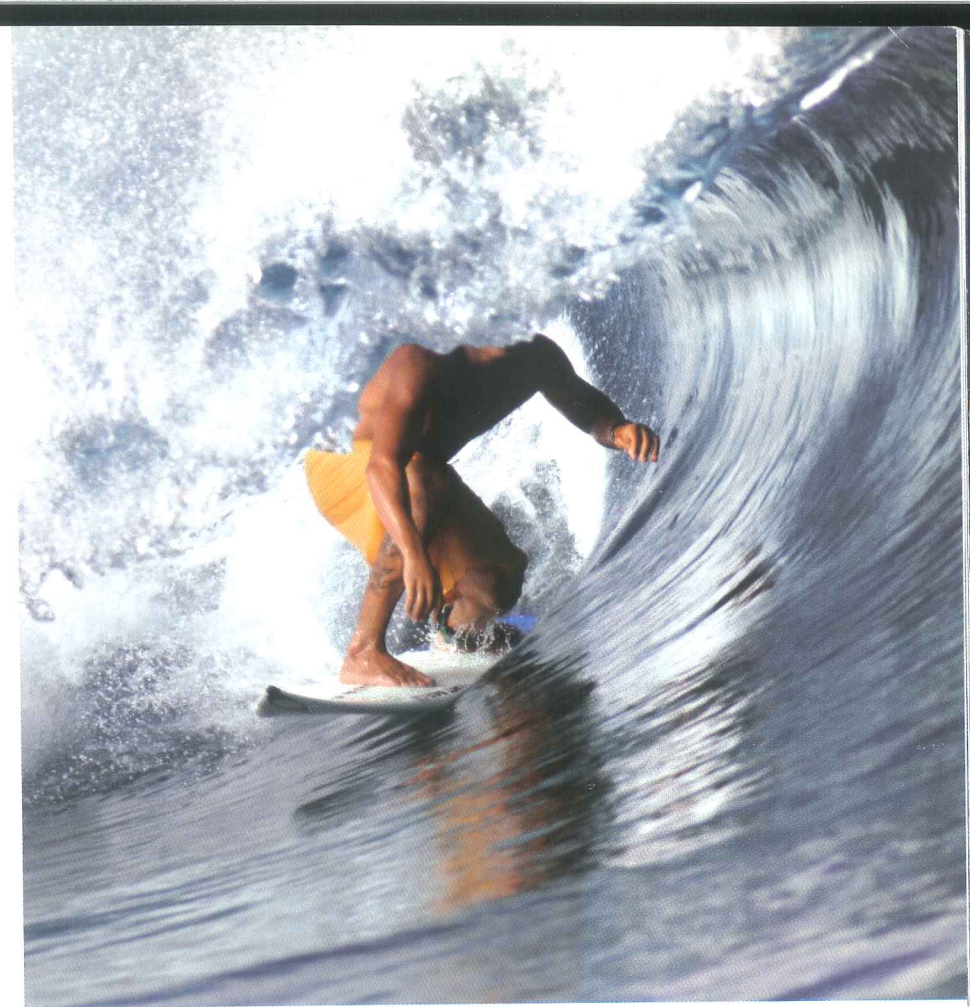
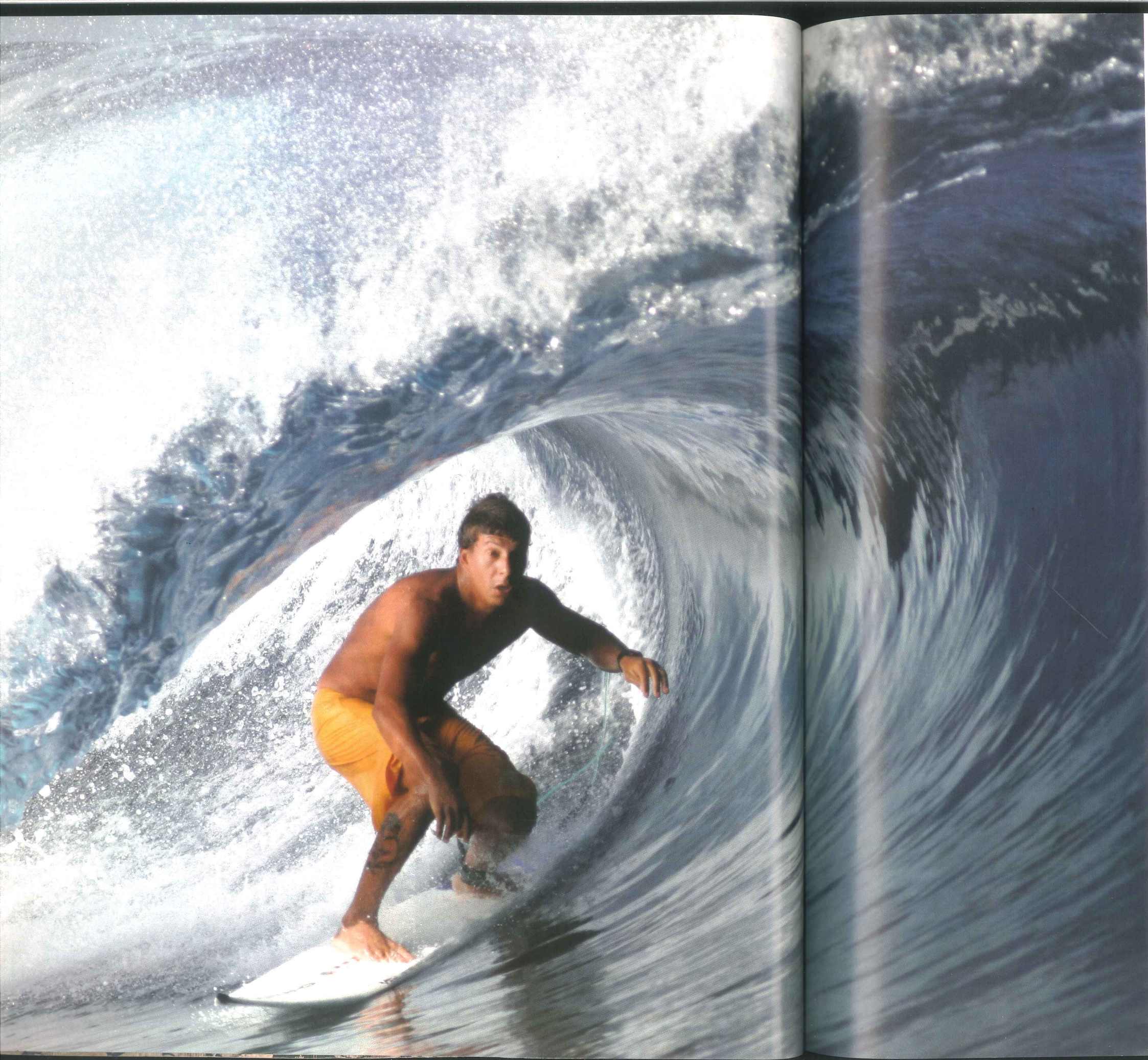
Encontrei no Tahiti um cenário perfeito para expandir a emoção. A arte única de reproduzir a imagem num frame de segundo se relevou a cada instante. À distância taitiana, as dificuldades, os apuros, a saudade de casa, angustiam como a velocidade de um caldo ou como o choque e o devaneio da coragem ao avistar a imponente série do outside que avança sobre a bancada. Porém, nada. Nada que um 'fotão' dentro d'água com flash na primeira hora da manhã em Teahupoo não compense as muitas horas de vôo e de capital investido. O segredo do sucesso, vontade mútua da galera de fazer a coisa acontecer.

Fiz as melhores fotos da minha vida em picos pouco visitados, explorando ângulos inéditos. E, absorvendo o frenesi da Copa do Mundo que está espalhado pelo planeta, no tubo concretizado e fotografado, em reverência aos deuses, cantávamos aquela velha musiquinha que embalava as narrações dos mestres do rádio: "É gooooool, que felicidaade. É gooooool, o meu time é a alegria da cidaade". Nessa temporada interagi com a sintonia total das ondas, do mar, do oceano.

É muito bom ser parte integrante da natureza. É muito bom sentir a presença de Deus. Tive a calorosa sensação de ser um importante artista dentro do ciclo da vida, como um tubo que vem, empina e roda, para depois acabar em espuma. O que fica?, podem perguntar: a maravilhosa lembrança na memória de quem esteve lá, no Tahiti.

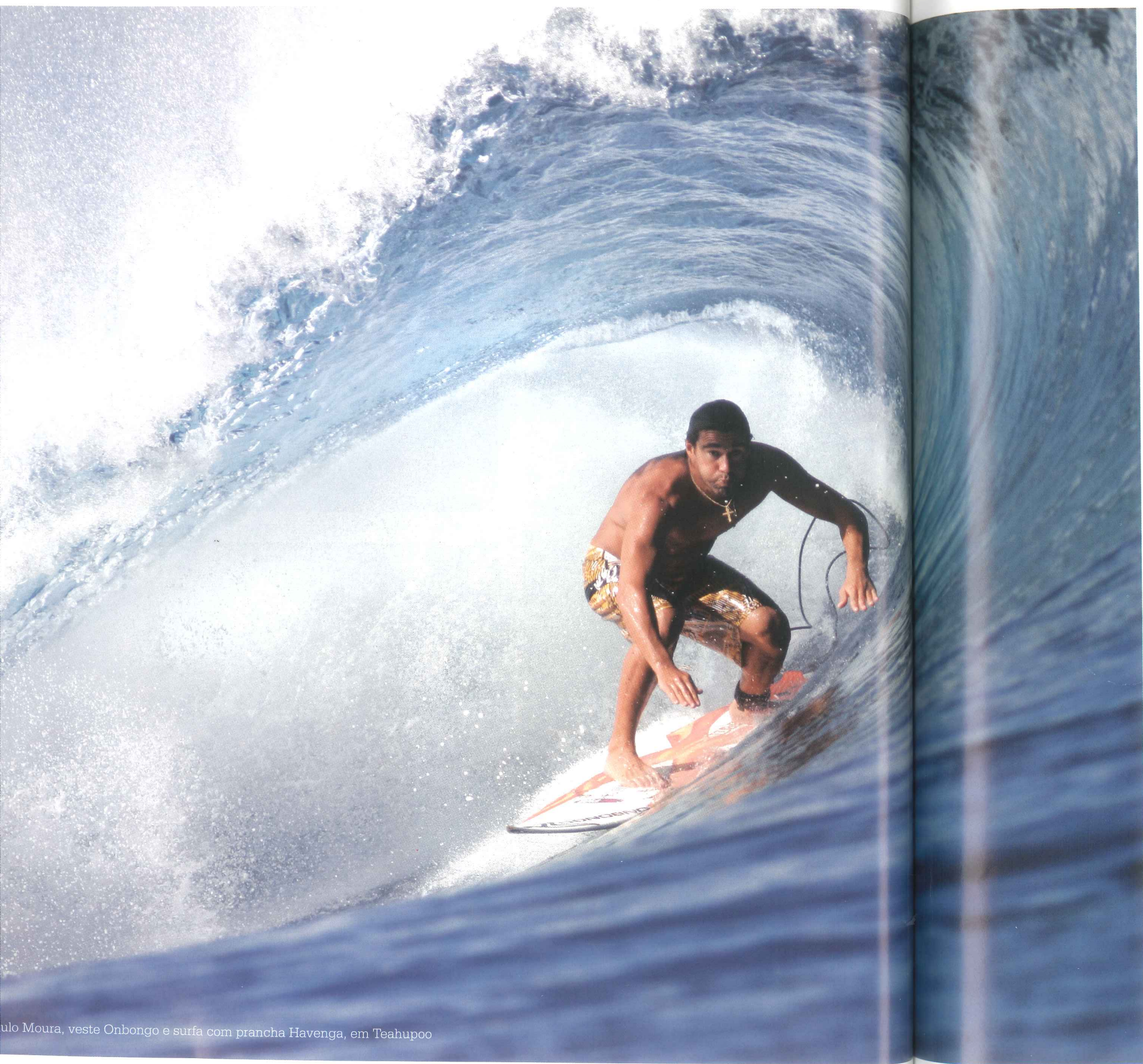
Iorana, como dizem os taitianos, seja bem-vindo. Sinta o prazer do esporte dos reis.



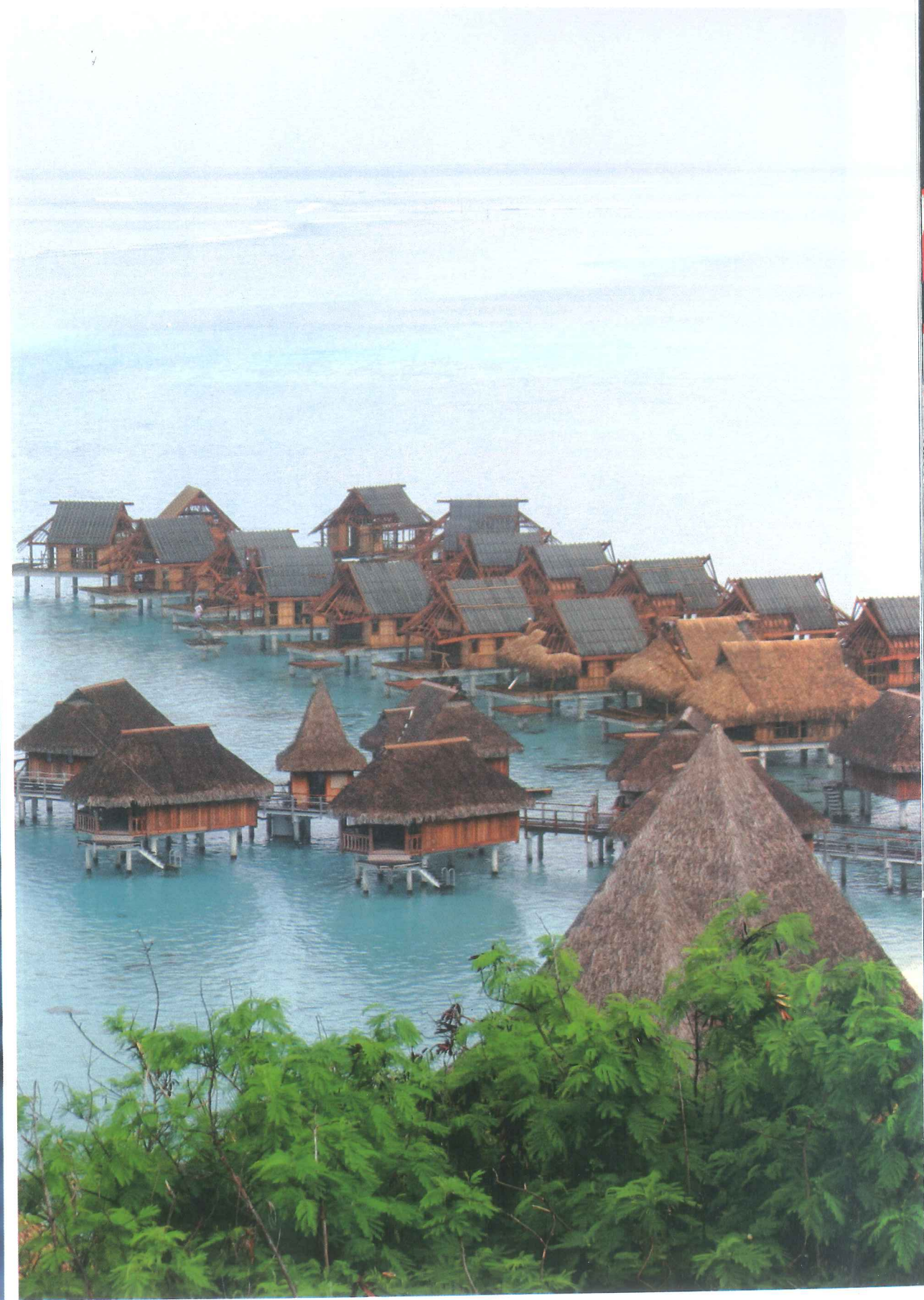


Daniilo Costa, veste Oakley e surfa com prancha RM, em Jolie Vague

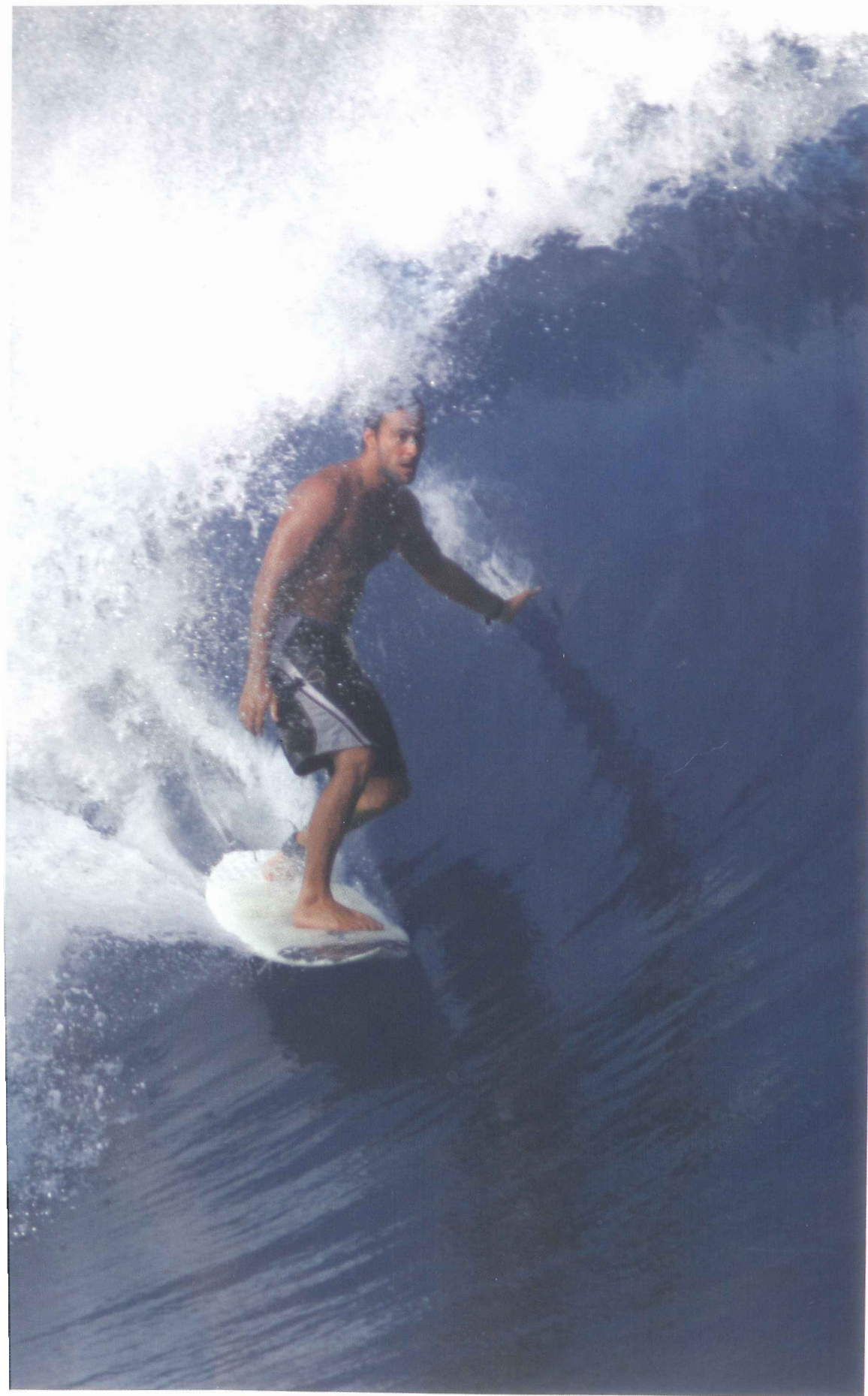




ulo Moura, veste Onbongo e surfa com prancha Havenga, em Teahupoo

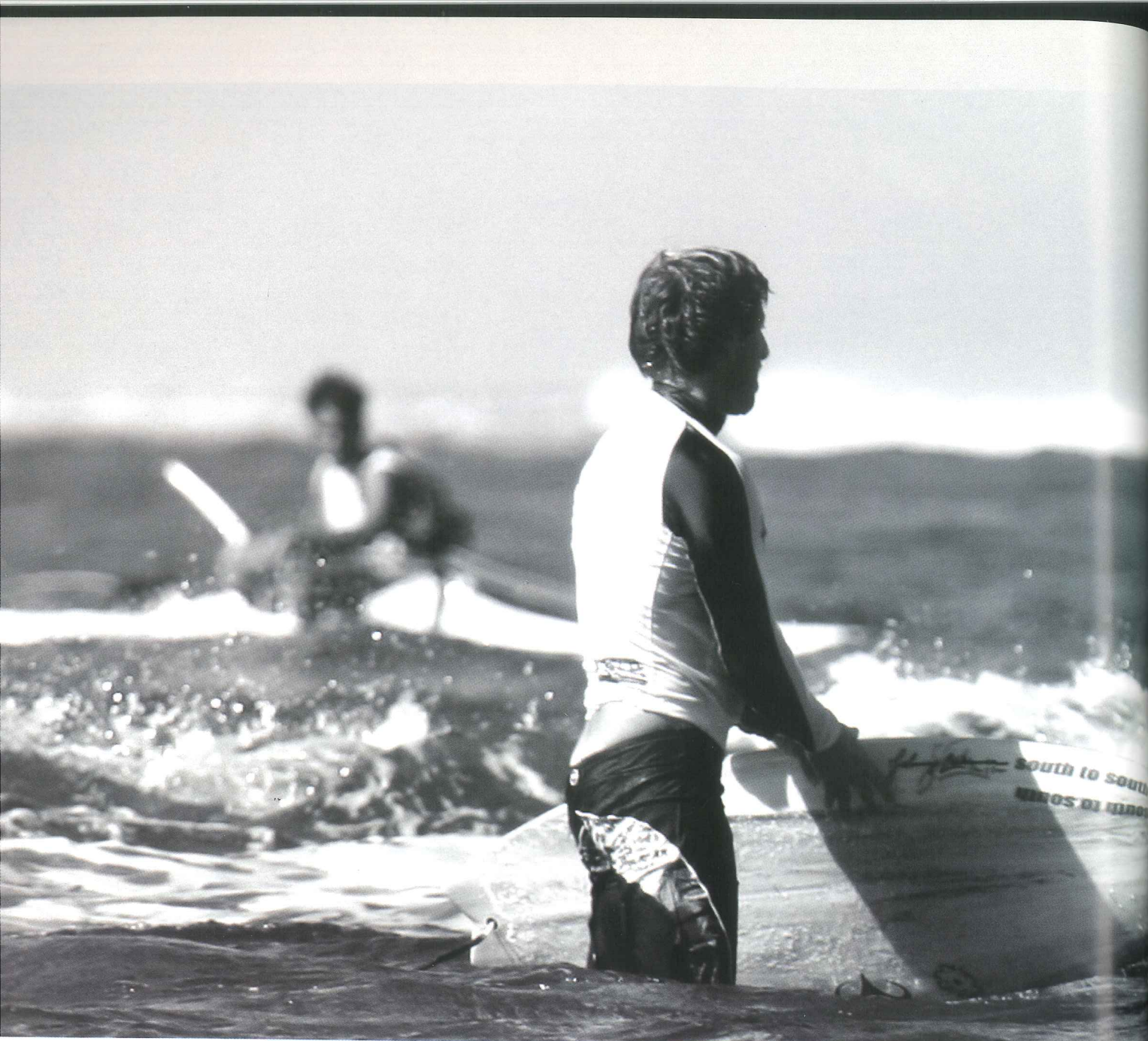






Vitor Faria, free surfer, em Teahupoo

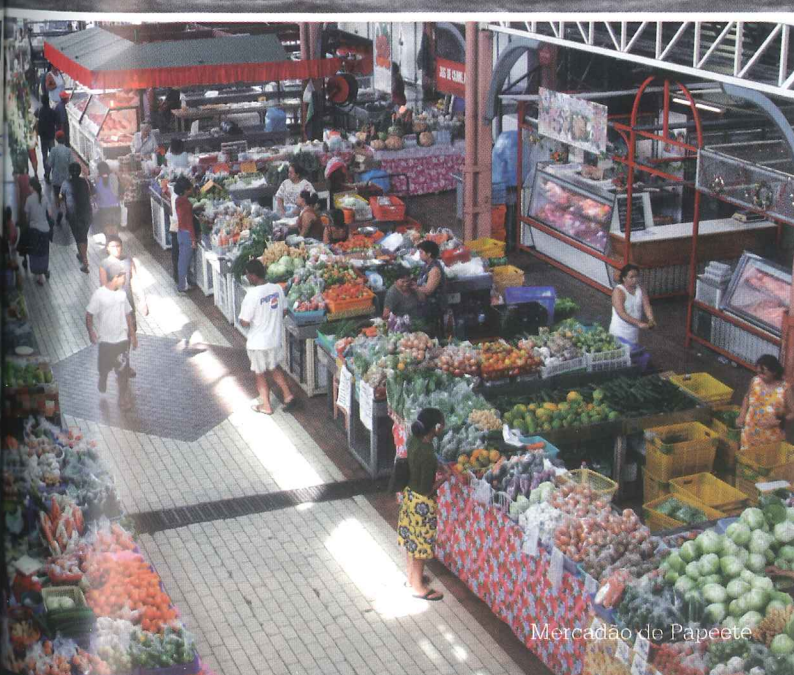




Alemão de Maresias, veste South to South e com a prancha Fglass, viaja em Tuahotu



Barca em Moorea

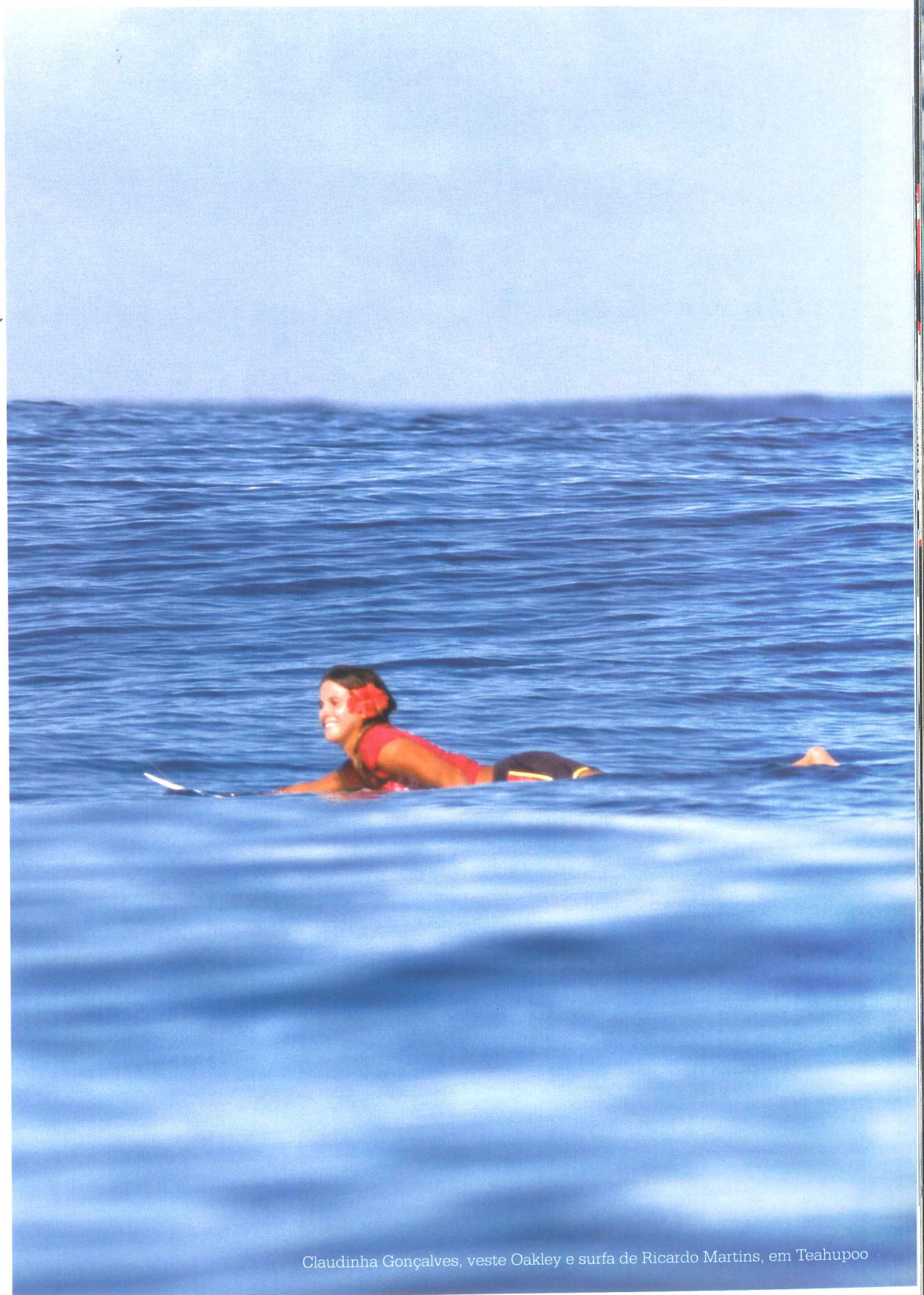


Mercadão de Papeete



Tahiti



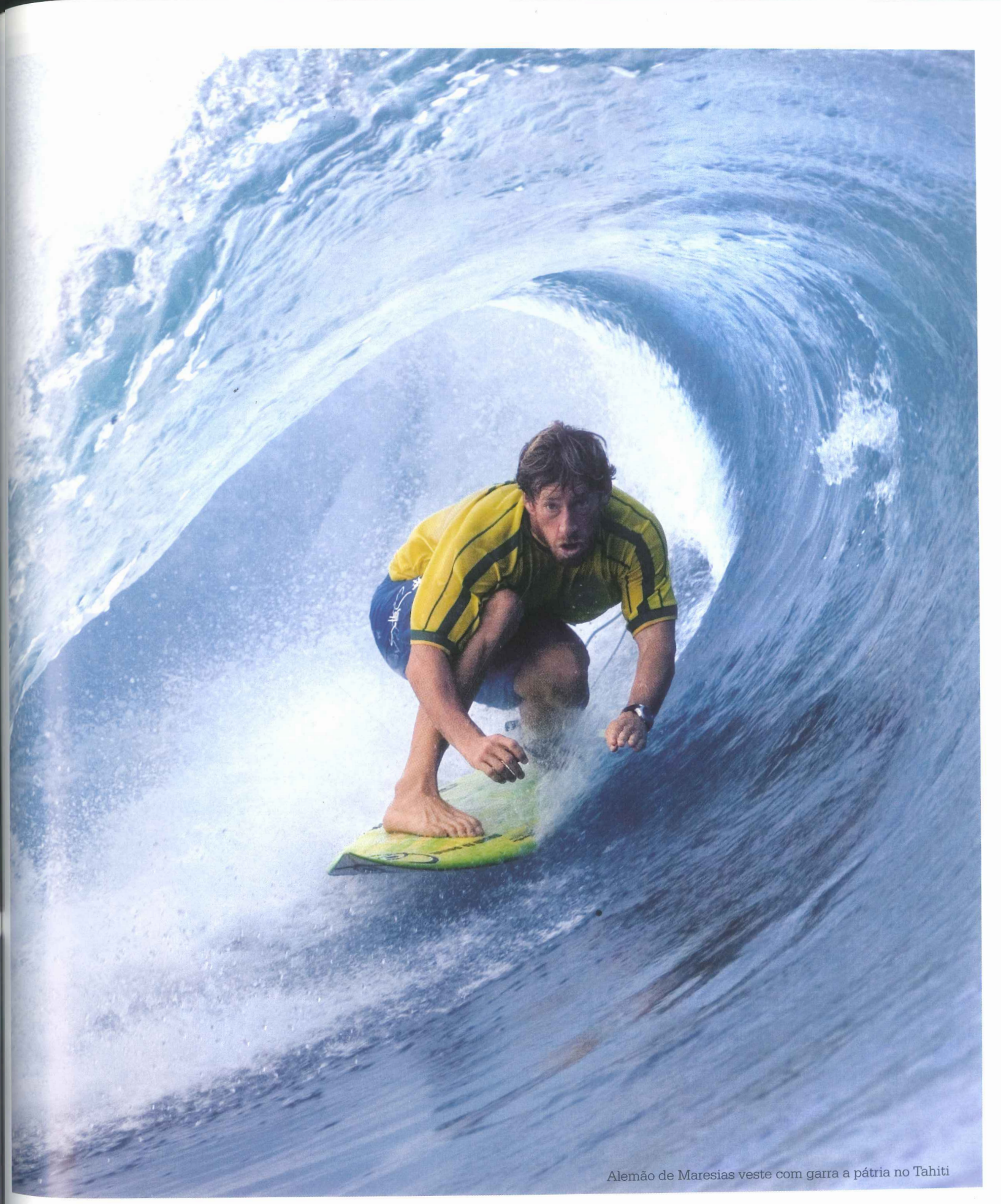


Claudinha Gonçalves, veste Oakley e surfa de Ricardo Martins, em Teahupoo





Daniio Grillo, veste Hang Loose e surfa de Xanadu em Teahupo



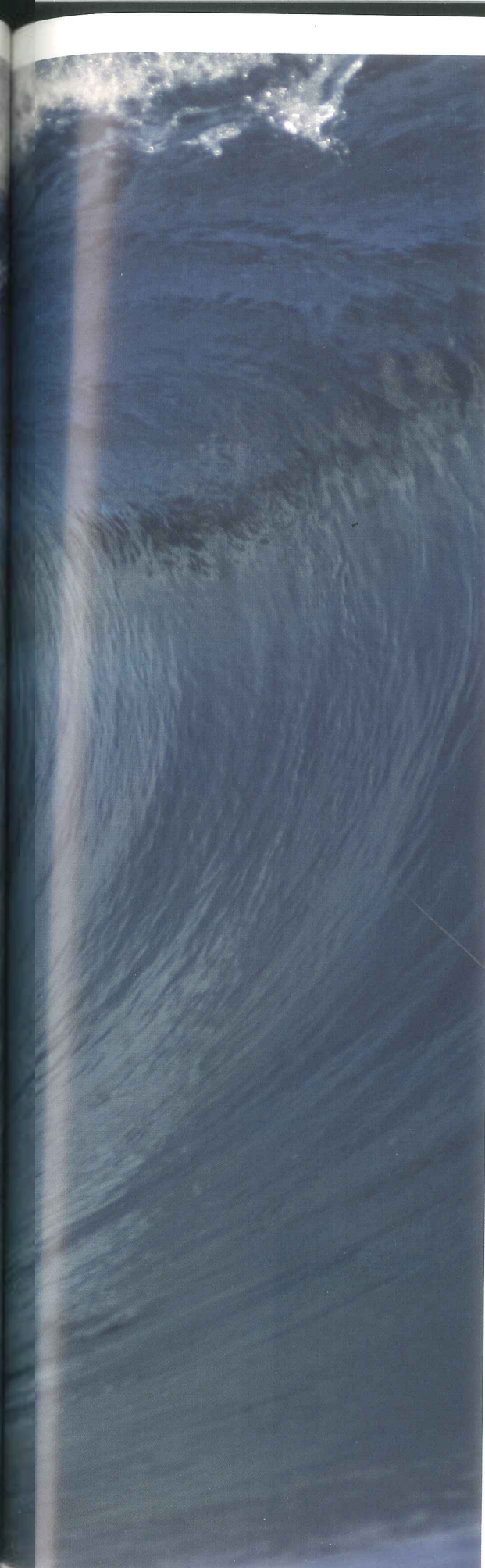
Alemão de Maresias veste com garra a pátria no Tahiti







Teco Padataiz, veste e surfa da Tropical Brand, em Teahupoo, Tahiti

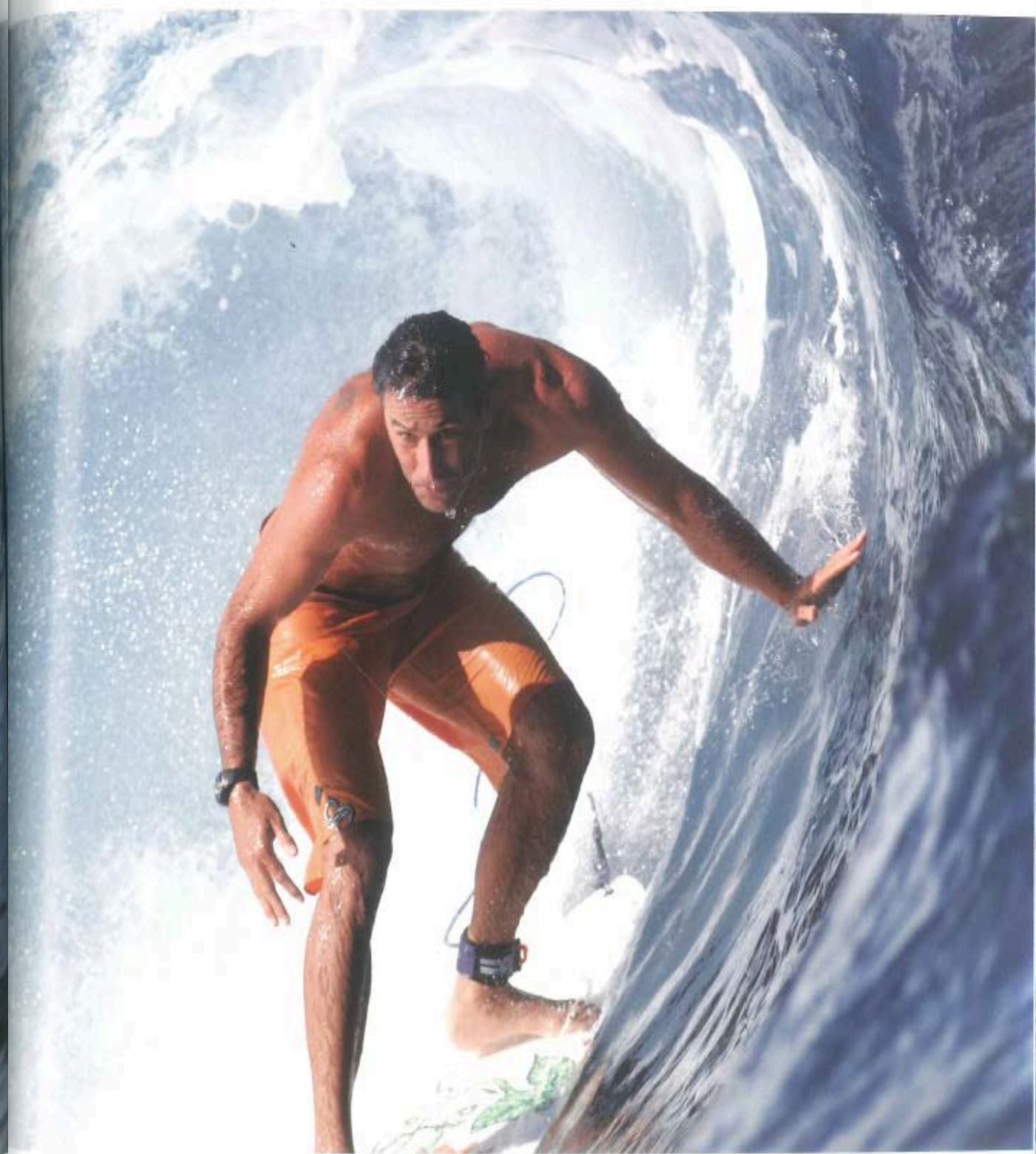


Jessé Mendes, veste Rip Curl e surfa de RM, em Teahupoo



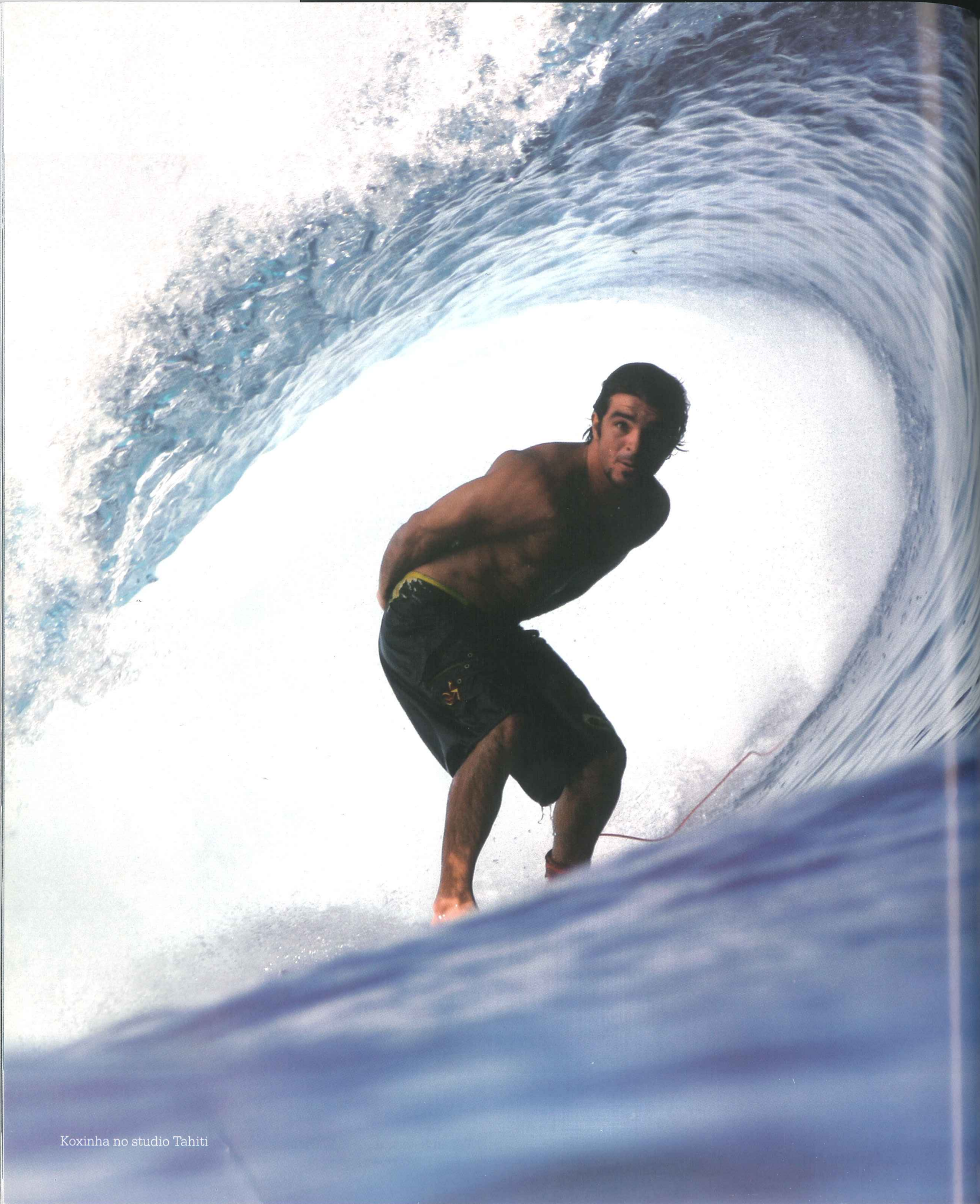


Marcelo Nunes, veste Nicoboco, no studio Teahupoo

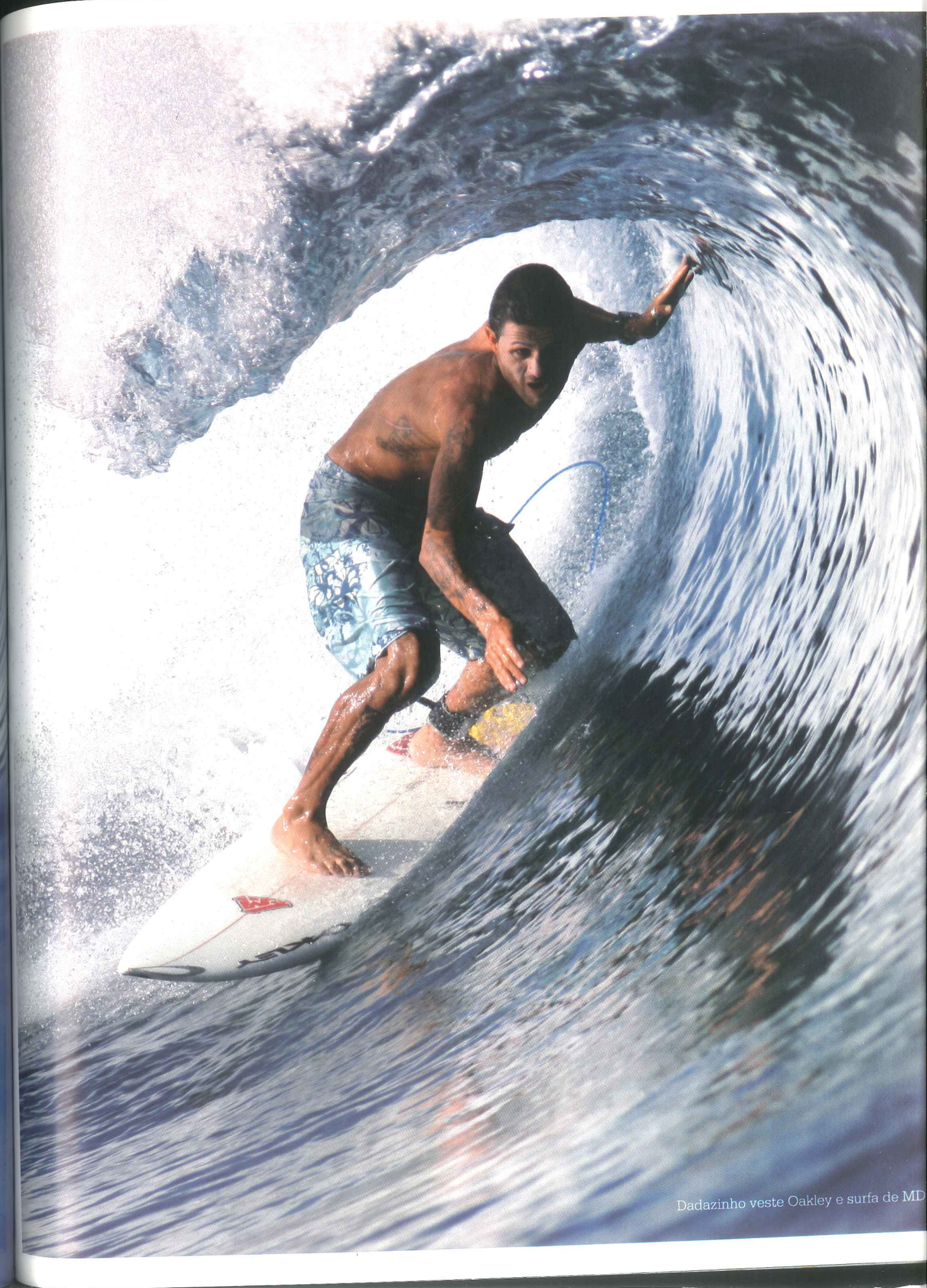


Renan Rocha, veste Smolder e surfa de Joca Secco, em Special Lefts





Koxinha no studio Tahiti

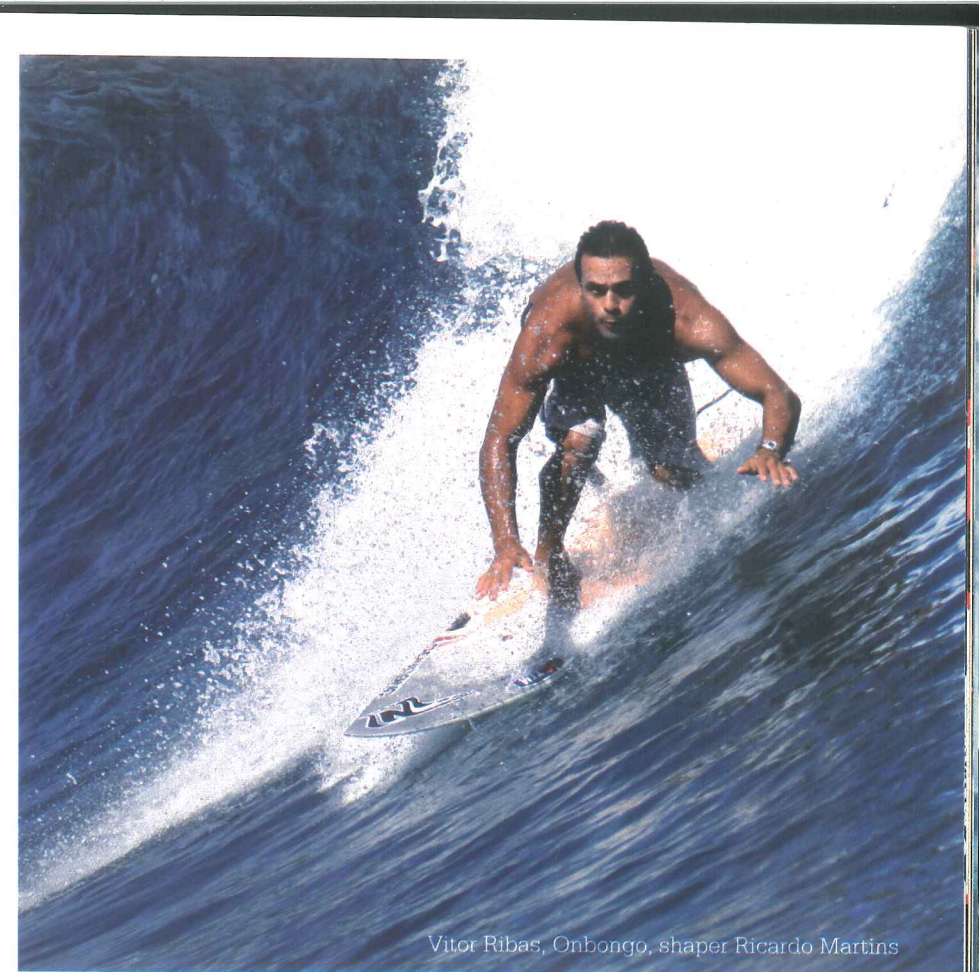


Dadazinho veste Oakley e surfa de MD





inho, veste Oakley e surfa de Pukas, em Teahupoo



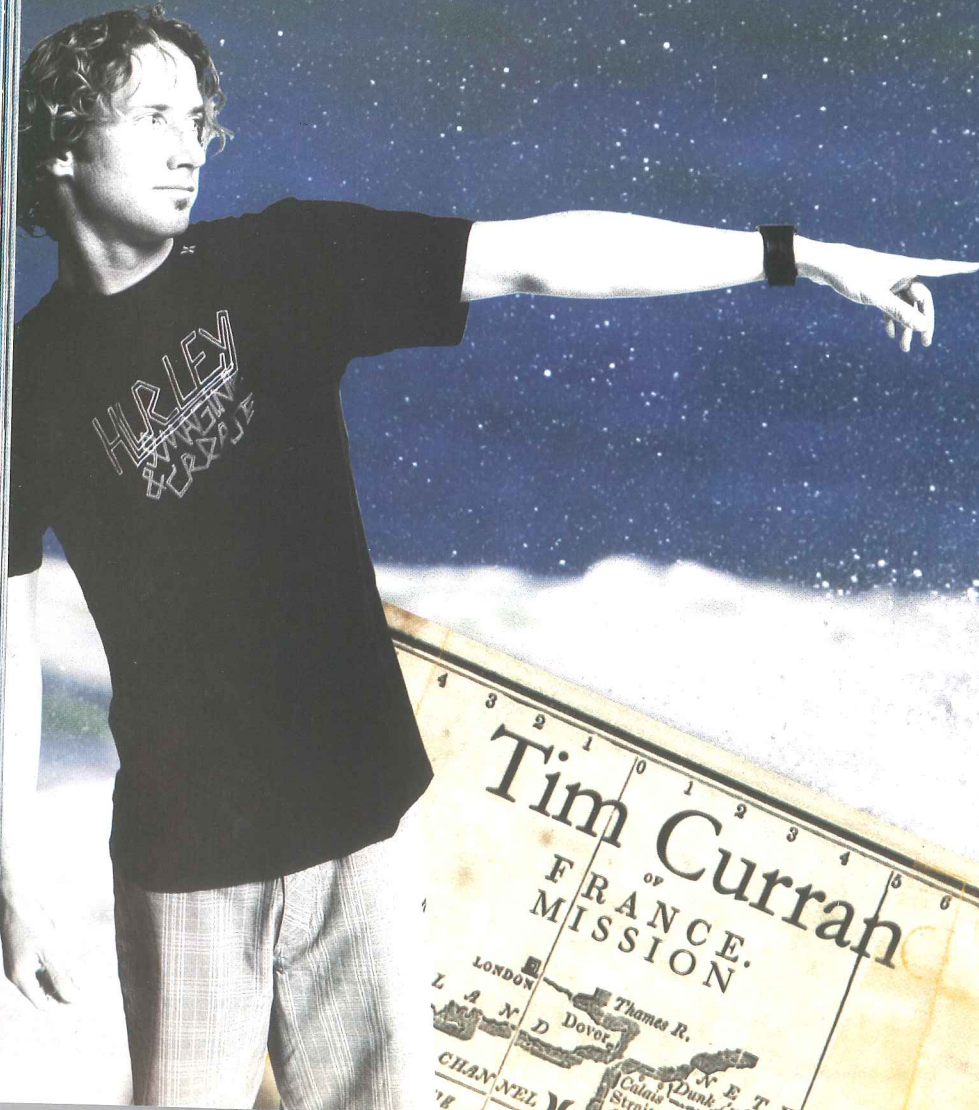
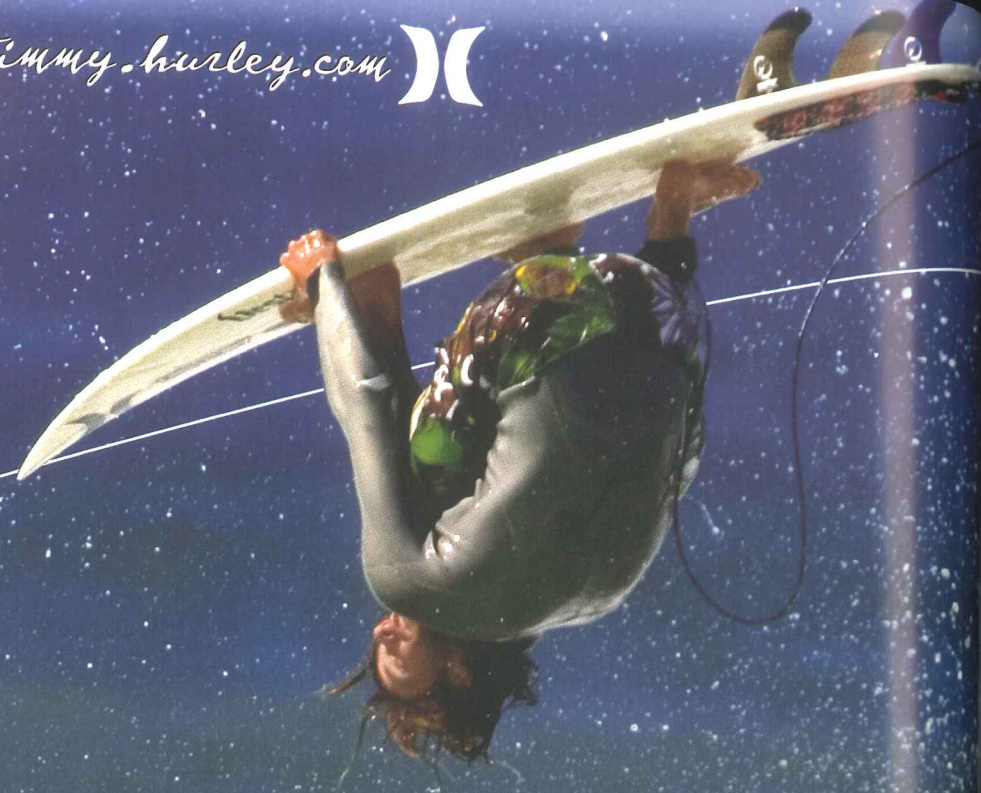
Vitor Ribas, Onbongo, shaper Ricardo Martins



Rodrigo Resende, Red Nose, shaper Vitor Vasconcelos



easy like sunday morning [timmy.hurley.com](http://timmy.hurley.com) ) (



I believe in you





AGAINST THE GRAIN



texto Adriano Vasconcellos

Against the Grain é uma exposição artística que reúne surf e punk rock, arte em colisão.

'Na contramão', proposta do evento promovido pela Hurley, aparece como resgate de um momento mágico do surf, que foi o surgimento das biquilhas, inspirado na transformação rebelde da música que resultou no explosivo punk rock. Mais do que essas revoluções, o surf foi parte integrante dessa postura que influenciou o mundo na virada das décadas de 70 e 80. Os surfistas, embalados na pesada trilha sonora da época e equilibrados no aparecimento das novas pranchas com duas quilhas, desenvolveram um novo estilo de manobrar e de atacar as ondas, moldando o comportamento de muitos jovens que escolheram, naquele momento, um novo jeito de viver.

No surf, que viu a mudança da linha suave das monoquilhas para uma performance mais radical e arredondada de manobras verticais, o punk rock veio acertar a algazarra sonora exposta pelo movimento punk e alinhar e expandir a rota da nova música do mundo ocidental. No caldeirão multifacetado que promoveu essa rebelião pós-hippie, outros estilos musicais surgiram, como new wave, hardcore, gótico, ska, skins, billys e o próprio pós-punk, entre outros, incendiando a fonte de inspiração de importantes artistas, impondo a democratização ao mesmo tempo do anarquismo da produção cultural do período.

Os shapers, com autenticidade, assumiram um comprometimento com a mudança do design das pranchas e criaram uma nova escola. Um novo conceito de pranchas de surf era necessário, se você fosse surfar com uma música do Sex Pistols ou do The Exploited estourando na sua cabeça. As cores, os desenhos e as propostas de arte sobre as pranchas também não ficaram alheios à transformação desse curto período do surf, que durou até o aparecimento das thrusters, ou triquilhas, do australiano Simon Anderson, cerca de dois anos mais tarde. Pela linha do tempo do surf, é difícil dizer o que veio primeiro – o punk rock ou as biquilhas, que foram se desenvolvendo desde o final da década de 50 – na combinação desses dois agentes instáveis porém decisivos que mudariam o esporte para sempre.

presented by  
**Hurley**

imagens pranchas e folder Against the Grain/Hurley

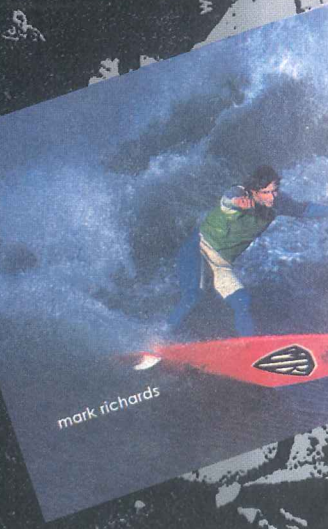
shapers:  
ben alpa  
al merrick  
bob hurley  
ance collins  
own stussy  
er schroff  
pider murph  
mark richards

# AGAINST THE GRAIN

NA CONTRA MÃO DA LINHA DO SURF E DA MÚSICA



shaper: Mark Richards  
artist: Arturo Vega



imagens



shaper: Bob Hurley  
artist: Winston Smith



shaper: Al Merrick  
artist: Mike Clark



shaper: Lance Collins  
artist: Buff Monster



shaper: Al Merrick  
artist: Bradie Shemke



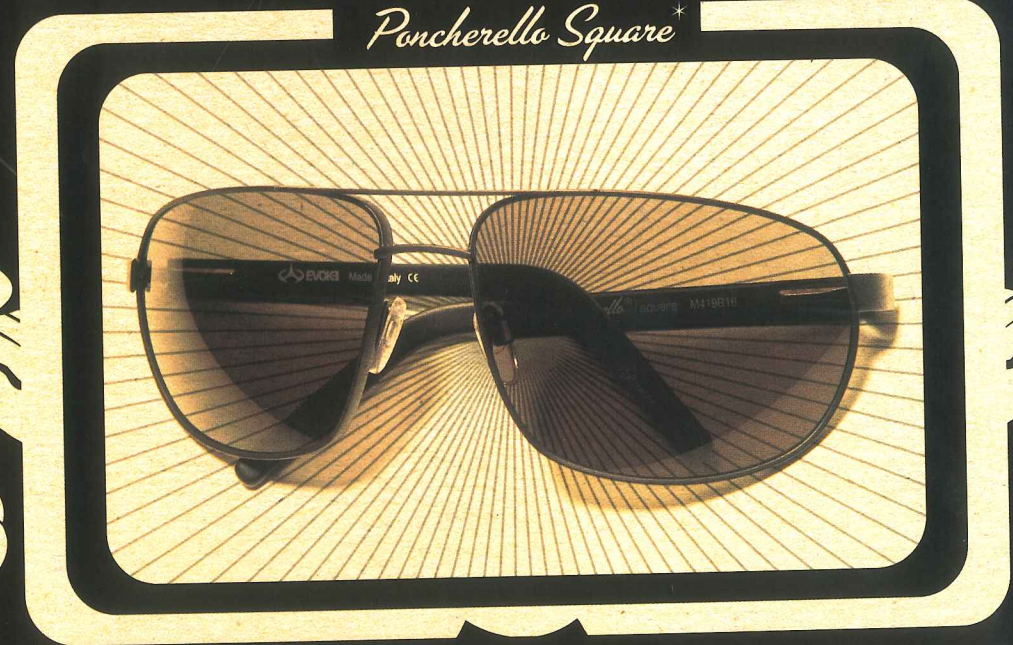
EVOKE EYEWEAR  
*Innovation is Just a Matter of Attitude*



*Poncherello®*

*The Genuine Classic Standard*

*Poncherello Square*



HIGH FIDELITY EYEWEAR

ORIGINAL MADE IN ITALY



Concebidas pelo tetracampeão mundial Mark Richards, as biquilhas foram criadas para facilitar uma nova técnica, de literalmente rasgar e dilacerar as ondas, mudando completamente o estilo do surf. Esse novo projeto criou uma nova expressão, e tudo o que já fazia parte da cultura do surf ficou velho da noite para o dia. As pranchas passaram a ter cores misturadas como a capa de um disco punk. O resultado disso foi a mais colorida e influente fase pela qual o esporte passou, apesar da tendência dark do punk rock. Podemos dizer inclusive que, como em nenhuma outra época na história do surf, a arte, o design das pranchas e a performance se fundiram tão perfeita ou imperfeitamente nesses voláteis anos entre 77 e 82, quando ocorreu a colisão das performáticas biquilhas e da inquieta música punk.

Against the Grain é uma celebração da música e arte que mudaram o surf. E baseada nesse cenário, a mostra de arte que está rodando o mundo – já passou por Tóquio, Hawaii, Nova York, San Francisco, Los Angeles, San Diego, Sydney, entre outras importantes cidades, e programa uma mostra das pranchas para São Paulo durante a Surf Beach & Show – traz pranchas customizadas de shapers renomados que viveram e influenciaram tal momento, como o já citado Mark Richards, Ben Aipa, Al Merrick, Lance Collins, Shawn Stussy, Peter Schroff, Spider Murphy e o próprio Bob Hurley, idealizador da exposição.

Cada prancha possui a arte dos mais legendários artistas da cena punk rock, inclusive Winston Smith, artista dos álbuns dos Dead Kennedys; Edward Colver, fotógrafo preeminente da cena punk de L.A.; Keith Morris, do Circle Jerks; Stephen Jay-Rayon; Mike Clark, do Suicidal Tendencies; Jack Grisham do TSOL, que tocou muito nos toca-fitas dos surfistas brasileiros; Arturo Veja, "quinto" membro dos Ramones; Mark Mothersbaugh, do robótico Devo; Tommy Steele, artista do álbum Surf Punk, e outros respeitadíssimos nomes, como os skatistas Kris Markovich, Joe McElroy, Bradie Shemke, Jo Jo Whitmarsh, Thad Matson, Dean Bradley e Buffmonster.

No Brasil, o surf também viveu essa explosão de comportamento. Segundo o artista plástico André Poli, 40, surfista que viveu intensamente essa virada de década e admirador do conceito do Against the Grain, o movimento punk rock veio misturado de diversas tendências, o que marcou uma nova geração do surf de atitude muito mais radical, que era exatamente o oposto da aparência freak dos bichos-grilos. "O movimento punk chegou ao contrário no Brasil. Falava-se em punk, mas se curtia o new wave. A agressividade se refletia mais nos intitulados 'surf punks', que costumavam pichar a expressão em suas pranchas. Porém, sem o fundamento do movimento punk que existia na Inglaterra, terra natal da revolta." Poli ainda explica que foram os skatistas que trouxeram a 'moda de fora', só que foram os surfistas que misturaram as cores e os estilos. "Além da mistura dos sons, que iam de Devo, Pistols, Stray Cats, Exploited, Clash, Damned, GBH a Oingo Boingo e Dead Kennedys, e dos nacionais Inocentes, Cólera, Garotos Podres e Ratos de Porão, a arte também tinha o propósito de chocar os caretas. O surf punk era uma figura muitas vezes de cabelos coloridos e espetados, de atitudes extremamente radicais e inconseqüentes, que trilhava um tênue caminho entre 'sex and violence, drogas e punk rock'", finaliza sorrindo o artista que fez parte do movimento surf punks da cena paulistana.

Against the Grain: Surfing and Punk Rock Collide é assim, sem muita teoria concreta, mas com muita expressão e rebeldia de instrumentos barulhentos e transformação. Uma exposição de pranchas, arte e cultura; para ver, ouvir, sentir e viajar.

the invasion continues...



VIKING  
SURFBOARDS



usa

www.vikingsurfboards.com.br (11) 3219.5693 / (11) 3219.8580



shaper: Spider Murphy  
artist: Tommy Steele

mark mothersbaugh  
bradie shemke

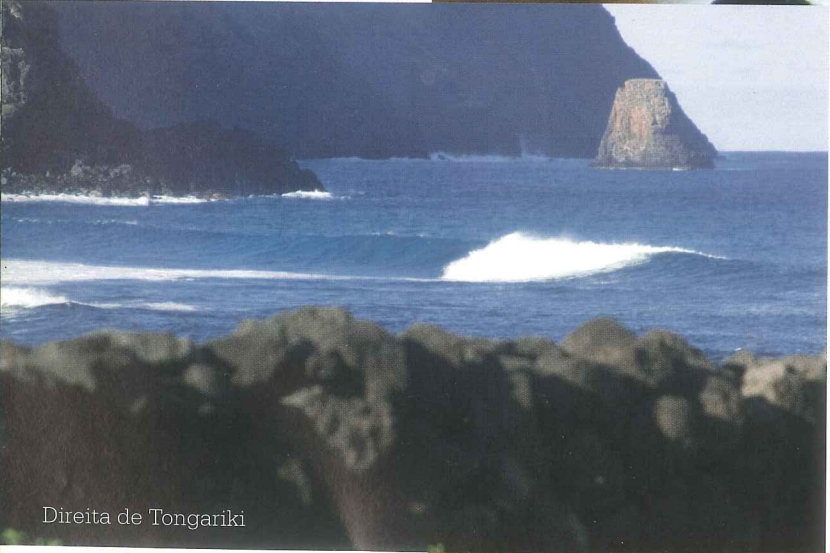




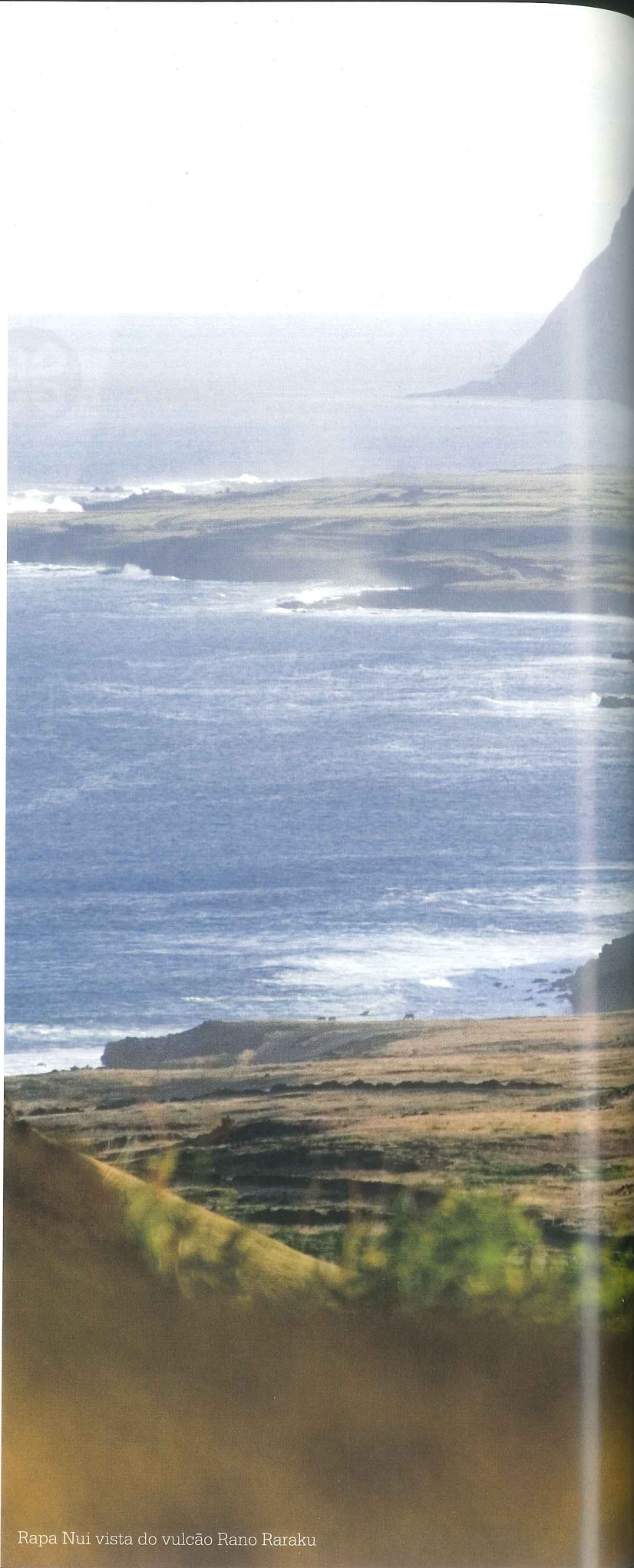
Moais na praia de Tongariki



Line up de Pacaya



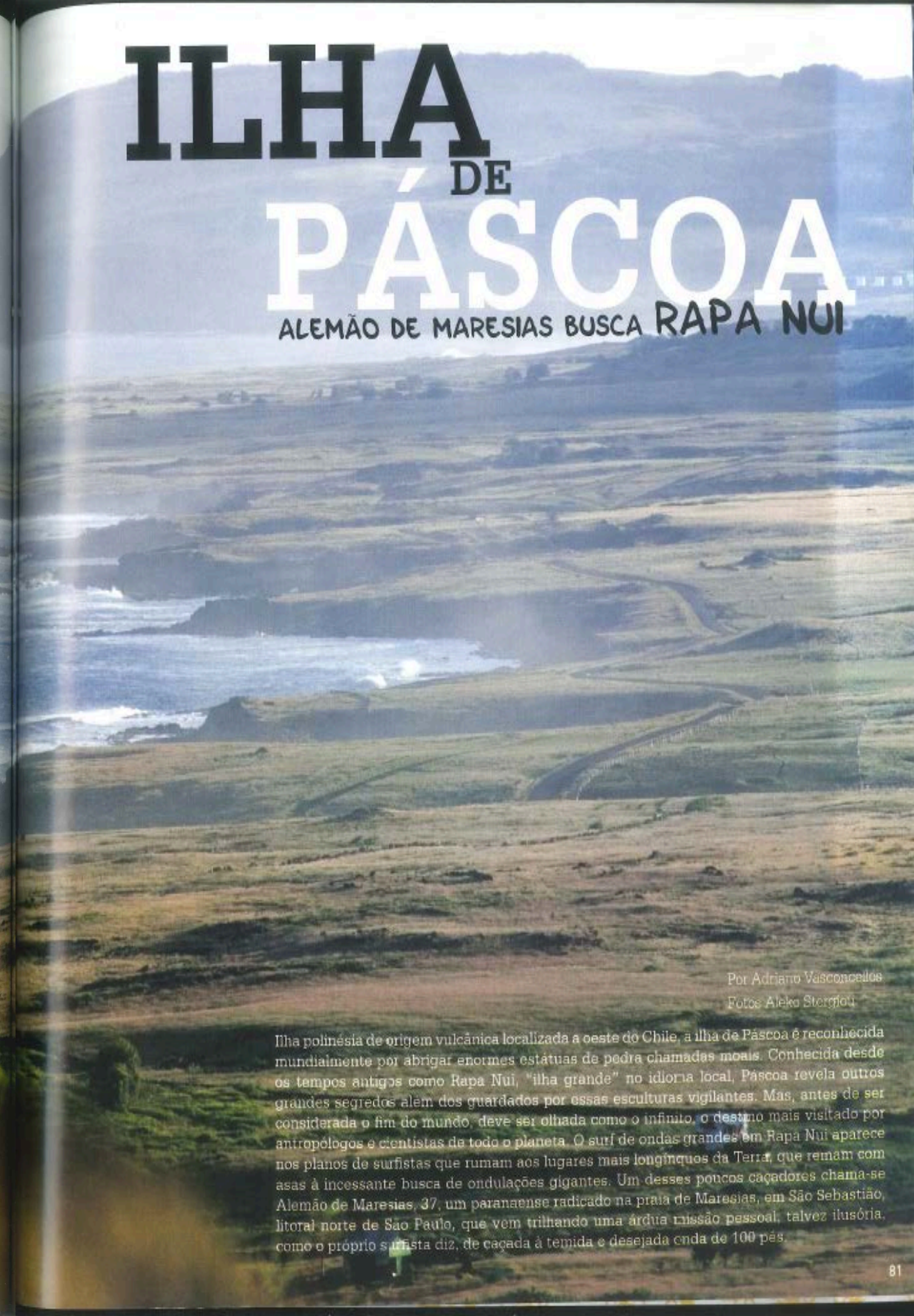
Direita de Tongariki



Rapa Nui vista do vulcão Rano Raraku

# ILHA DE PÁSCOA

ALEMÃO DE MARESIAS BUSCA RAPA NUI



Por Adriano Vasconcelos  
Fotos: Aleko Stergiou

Ilha polinésia de origem vulcânica localizada a oeste do Chile, a ilha de Páscoa é reconhecida mundialmente por abrigar enormes estátuas de pedra chamadas moais. Conhecida desde os tempos antigos como Rapa Nui, "ilha grande" no idioma local, Páscoa revela outros grandes segredos além dos guardados por essas esculturas vigilantes. Mas, antes de ser considerada o fim do mundo, deve ser olhada como o infinito, o destino mais visitado por antropólogos e cientistas de todo o planeta. O surf de ondas grandes em Rapa Nui aparece nos planos de surfistas que rumam aos lugares mais longínquos da Terra, que remam com asas à incessante busca de ondulações gigantes. Um desses poucos caçadores chama-se Alemão de Maresias, 37, um paranaense radicado na praia de Maresias, em São Sebastião, litoral norte de São Paulo, que vem trilhando uma árdua missão pessoal, talvez ilusória, como o próprio surfista diz, de caçada à temida e desejada onda de 100 pés.



A formação da ilha de Páscoa nos remete a erupções que datam de 3 milhões de anos, na fusão dos vulcões Rano Kau, Maunga Terevaka e Poike, que moldaram o desenho da ilha quase que triangular, somados a pelo menos outras 70 crateras espalhadas pelos 163 quilômetros quadrados de paisagens instigantes. Páscoa fica a cerca de 3.700 quilômetros da costa sul-americana, possui clima subtropical árido, de ventos frios e águas congelantes, e costuma receber ondulações vindas de várias direções. Rapa Nui parece flutuar no meio do oceano Pacífico.

Alemão foi a Rapa Nui pela primeira vez em 2005, mas conta que o 'Te pito o te henua', umbigo do mundo, como também é conhecida a ilha, provocou forte atração muito antes de o surfista ter ido para lá. "Minha fissura por Páscoa começou há mais ou menos 16 anos, quando vi uma matéria na extinta revista *Surfer* brasileira (*Surfer*, inverno 1990, ano 3, edição #11), chamada de 'Um passo além', onde o surfista Carlos Burle, acompanhado do baiano Jojó de Olivença, dropou ondas enormes em Vinapu. A partir daí, os grandes 'moradores' de olhos arregalados e as ondas do ponto mais remoto viraram a minha obsessão", diz o free-surfer comprometido com o lifestyle do esporte. "A ilha de Páscoa é uma hidrelétrica natural de ondas bombando pra cima dos rochedos. O lugar mais místico do mundo polinésio. E isso me deixa obstinado; por conquistar Páscoa e por surfar as ondas que o local pode oferecer. A intensa energia 'puomana' me transforma num 'ser integrado com a natureza', num ambiente avesso do mundo real."

O início da colonização das ilhas do oceano Pacífico parece ter começado por volta de 1500 a.C., quando os povos da Oceania partiram em jornada para as ilhas localizadas a leste da atual Austrália, as ilhas da Polinésia Francesa. Por volta de 150 a.C. chegaram às ilhas Marquesas, e em 500 d.C. já tinham ocupado a ilha de Páscoa. Outra teoria aposta em uma origem sul-americana, dada a semelhança entre as estátuas andinas e pascoenses. Sem falar nas muitas outras histórias contadas pelos próprios moradores. Essas 'estórias' aguçaram a curiosidade de Alemão, que almeja desvendar as verdades da ilha. "Os relatos que circundam a cultura de Rapa Nui são um oceano de lendas em prol da valorização das ricas raízes e dos aku aku, espíritos de força do povo polinésio, que sem dúvida intrigam a todos os seres mais elevados."

Desde seu povoamento, a cultura desenvolveu-se isolada do resto do mundo até Páscoa ser "descoberta", em 1722, pelo navegador holandês Jacob Roggeveen, num domingo de Páscoa e da Ressurreição, fato que originou o nome atual. Os habitantes de Rapa Nui dispõem até hoje de uma complexa cultura de símbolos e figuras. Segundo Alemão, essas peculiaridades são reveladas pelos próprios moradores, que ensinam os significados de muitas imagens e desenhos das escrituras rongongongo, inclusive os relacionados aos primeiros contatos dos reis de Rapa Nui com o hakanini, isto é, o surf!

"Assim como no Hawaii e no Tahiti, a bravura dos nativos mar adentro também é muito comentada em Páscoa. Muitas vezes essas histórias se fundem. As do moais, por exemplo, é muito interessante. Os nativos contam que as estátuas ficavam voltadas para o continente para proteger o povo, como guardiões, e que por isso sofriam primeiro os ataques dos invasores, que miravam os olhos dos moais para quebrar a energia do povoado. No surf, esses mesmos pascoenses contam que as estátuas serviam para orientar os reis que rumavam ao mar com suas 'tábuas' de madeira."

"Em Páscoa sinto o encontro com a minha própria natureza, que é surfar ondas grandes de tow-in ou no braço, em lugares que se mostram arredios, perigosos e misteriosos, por que é nesses lugares que vou encontrar as maiores ondas da minha vida", fala emocionado o homem que celebra a liberdade por meio do surf. "Páscoa pode ser esse lugar, pois recebe diversos tipos de swells, e de várias direções. Uma ilha pequena, que sente os reflexos de qualquer movimentação gerada no hemisfério sul. Tem ondulações que batem no Tahiti, por exemplo, e chegam dois dias depois em Páscoa, e dependendo das condições de vento e velocidade, podem avançar sobre Rapa Nui com um tamanho bem maior do que o registrado nas outras ilhas do triângulo polinésio". Porém, Alemão continua com suas observações, e já demonstra um bom conhecimento do pico. "Sinto que a ilha de Páscoa bóia no meio de um canal que tende a balançar com as tempestades geradas no Hawaii e no Japão."







Rapa Nui na esquerda de Mataveri



Visual de Hangaroa

Nessa trip, Alemão de Maresias passou uma temporada no Tahiti e depois voou para Páscoa, passando apenas um pouco mais de uma semana na mística ilha, comprovando a constância na quantidade das ondulações que quebram sobre ela. "Destá vez fiquei apenas 10 dias em Páscoa, e mesmo não surfando ondas gigantes, que eram a minha esperança, dois grandes e bons swells avançaram para cima das costas dos moais", conta o big-rider que voltou do Chile com a mala cheia de ondas, e expõe uma interessante curiosidade: "Busco o caminho inverso de ir ao Hawaii. Sempre gostei de outros destinos que não tenham a pressão desgastante da disputa, do localismo, do blá-blá-blá, do estresse. Prefiro estar ao lado de meus amigos e ser recebido por povos que realmente tenham prazer em receber a todos. Em Páscoa, sinto a imensa satisfação de encontrar meus amigos que lá vivem e surfam, e que desfrutam o verdadeiro aku aku polinésio, que é a raiz da raiz do surf". E Alemão aponta o real valor da cultura local: "Mesmo tendo toda essa riqueza espiritual, os nativos de Páscoa não usam isso para fazer dinheiro ou ganhar status no mundo do surf. Pelo contrário, cada vez mais vejo hospitalidade e preservação da herança cultural desse povo amistoso e respeitador".

O surfista de Maresias também descreve alguns picos e diz que todo cuidado é pouco em um lugar como a 'Isla de Pascua'. "Rapa Nui apresenta vários tipos de mar, e as armadilhas estão por toda a parte. De repente você pode avistar altas ondas no horizonte, só que pegá-las é uma outra aventura." Em Páscoa, boa parte das linhas estouram para cima dos rochedos vulcânicos, e o acesso, às vezes, se torna quase impossível.

Papa Tangaroa, por exemplo, mais conhecida como Vinapu ou Pedra do Rei do Mar, é uma onda que quebra a 50 metros de um monte de pedras, com um fundo totalmente irregular. "Tenho desejos por Vinapu, um pico só de pedras e ouriços. Chegar até a onda é talvez o momento mais delicado da queda no mar, pois qualquer deslize pode ser fatal. Mas o melhor é quando se está mesmo dentro d'água, pois você vê a bancada brotar já durante o drop." Segundo Alemão, "Vinapu agüenta ondas de 25 pés, e talvez essa condição seja a melhor para o surf".

Outra onda de respeito é Mataveri, que quebrou grande nessa surf trip. Uma esquerda encorpada e forte, porém, de acesso também complicado. "Surfar Mataveri é um desafio, a queda no mar é muito traiçoeira."





na esquerda de Mataveri



Acima, entrada perigosa em Mataveri. Abaixo, saída traiçoeira em Pacaya





água em Mataveri também pode se tornar um problema, e Alemão aponta os perigos. "Ainda do mar, você tem de remar em direção das rochas e rezar para o balanço não te arrebatasse contra elas. E depois de subir em cima pedras, sair ligeiro dali para não ser sugado de volta para a água." Só que o surfista diz que há inúmeros picos em Páscoa, e muitas opções. "Tem outros picos maravilhosos, como as ondas no outside em Runovai, que quebra em sessões entre 12 e 15 pés, além de ter um canal perfeito que te coloca nas ondas. Em Mataveri, o barato é desbravar encostas e locais de difícil acesso."

O que é de contar as histórias de Rapa Nui e de dar dicas interessantes para quem pretende surfar nessa pérola chilena. O local de Maresias diz que os big-riders devem dar mais atenção a Páscoa, pois ali pode surgir a onda dos 100 pés. "Sonho com bombas pascoenses de 100 pés, e que, quando isso acontecer, eu tenha condições e estrutura para ir atrás dessa onda; com jet, parceiro, incentivo, amigos, sorte, e a presença de Deus."

Em Rapa Nui se funde à minha própria história, que é a busca de ondas gigantes, mesmo que eu tenha sofrido alguns percalços e algumas dificuldades. Com adoração e proximidade a Deus, tudo fica mais fácil. Em Páscoa, sinto-me em casa, com meu yin e meu yang balanceados. Meu equilíbrio fica muito mais aflorado, mais evidente para minha visão. E com base nisso, com muita fé, trabalho, suor, minha remada e toco minha vida, até meio parecido com o próprio povo de Rapa Nui, com muito respeito ao próximo e admiração aos heróis e reis que passam pelo ciclo da vida."



Grupo do Rana Raraku



Alemão de Maresias na toca de Mataveri





Hakanini em Isla de Pascua



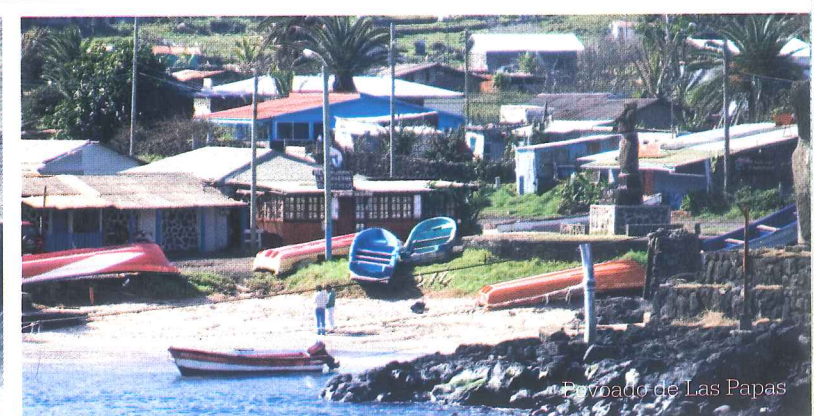
Papas



Surfistas Rapa Nui



Esquerda de Hoy



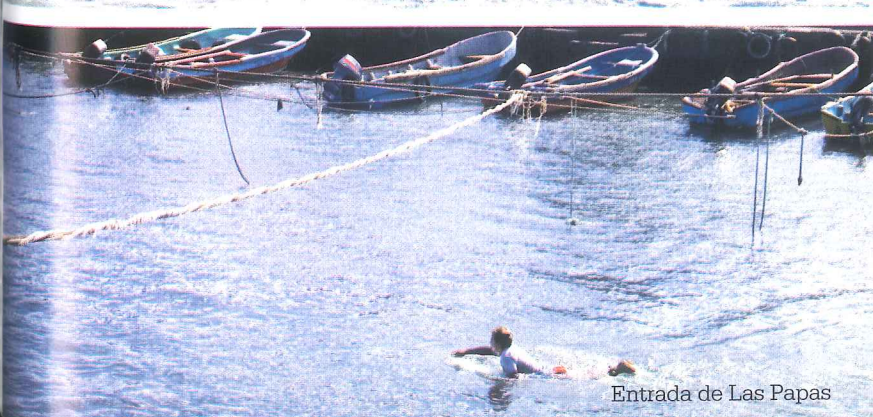
Prado de Las Papas



to Mataveri



Direita de Las Papas



Entrada de Las Papas



Onda mística de Mataveri





**TRUE LIFE**

TADEU PEREIRA FELIPE MARTINS SAULO JÚNIOR GABRIEL ADISAKA RONY BONETTI GILMAR SILVA

**TRUE SURF**

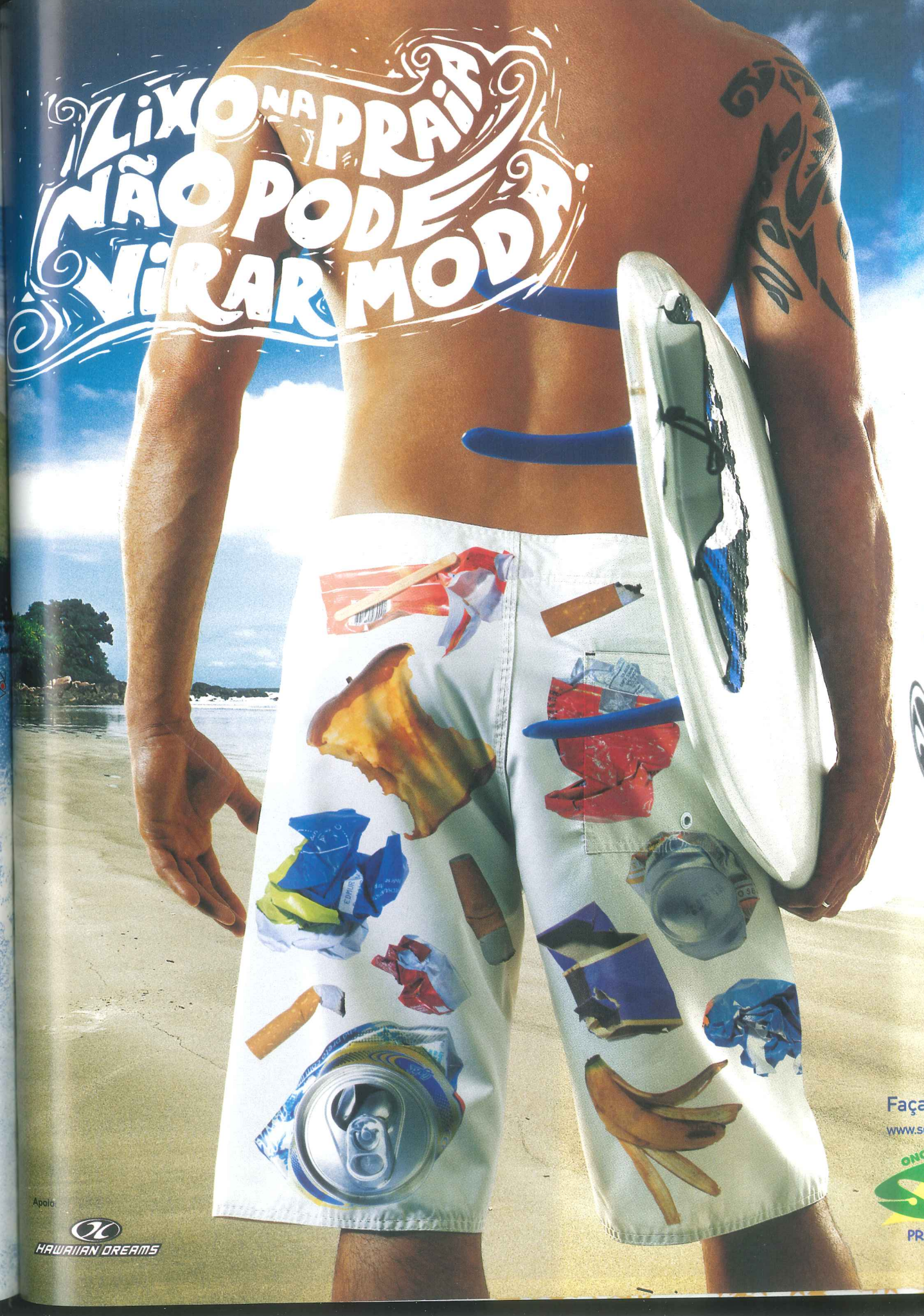


**GILMAR SILVA**

**Hawaiian Dreams**

[WWW.HAWAIIANDREAMS.COM.BR](http://WWW.HAWAIIANDREAMS.COM.BR)

111 3357 3900



**LIXO NA PRAIA NÃO PODE VIRAR MODA**

Apoiado por **HAWAIIAN DREAMS**

Faça [www.sos.org.br](http://www.sos.org.br)





**Almaquatica:**

Esta obra é uma expressão contemporânea de amor ao surf.

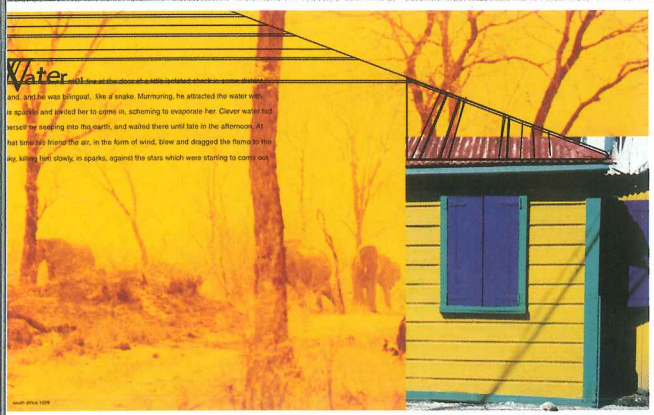
David, Klaus e Sidão, cada um em sua área, têm na sua missão de vida desbravar o novo e disso fazer arte, negócios, vida.

Almaquatica é o grito de chamada ao verdadeiro e profundo lado do surf, a Alma.

[Romeu Andreatta]

**ALMAQUATICA** KLAUS  
MITTELDORF  
SIDNEY TENUCCI JR.  
DAVID  
CARSON

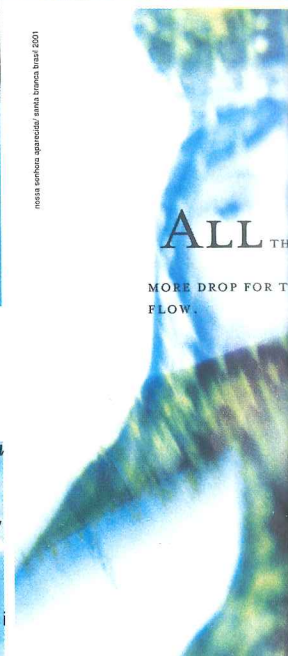




The center of man is where Water is spread  
 The center of the world floats in the center of man  
 Thus, through the eyes, water reaches the Heart

Or ga

the



ALL THE  
 MORE DROP FOR THE  
 FLOW.

not allow itself to be fenced  
 If we look too closely, pretends it  
 of time, and drips eternally on our  
 pain, using our sensations as its witness

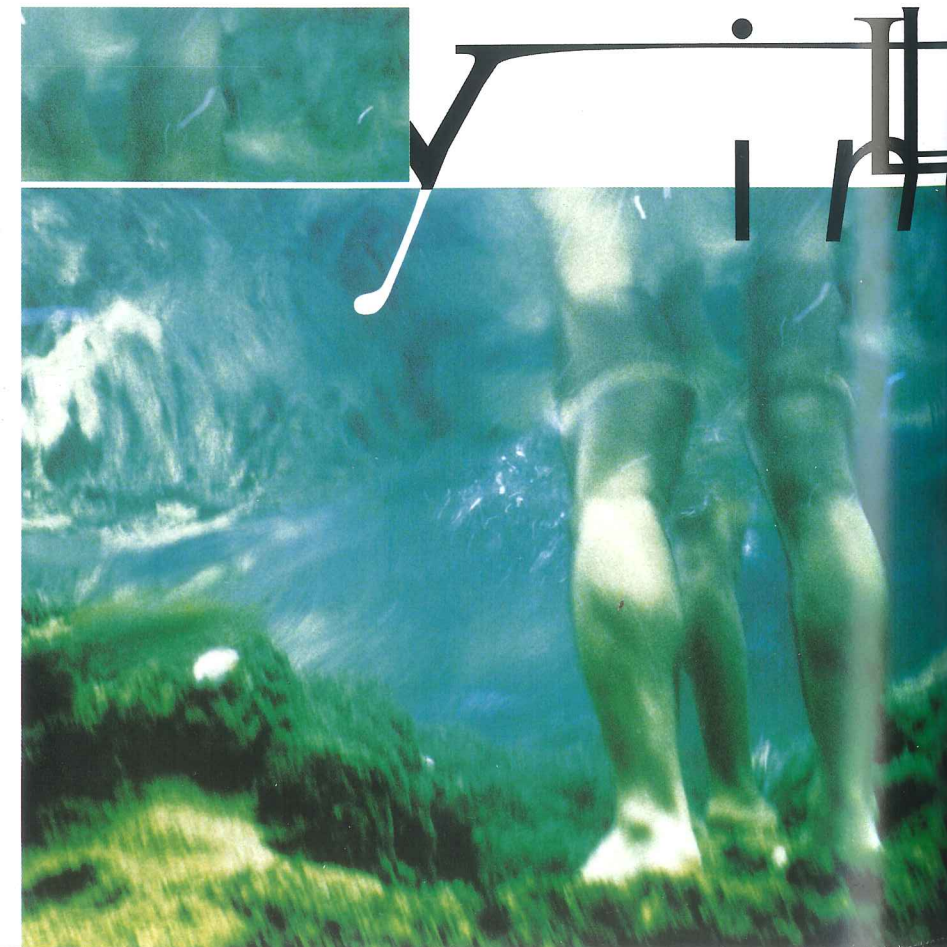
poem

**Livro almaquatica**  
 Fotografias | Klaus Mitteldorf  
 Poesias | Sidney Tenucci Jr.  
 Design | David Carson

Editora Terra Virgem

[www.terravirgem.com.br](http://www.terravirgem.com.br)  
[www.klausmitteldorf.com](http://www.klausmitteldorf.com)  
[www.davidcarsondesign.com](http://www.davidcarsondesign.com)

When the  
 water reaches  
 the bottom we  
 have to  
 learn to swim



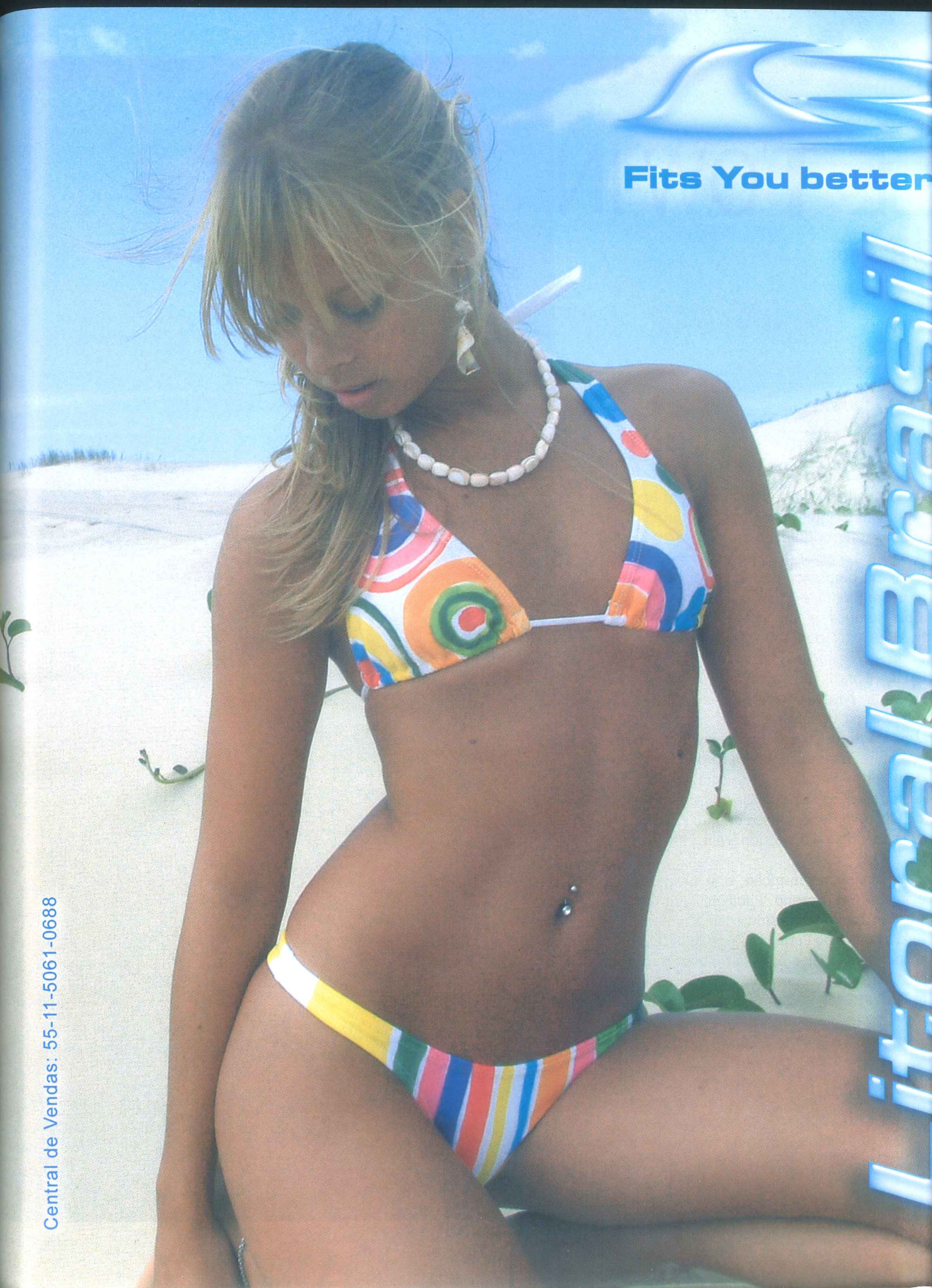


www.provider.com.br



SELENIUM  
Basic Action Collection

Fits You better



Central de Vendas: 55-11-5061-0688

Litoral Brasil



# FREE TOW-IN SURF

Com **SERGIO RICARDI**

Um grande swell estava para avançar sobre o Peru. Os institutos de monitoramento diziam que próximo do dia 17 de junho uma ondulação sudeste traria ondas em torno de 15 a 18 pés pra cima do litoral peruano. Sérgio Ricardi, um bem-sucedido industrial de 48 anos e surfista que frequenta o litoral norte de São Paulo, contatou dois amigos e um fotógrafo, apostou na previsão da NOAA (National Oceanic & Atmospheric Administration – [www.noaa.gov](http://www.noaa.gov)) e botou sua estrutura para funcionar. Ricardi, um inveterado esportista que sempre busca ultrapassar os próprios limites, conferiu os equipamentos, os tickets de viagem, as conexões, a estrutura montada no país andino, o jet, o parceiro, e voou rumo à capital peruana dois dias antes de entrar o swell. Na data certa, com sucesso e coragem, encarou em grande estilo sessões clássicas de tow-in nas direitas de Pico Alto. Objetivo de toda essa operação: “Surfar as maiores ondas da vida e dar sentido a ela, vida”.

Sérgio Ricardi confiou na intuição, e já na sexta-feira estava acelerando no oceano Pacífico, em um surf aquecimento. Em Lima, encontrou o amigo, parceiro e sócio no jet-ski a postos no Peru, Luis Fernando Gómez de La Torre, o conhecido Luisfer, big-rider peruano chegado de muitos brasileiros que optam pela hospedagem em sua pousada em Punta Hermosa. Serginho, como é chamado pelos amigos – entre eles os surfistas João Simonsen e Guilherme Gerdau, que também estavam na barca, e João Capilé, que já se encontrava lá –, é um fissurado no surf de reboque em ondas acima de 15 pés. “O tow-in é um viagra para o surf, redimensionou o meu limite. É por isso que montei estruturas em lugares onde tenho intimidade com as ondas, picos como no Peru, Hawaii e Maresias; com jets, equipamentos e todo o aparato necessário para a prática do tow-in. Um investimento que me oferece o enorme prazer de poder surfar ondas cada vez maiores.”



fotos ALE



Serginho surfa desde os 8 anos de idade, quando ganhou uma planonda de isopor que encarava qualquer vala e jacaré do Guarujá. O tempo passou e o gosto pelo mar cresceu com a mesma rapidez. Seu pai, Victorio Ricardi, achava o esporte perigoso demais para o filho, apenas uma criança. Porém, o persistente moleque pirado pelo surf conta que “pegava emprestado pranchas de amigos mais velhos para deslizar nas ondas da praia das Astúrias”. Convencida a família da atitude saudável do esporte praticado no mar, com 17 anos ele ganhou a primeira prancha Lightning Bolt, “numa época em que se vivia o puro surf, o de espírito mais elevado”. O até então free-surfer encarava o esporte de forma ampla e tentou se profissionalizar. Mas a falta de patrocínio e a frágil estrutura daqueles tempos encheram a sua paciência, o ativo empresário mudou os planos e logo pegou outros caminhos, começando a trabalhar na empresa da família. Só que, mesmo com todas as responsabilidades, o esporte sempre esteve acima de tudo.

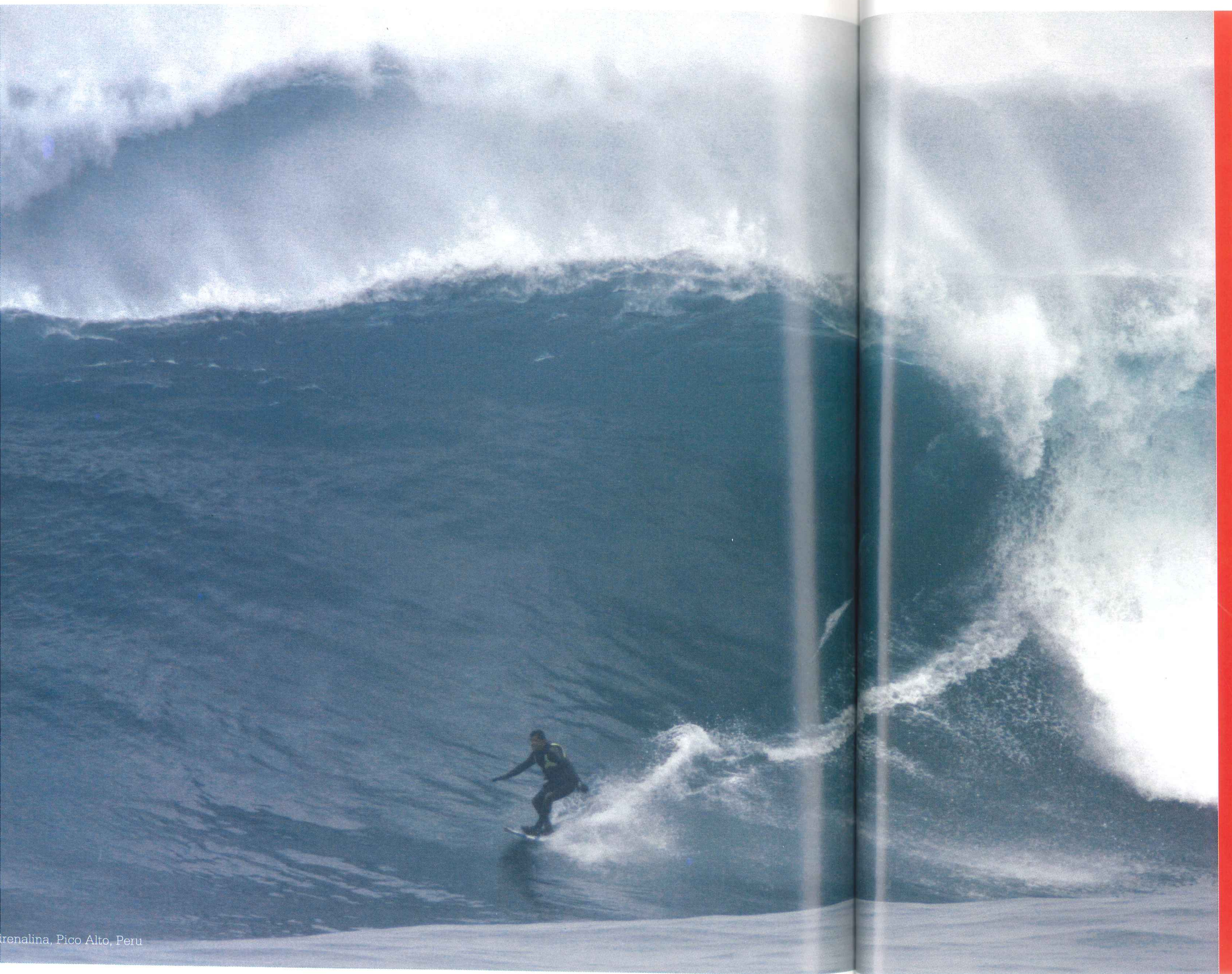
A paixão pelo boxe e pela natação dividia os seus vinte e poucos anos. Serginho flutuava entre o windsurf – foi um dos primeiros a freqüentar a barra de Ibraquera, em Santa Catarina, praia que apresenta condições ideais à prática do windsurf e que atrai atletas do mundo todo – e o motocross, esporte em que ele chegou a competir como amador. “O wind fez com que eu compreendesse as condições do vento, a direção das ondulações e outros segredos do mar. O boxe apurou meus reflexos. E o motocross me deu uma enorme bagagem para pilotar jet-skis, pois quando comecei a surfar de tow-in, rapidamente estava familiarizado com a máquina.” Porém, antes de chegar à pilotagem aquática, alguns anos mais tarde, o jovem de futuro promissor sofreu um grave acidente automobilístico em Florianópolis, durante o OP Pro de 1986, que o deixou acamado por quase um ano. “Foi um percalço que mudou minha vida. Mas, por outro lado, me deu mais força para superar as dificuldades e viver plenamente.”

Curado e pronto, Serginho não se deixou abater, voltou com força aos esportes. Começou a surfar de pranchão e a andar de jet-ski. “Eu gostava de correr nas ondas com o jet, nem pensava em surfar rebocado ou em puxar amigos nas ondas e depois resgatá-los, coisa que hoje faço muito bem. Confesso que no início não dei muita atenção para o tow.”



Sergio Ricardi dropa uma mo





arenalina, Pico Alto, Peru

Sérgio conta que o amor pelo tow-in não foi à primeira vista, mas que a paixão tardia foi muito mais avassaladora. "Foi em mais uma viagem para o Hawaii, essa no ano 2000, que minha ansiedade começou a balançar quando o mar crescia. Assim que tive o primeiro contato com o reboque, meu desejo em dropar morras em alta velocidade triplicou. Agora minha dedicação é total. Prova disso foi a trip para o Peru. Fui na quinta-feira e voltei no domingo, somente para surfar um grande swell com dois dias de ondas grandes."

A intuição de Serginho provou que estava certa. O swell peruano superou as previsões. Bombas de 25 pés explodiram pra cima de Pico Alto. Puxado pelo parceiro Luisfer, pegou as maiores ondas da sua vida e, de quebra, atuou nos melhores momentos do fotógrafo Aleko Stergiou, profissional contratado por ele para registrar a performance no tow, voltando para casa satisfeito e de cabeça feita. "Foi uma viagem alucinante por todas as condições que a surf trip apresentou, com foco e objetivos predefinidos, que no final superou todas as expectativas. A próxima barca é uma questão de tempo, seja no Peru, no Hawaii ou onde mais apontarem grandes ondulações", diz e emenda o industrial: "O tow é para poucos, não tem como comprar um jet velho e acelerar até o outside com ondas de 10 metros estourando na sua cara. Trilho meu caminho sozinho e faço as minhas escolhas, sem parceiros fixos, mas com muita confiança e determinação".

Essa história de surfista de alma, como o próprio nome ensina, é para poucos. "O tow-in é um esporte diferenciado, para pessoas preparadas, que comporta uma minoria dentro da própria comunidade do surf, que investe na busca. E por isso está sujeito a críticas e ataques. Mas eu não me preocupo, pois só quem pratica o tow-in pode avaliar as sensações do esporte e as loucuras que ele te proporciona. Estou preocupado apenas com minha satisfação pessoal", diz o transparente surfista. "Com o surf equilíbrio a minha mente com pensamentos positivos, não deixo nada pra depois. Com os meus filhos, Marino de 2 anos, e Lua, de 5 meses, quero viver o presente, e o surf é a forma mais intensa. Não vivo do surf, vivo para o surf", conta Sérgio Ricardi, que fundamenta o porquê da opção de agir de forma planejada e cheia de decisões. "Se eu pudesse voltar no tempo, voltaria. Aquela maravilhosa época dos anos 70, pegando onda junto da primeira geração de surfistas do Guarujá... Essa sensação não existe mais, essa eu já vivi. Gostaria muito de voltar aos meus 15 anos de idade com a experiência que tenho hoje. Por isso busco a cada dia superar os meus próprios limites. No presente, amplo e descubro novos sentidos por meio do tow-in."



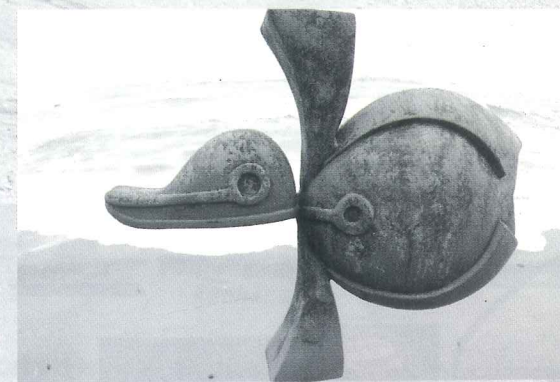
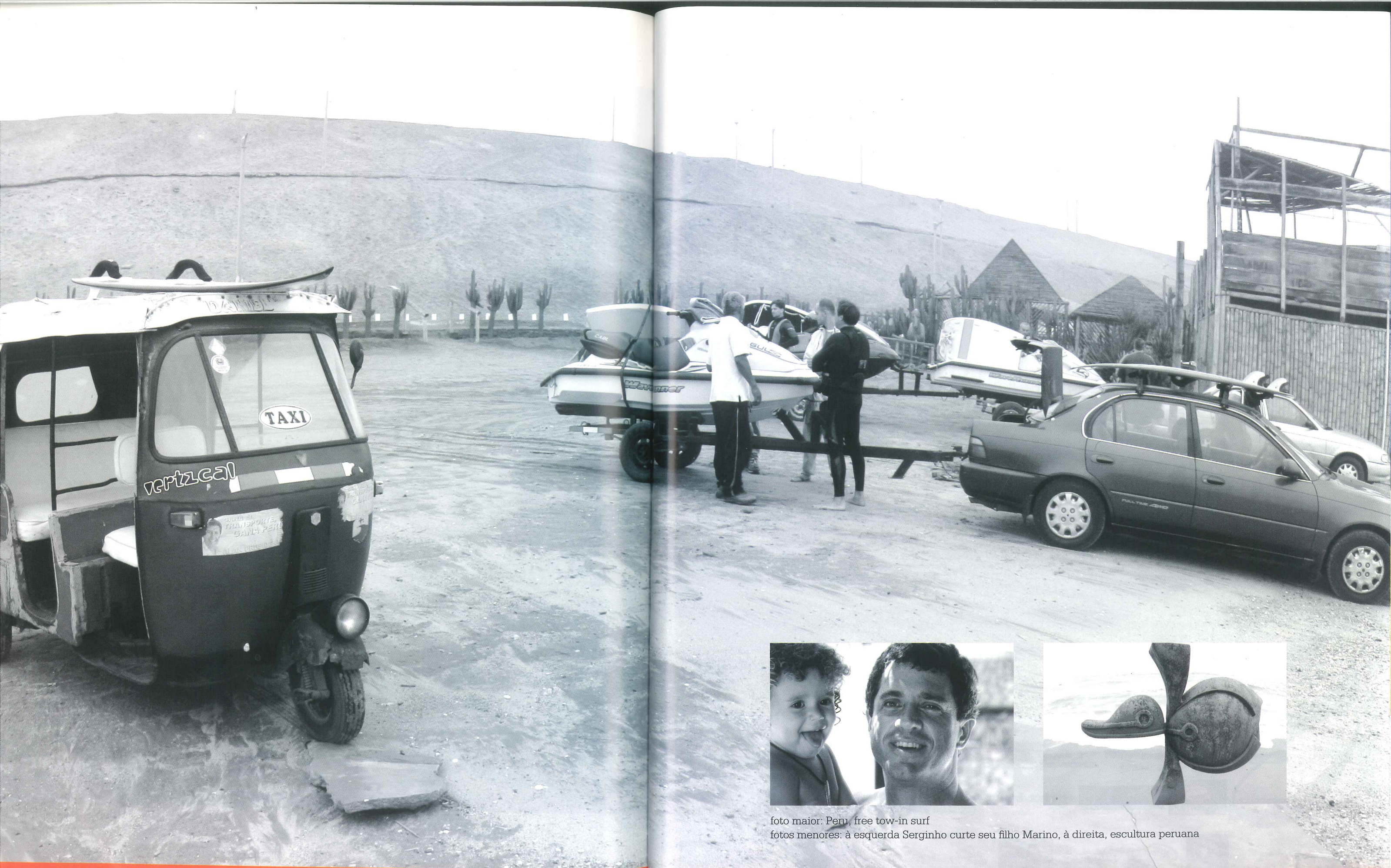


foto maior: Peru, free tow-in surf  
fotos menores: à esquerda Serginho curte seu filho Marino, à direita, escultura peruana



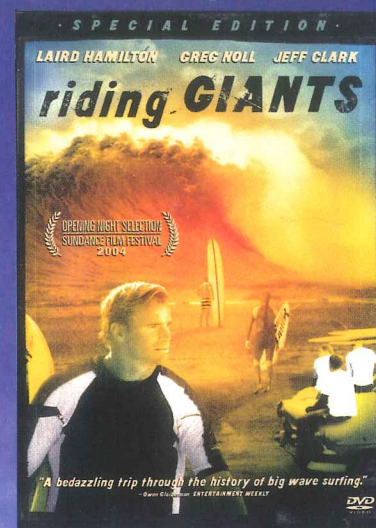
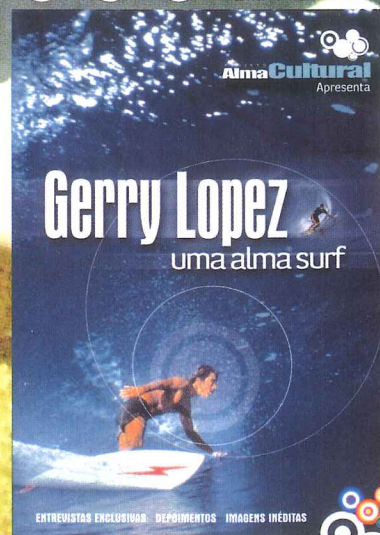
# SURF

# SHOPS

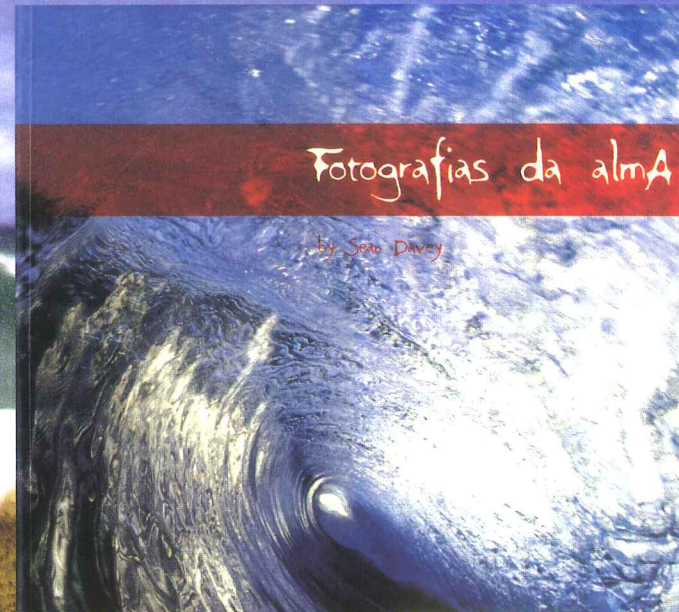
[www.almasurf.com.br](http://www.almasurf.com.br)

## O Brasil do Surf

## alma



## cultural



Surfista de Alma! você encontra a revista ALMA SURF nas melhores surf shops do Brasil.

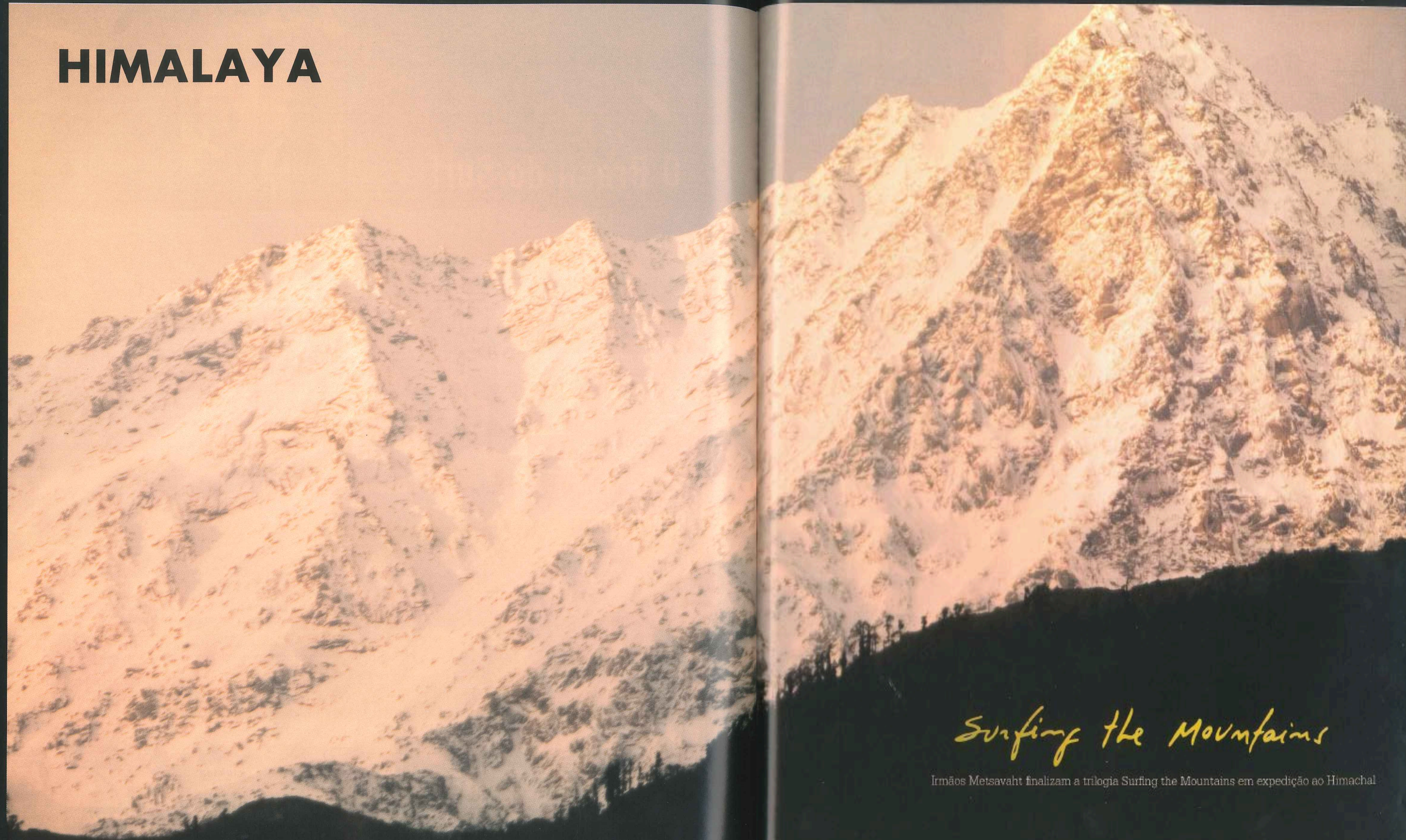
Prestige a sua loja de surf preferida, compre os produtos do projeto Alma Cultural.

Consulte os endereços das Alma Surf Shops no site [www.almasurf.com.br](http://www.almasurf.com.br)





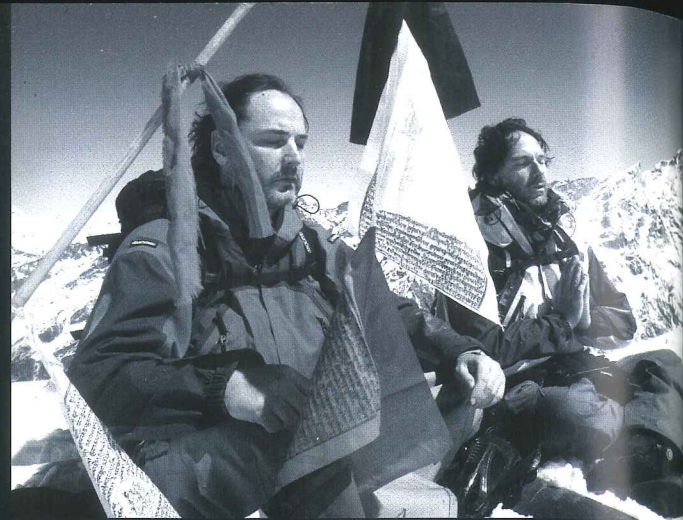
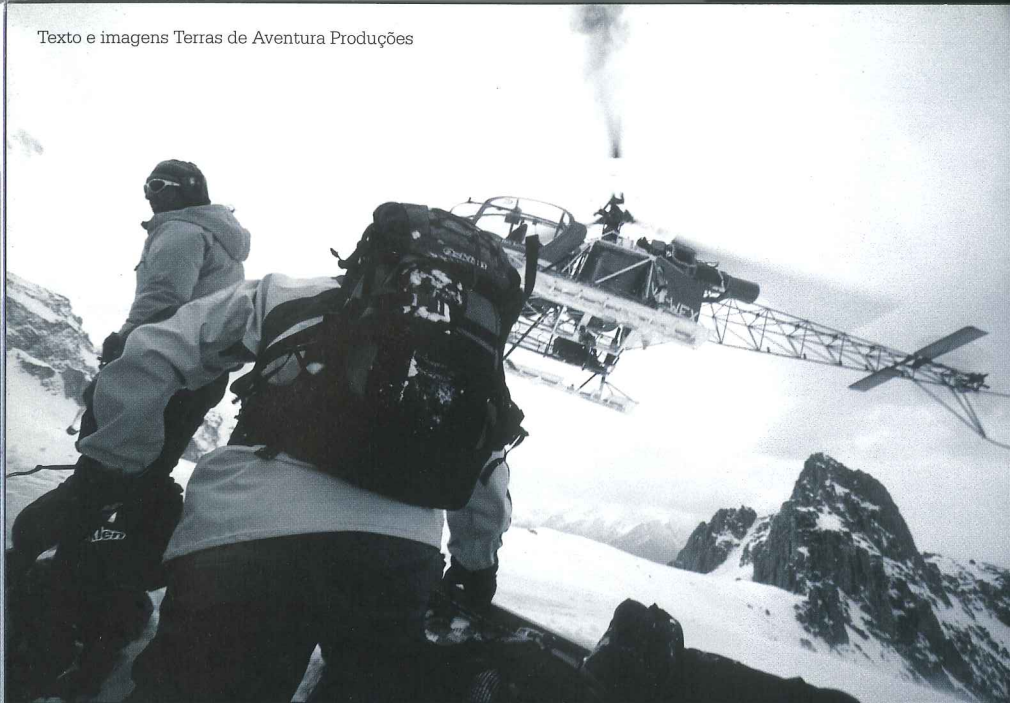
# HIMALAYA



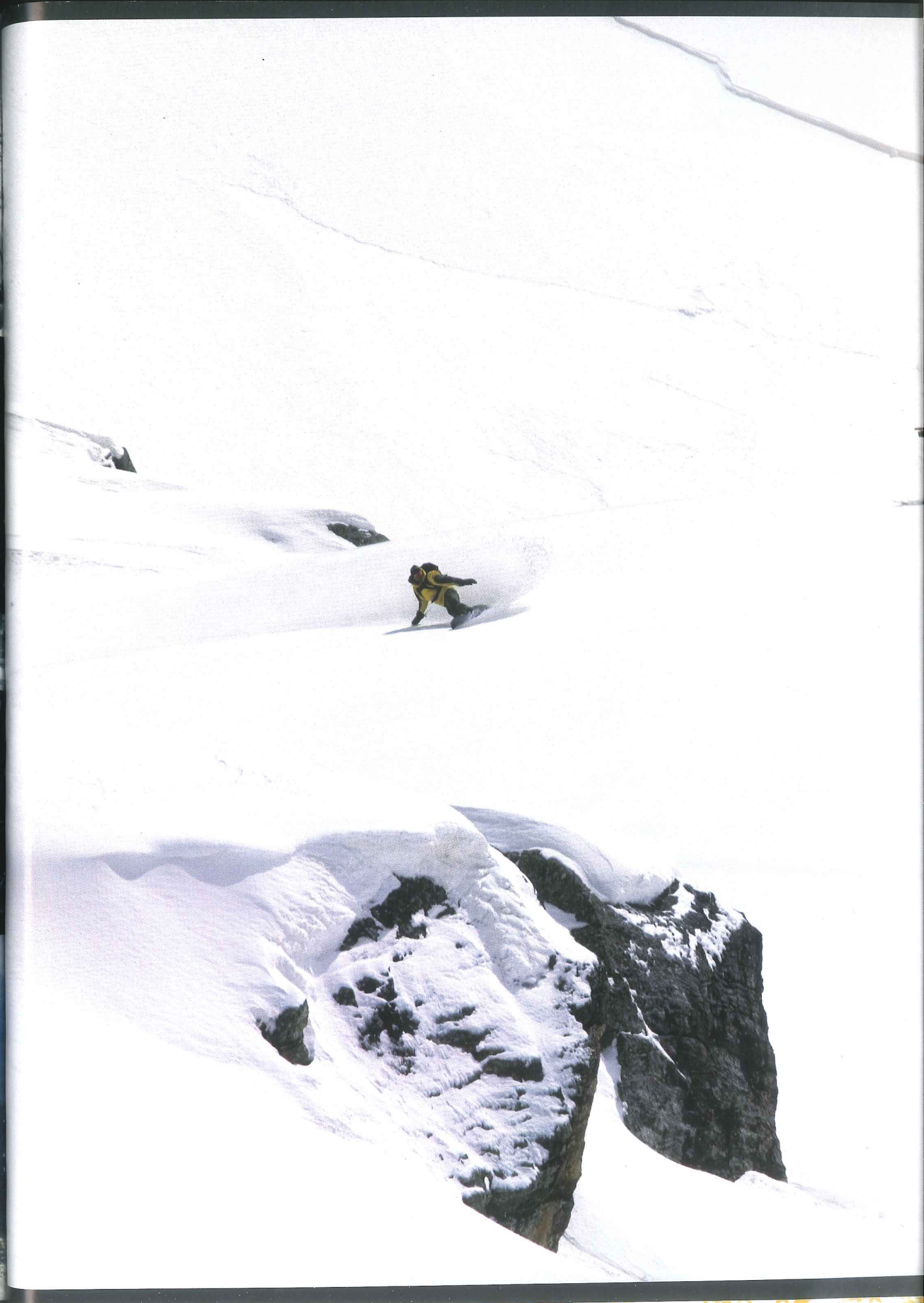
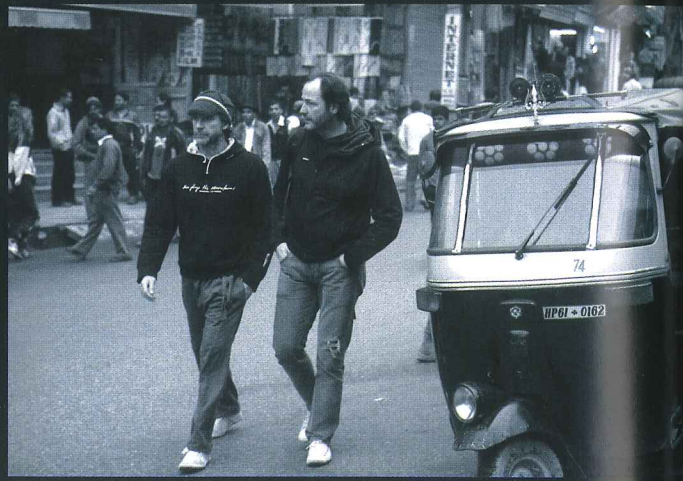
*Surfing the Mountains*

Irmãos Metsavaht finalizam a trilogia Surfing the Mountains em expedição ao Himachal





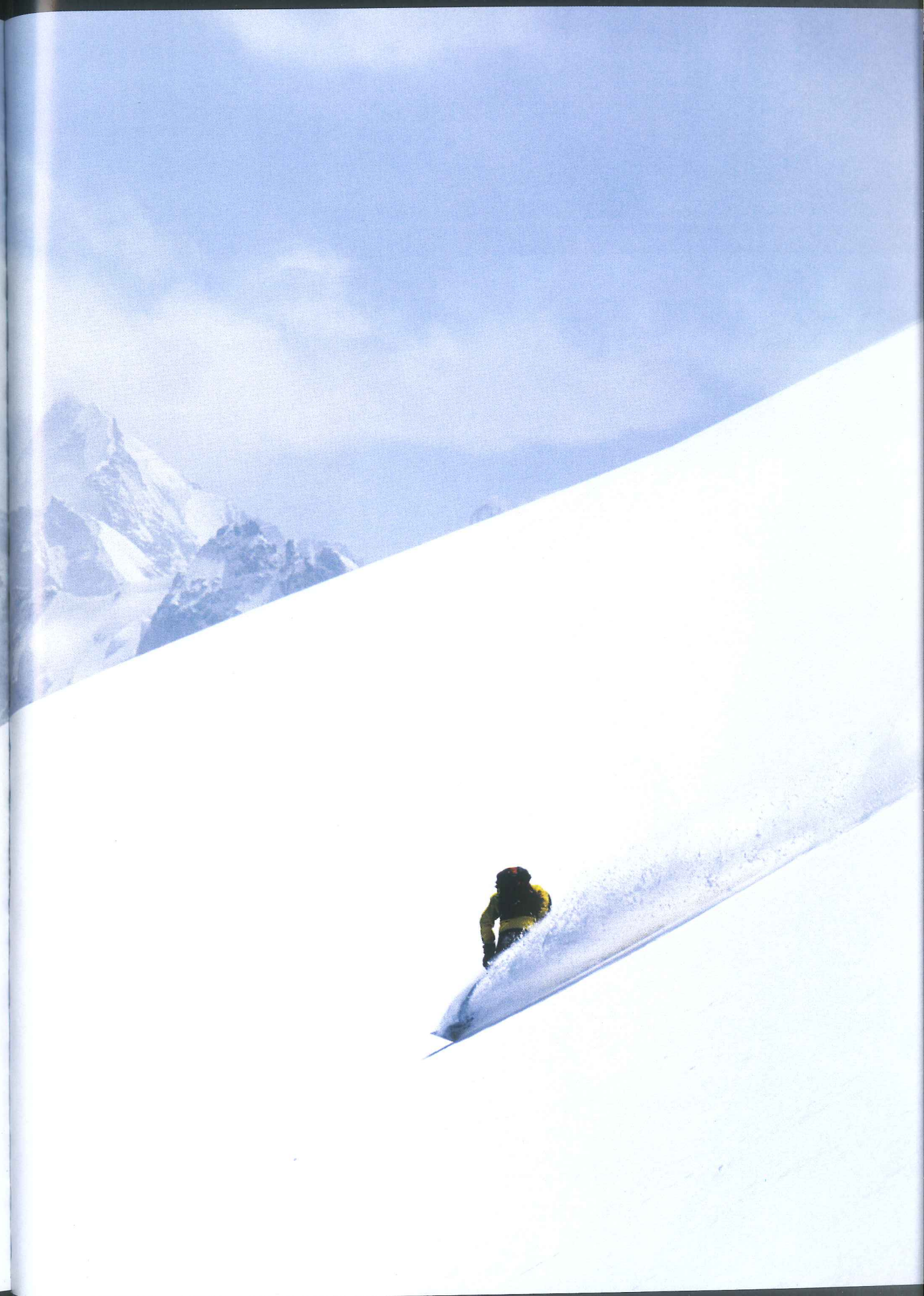
Os irmãos Oskar e Leonardo Metsavaht acabam de realizar o sonho de muitos snowboarders. Terminaram a terceira e última etapa da trilogia Surfing the Mountains, cujo objetivo era explorar as melhores montanhas para a prática de snowboard do mundo. Primeiro o vulcão Pucón (Chile), depois o Alaska (EUA) e agora as montanhas sagradas do Himalaia (Índia). Nos intervalos entre a conquista de um pico e outro do estado de Himachal, os aventureiros entraram em contato também com outros encantos locais: a cultura indiana e sua filosofia milenar.







No Himalaya, a primeira parada foi em Delhi, onde a dupla foi de bimotores a Kullu e de jipe a Manali. Durante 23 dias eles subiram a pé por trilhas e montanhas para depois descer de snowboard. Em terreno plano, os irmãos Metsavaht tiveram aulas de yoga, filosofia hindu, e conversaram sobre medicina ayurvédica com o mestre Vijay Khanna. De volta às montanhas, ficaram aclimatados nos picos do Kheri Ra Jot, que têm, em média, mais de 4.200 metros, e atingiram três cumes.











Aguardando condições melhores de tempo para avançar aos picos mais altos (devido a uma tempestade vinda do estado do Rajastão), os irmãos realizaram um sonho antigo: easy-rider. Com duas motos Enfield da década de 60, a dupla ficou dois dias viajando pelo Himalaia. Eles cruzaram o passo Rohtang em direção a Caxemira e participaram de comemorações religiosas hindus e festas folclóricas. Em McLeod Ganj foram recebidos no templo do dalai-lama, no complexo Tsuglagkhang. Foram introduzidos na filosofia budista tibetana pelo lama Gelk Rabten, mestre do Instituto de Dialética, e tiveram a oportunidade de meditar com os monges. Esse foi o preparo final para a conquista das montanhas sagradas do Himalaya.



A última meta era surfar as paredes do monte Indrasan (de 6.000 metros, a montanha mais alta da região), mas para não desrespeitar a lenda de que essa é uma montanha inatingível pelos humanos, os irmãos surfaram as montanhas sagradas que a cercam, como o Dharam Sura (de 5.150 metros) e o Indra Sui (de 5.290 metros). Por fim, surfaram o Deo Tibba, de 5.720 metros, atingindo o cume poucas horas após serem deixados na montanha pelo helicóptero a 5.100 m de altitude, ponto máximo para pouso.

Todos os momentos da expedição foram registrados pelos cinegrafistas Edgar Boyles e Greg Poschman, e pelo fotógrafo Weston Boyles, de Aspen, Colorado. O resultado poderá ser acompanhado no filme Surfing the Sacred Mountains of Himalaya, ainda em produção, ou no preview já disponível nos catálogos da coleção de inverno 2006 da Osklen, inspirada na expedição.

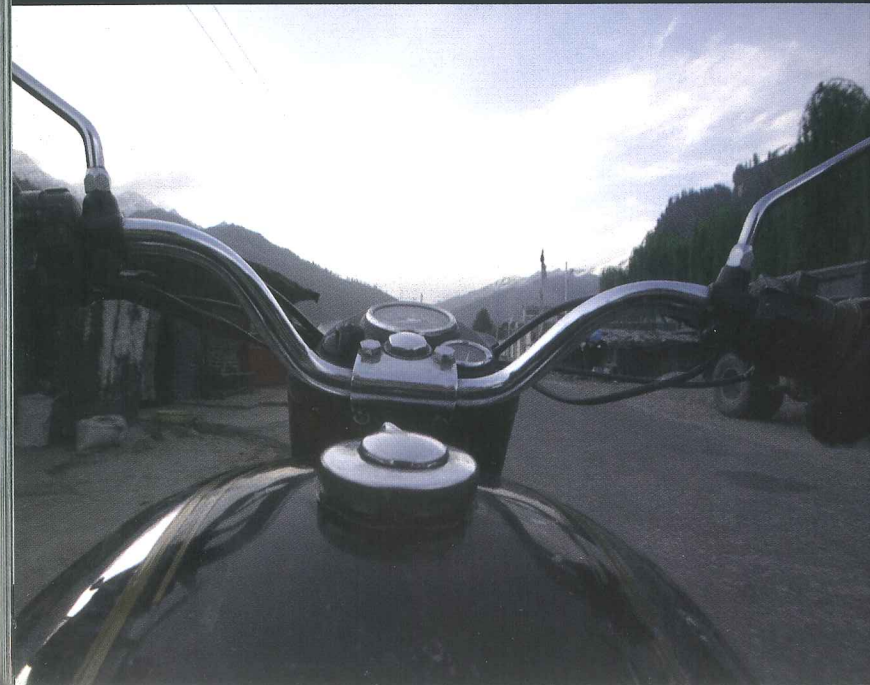




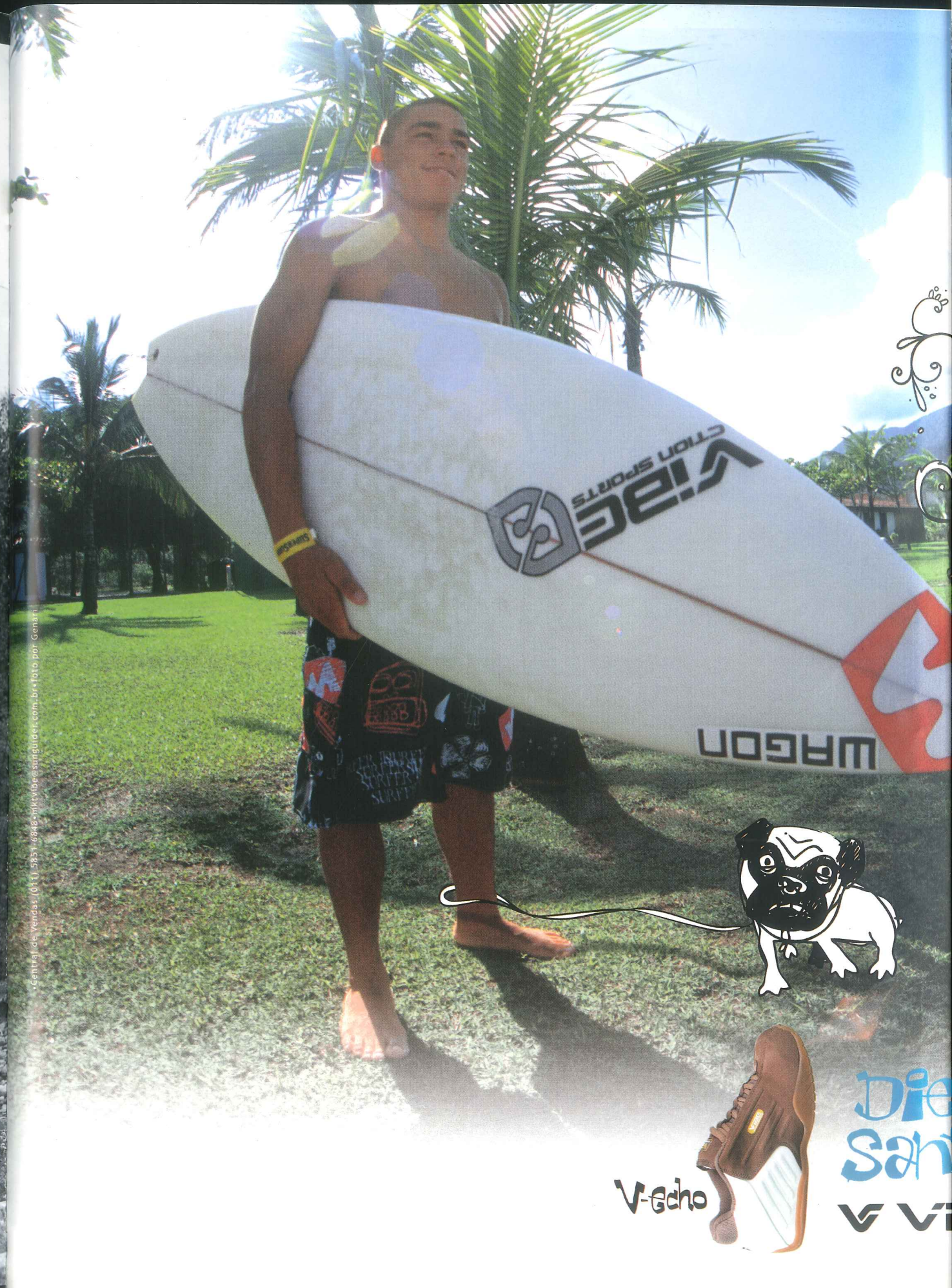
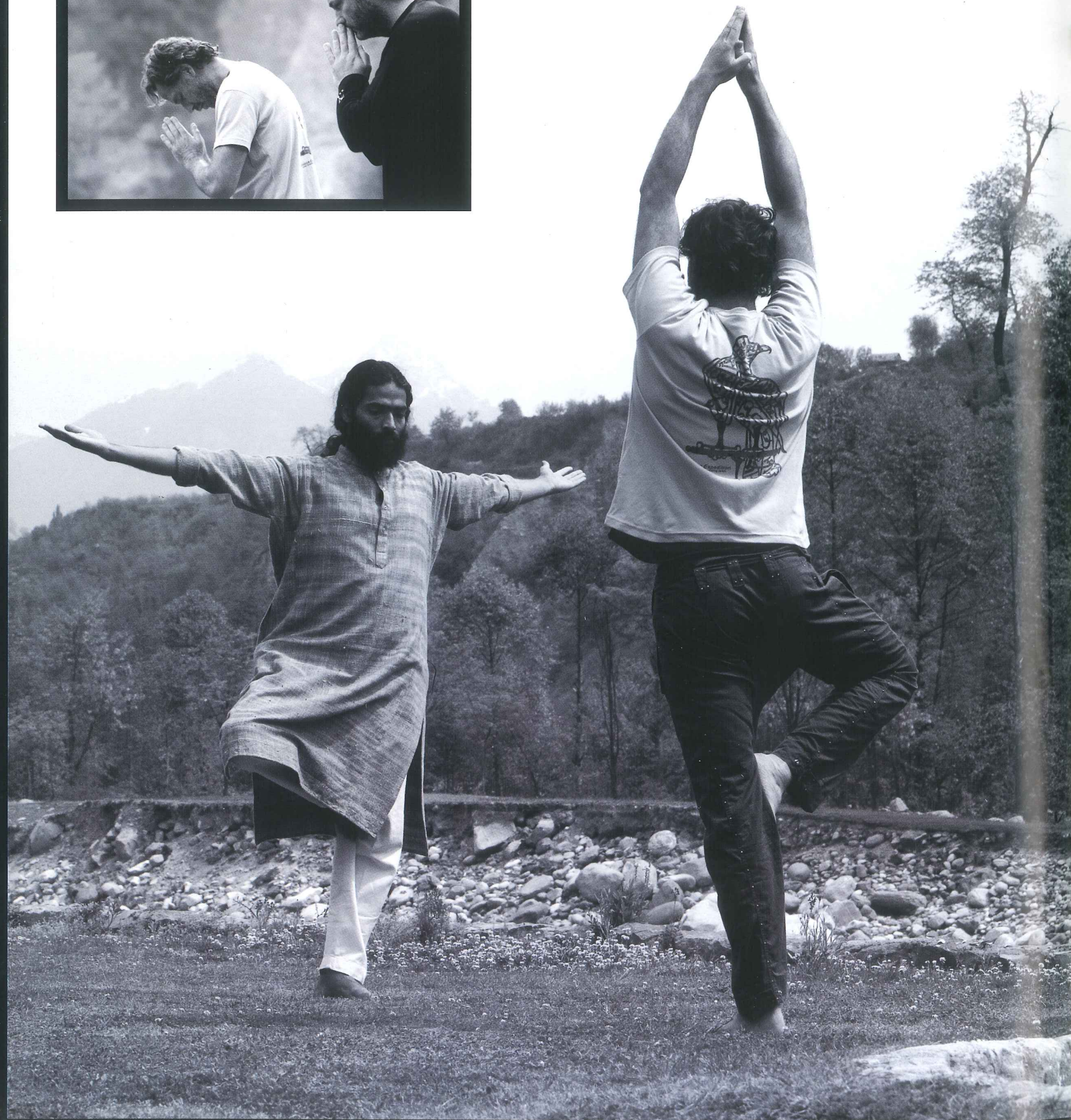
*Surfing the mountains is a personal Project of my brother Leonard and I. It's the search for the mountains that let us experience the freedom of mind, body, and soul.*

*In this expedition to India, we've surfed the cultures, the philosophies and the faces of the holy mountains of the Himalayas.*

OSKAR METSAVAHT









# “surf cósmico”

Por Taiu Bueno

## Outra dimensão...

Desde os mais remotos tempos, o homem parece ter uma certa atração pelo perigo e pela adrenalina. Acho que todos nós, quando escolhemos o surf como o esporte da nossa vida, nos sentimos atraídos pela intensidade e pelo desafio de lidar com um oceano sem limites.

Os dias vividos e as experiências absorvidas vão nos lapidando de forma intensa. Uma outra visão das coisas e do mundo vai aparecendo em nossa mente, corpo e espírito.

Envelhecer é algo que todos nós tememos. Porém, é o andamento do ciclo mais natural da vida. O pior é deixar de se cuidar e, com o envelhecimento, perder a saúde e a sanidade. O tempo não pára para ninguém, e aqueles mais malandros parecem não envelhecer nunca, cuidando do organismo, da saúde e da força interna.

A arte de saber envelhecer sem se estragar é nobre. A consciência universal vai amadurecendo. Quando somos garotões, a adrenalina e a irresponsabilidade nos transformam nuns loucos desafiadores do perigo. E saber envelhecer bem é loucura pura.

Ter passado dos 40 anos tem duas grandes vantagens, isso se retrocedermos e chegarmos a uma comparação temporal com um jovem de 20 anos, agressivo e radical. A primeira vantagem é não ter morrido antes dos 40, numa eventual investida arriscada nos limites. A segunda, é a evolução mental e espiritual que nos oferece uma visão mais ampla do mundo e um poder maior de aceitação das coisas como elas são.

O tempo e a vivência nos deixam mais calejados para lidar com as eventuais perdas que escorrem pela nossa vida. Perdas essas que podem ser alguns amigos e parentes, pessoas queridas, a própria forma física, a aparência jovem, a família, os bens materiais, a saúde, ou mesmo, em raríssimos casos, perder o surf. Esse é o tópico mais radical na minha vida.

Surf, esse é o tema em questão, e essa foi uma das minhas perdas mais importantes.

No caso, a perda de uma atividade que eu tanto gostava, e hoje, no agitado ano de 2006, já se foram 14 anos e meio fora d'água. O que a princípio eu jamais imaginaria que poderia acontecer na minha vida virou a minha realidade. Foi o destino. Mas, o irônico dos acontecimentos, foi surfando...

Trauma!? Não, somente o de botar pra dentro em quebra-cocos. De resto, o surf é seguro.

Assistir o mar todo dia, no meu caso, depois de tanto tempo surfando, é a pior coisa que pode surgir quando se sabe que não vai dar uma quedinha ou um mergulho, como dizia o grande e inesquecível Roberto Valério. Ele, apesar de arrepiar nas grandes ondas do Hawaii, mesmo se estivesse storm e nojento, não negava um mergulho em Fredland, ainda que fosse meio metro mexido e junk. Hoje já não tenho a mesma fissura de cair na água. É com certeza um recurso pessoal de autodefesa, para não pirar. Provavelmente, digo isso porque moro em Pitangueiras, no Guarujá. Se fosse em Sunset, no Hawaii, ia coçar a bunda de vontade.

Porém, se por alguma evolução geral da medicina as tais células-troncos derem um upgrade na lesão da minha medula... Nem imagino o tamanho da alegria e satisfação que isso me causaria... O simples caminhar na areia fina das Pitangueiras, o alongamento sentado na areia, o cheiro da parafina esfregada na prancha. O sinal-da-cruz feito antes de cair, a molhada de saco matinal, o mergulho através das ondas. Sentir a água salgada e o sol na pele, o momento de sair remando em direção do outside, dar um joelinho por baixo de um lip cristalino. Quem sabe um drop no pico de uma picamba de 10 pés plus em Sunset... Algum dia desses... uma remada na caverna de Uluwatu. Um carço premiado com direito a um tubaço em Maresias...

Fuck off, man!

Esse papo é muito pra minha cabeça. Vou deixar rolar, porque o futuro a Deus pertence, e o meu livro continua sendo escrito, no palitinho ainda. Só que, com muita fé, acredito que seja por enquanto.

Não dê mole, aproveite, vá surfar!

ALOHA

TAIU

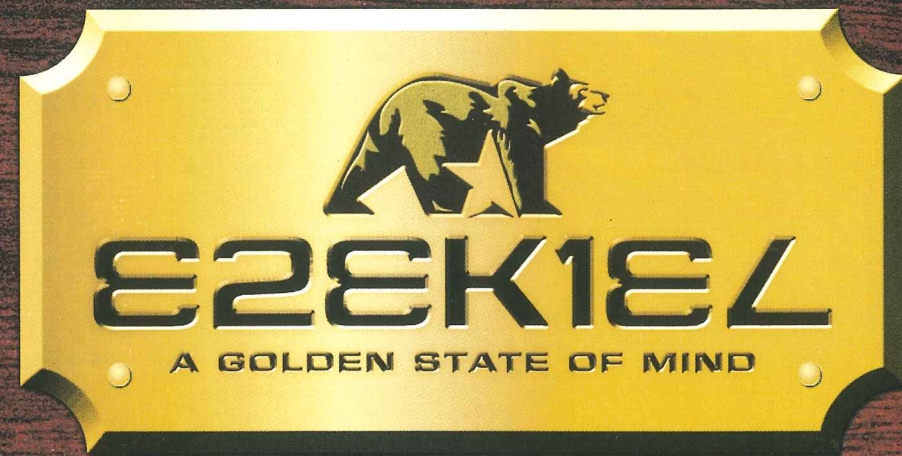
Red  
Nose  
SHOES  
Kleyton Nunes





*Created By A Higher Source*

EZEKIEL



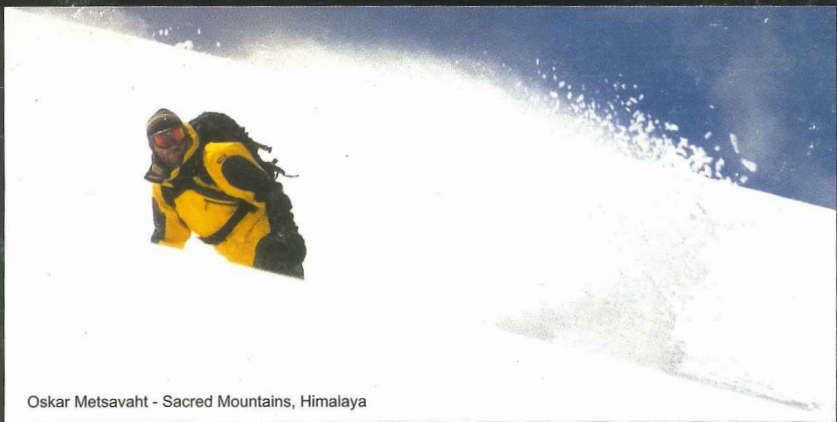
+55 (11) 5581-4335



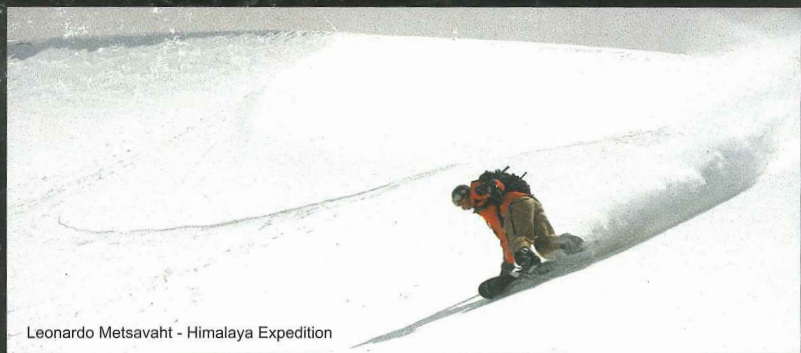
**ST2**  
STORM TECH SYSTEM



Tomas Diaz - Osklen Cooltrips 2005



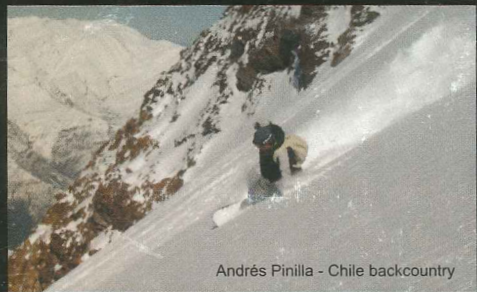
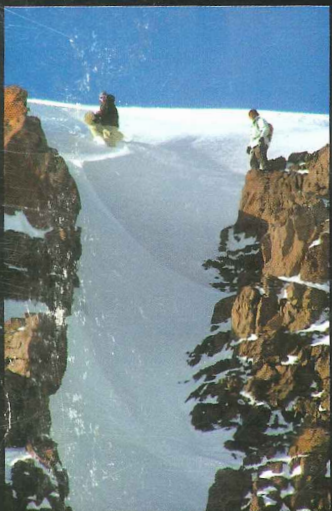
Oskar Metsavaht - Sacred Mountains, Himalaya



Leonardo Metsavaht - Himalaya Expedition



Isabel Clark - Torino 2006, Winter Olympics



Andrés Pinilla - Chile backcountry



Storm Tech System



Jonas Amarante - La Parva, Chile



*Surfing the Mountains*

**Osklen**